



GEY ESPINHEIRA

METODOLOGIA & PRÁTICA DO TRABALHO EM COMUNIDADE

GEY ESPINHEIRA

**METODOLOGIA E
PRÁTICA DO TRABALHO
EM COMUNIDADE**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITOR

Naomar Monteiro de Almeida Filho

VICE REITOR

Francisco José Gomes Mesquita



E D U F B A

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

DIRETORA

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

CONSELHO EDITORIAL

Titulares

Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria do Carmo Soares Freitas

Suplentes

Alberto Brum Novaes

Antônio Fernando Guerreiro de Freitas

Armindo Jorge de Carvalho Bião

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Cleise Furtado Mendes

Maria Vidal de Negreiros Camargo

GEY ESPINHEIRA

METODOLOGIA E PRÁTICA DO TRABALHO EM COMUNIDADE

Ficção do Real:
observar, deduzir e explicar
esboço da metodologia da pesquisa

EDUFBA
Salvador, 2008

© 2008, by Gey Espinheira
Direitos de edição cedido à EDUFBA.
Feito o depósito legal.

IMAGEM DE CAPA

Jeltovski

CAPA

Genilson Lima Santos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Genilson Lima Santos

REVISÃO

Antonio Mateus de Carvalho Soares

BIBLIOTECA CENTRAL REITOR MACEDO COSTA – UFBA

Espinheira, Gey, 1946-

Metodologia e prática do trabalho em comunidade : ficção do real : observar, deduzir e explicar : esboço da metodologia da pesquisa / Gey Espinheira. - Salvador : EDUFBA, 2008.
138 p. : il.

ISBN 978-85-232-0525-6

1. Ação social - Metodologia. 2. Comunidade - Projetos - Salvador(BA). 3. Comunidade e Universidade. 4. Sociologia do trabalho. 5. Integração social. I. Título.

CDD - 361.8098142

EDUFBA Rua Barão de Jeremoabo, s/n
Campus de Ondina, Salvador – Bahia
CEP 40170 115 tel/fax 71 3283 6164
www.edufba.ufba.br edufba@ufba.br

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Centro de Recursos Humanos (CRH)

**Grupo de Pesquisa: Cultura, cidade e democracia: sociabilidade,
representações e movimentos sociais**

Projeto: Convivência, Arte & Criação

Localização: Mata Escura – Salvador - Bahia

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) e Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia

Execução: Centro de Recursos Humanos (CRH), da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Parcerias institucionais: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Laboratório de Tecnologias Sociais da Universidade Salvador (UNIFACS) e Escola Estadual Márcia Meccia da Secretaria de Educação do Estado da Bahia

CRÉDITOS:

Coordenação Geral: Gey Espinheira

Coordenação Técnica: Patrícia Carla Smith Galvão e Marcos César Guimarães dos Santos

Coordenação de Arte-educação: Petinha Barreto

EQUIPE TÉCNICA:

Alcides Caldas – Doutor em Geografia, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Análise Regional da UNIFACS e coordenador do LTECS/UNIFACS.

Andrija Almeida – Antropóloga e pedagoga, educadora, integrante do Laboratório de Estudos da Violência, Saúde e Sociedade do Instituto de Saúde Coletiva (UFBA)

Antonio Mateus de Carvalho Soares – Mestre em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo pela EESC/USP, 2º Líder do grupo de pesquisa Cultura, Cidade, Democracia: Sociabilidade, Representações e Movimentos Sociais, CNPq/CRH/UFBA e pesquisador do Observatório Interdisciplinar de Segurança Pública/ UNIFACS, sociólogo, urbanista.

Carlos Costa Gomes – Doutor em Ciências Militares, Professor do programa de pós-graduação em planejamento do desenvolvimento regional e urbano – PPDRU da Universidade Salvador – UNIFACS e Coordenador do Observatório Interdisciplinar de Segurança Pública/ UNIFACS.

Carlos Geraldo D'Andrea Espinheira (Gey Espinheira) – Doutor em Sociologia- USP, Professor da Graduação e Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia e pesquisador associado ao Centro de Recursos Humanos (CRH/UFBA). 1º Líder do grupo de pesquisa Cultura, Cidade, Democracia: Sociabilidade, Representações e Movimentos Sociais, CNPq.

Cláudia Santana dos Santos Moura – Graduanda em Ciências Sociais – bolsista do Programa Permanecer/UFBA.

Débora Fontes – Artista plástica, professora e arte-educadora.

Elisângela Silva – Socióloga, Mestranda em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Bolsista do Projeto/CRH.

Gino Tapparelli – mestre em Sociologia e Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Helder Bonfim – Graduando em Ciências Sociais, estagiário-voluntário do projeto/CRH.
Izabela Barreto – Graduada em Dança, arte-educadora.
João Espinheira e Espinheira – Graduando em Ciências Sociais, arte-educador.
Marcos César Guimarães dos Santos – Licenciado em História, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Análise Regional da UNIFACS, bolsista do Projeto/UNIFACS.
Maria do Perpétuo Socorro Barreto (Petinha Barreto) – Diretora Teatral, Coordenadora de arte-educação.
Nádia Dias – Socióloga, bolsista do Projeto/CRH.
Natasha Kranh – Graduanda em Ciências Sociais, estagiária-voluntária do projeto/CRH.
Patrícia Carla Smith Galvão – Comunicóloga, mestranda em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social pela Universidade Católica de Salvador (UCSAL)
Tânia Cordeiro – Mestre em Comunicação Social, professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).
Tatiana Costa Ribeiro – Graduanda em Ciências Sociais - bolsista do projeto/CRH.
Tiara Alessandra Oliveira – Graduanda em Ciências Sociais - estagiária-voluntária do projeto/CRH.



Créditos: Marcos Smith

JOVENS PARTICIPANTES DO PROJETO CONVIVÊNCIA, ARTE & CRIAÇÃO – MATA ESCURA/2007
 UFBA – UNEB - UNIFACS

- | | |
|--|-------------------------------------|
| 1. Ana Carla Pinheiro Souza | 24. Jorge Luis dos Santos Junior |
| 2. Anderson dos Santos Souza | 25. José Jorge Nascimento Conceição |
| 3. Anderson Lima Magalhães | 26. Joseane Paim Santos |
| 4. Ângelo dos Santos Machado | 27. Juliete de Macedo Santos |
| 5. Antonio Borges de Santana Junior | 28. Lucas da Conceição Silva |
| 6. Bárbara Cristina da Silva de Oliveira | 29. Luiz Antonio Barreto dos Santos |
| 7. Camila Lins Santos | 30. Magna de Jesus Santos |
| 8. Cátia Santos Oliveira | 31. Marcilio Inácio Abreu |
| 9. Cecília Sá Cerqueira | 32. Marcio Cruz Rocha |
| 10. Cleide Santos Santana | 33. Maria da Conceição dos Santos |
| 11. Crislane de Jesus Santana | 34. Naiane Sousa dos Santos |
| 12. Cristiano Soares da Silva | 35. Narcizia de Jesus Silva |
| 13. Eberte dos Santos Nazaré | 36. Nelma Carvalho dos Santos |
| 14. Edmundo dos Santos Bastos Junior | 37. Osmar dos Santos Machado |
| 15. Elida Santos de Oliveira | 38. Patrícia Cerqueira da Silva |
| 16. Elisangela Santos de Jesus | 39. Rafael Gomes Bezerra |
| 17. Erica de Santana Ramos | 40. Rafaela dos Santos Dias |
| 18. Erica dos Reis Silva | 41. Robenilson Ribeiro Bastos |
| 19. Graziela Nonato da Cruz | 42. Rodielton Palmeira Barros |
| 20. Hercules Danilo Conceição de Souza | 43. Rosalvo Santiago Santana |
| 21. Íris Silva de Souza | 44. Rosimery Nunes Pereira |
| 22. Jaline dos Santos Miranda | 45. Shirley dos Santos Aragão |
| 23. Jéssica de Souza Santos | 46. William Jadson Conceição |

NOSTALGIA

Do que está fora do lugar!



A manhã luminosa joga com as cores
do mar
O barco como sombra sobre o mar em
Azuis e espumas
Está em seu lugar
São de azul e branco o mar em que
O barco está a navegar
São de azul e branco o céu sobre o mar
O barco está em seu lugar e cumpre seu
destino de mar



A manhã joga sombras luminosas, como
ondas, na ruazinha da aldeia.
O barco, nostálgico, está fora de lugar.
Sem mar, sem ondas, o não navegar é
morte asfixiada de peixe.
As sombras são ondas que não ondulam
O barco
Imóvel, em terra, uma forma de
naufragar.
Como peixe fora d'água, asfixiado ao sol
Morte de saveiro, pois a terra é o infer-
no do mar.
O destino de barco são o porto e o
fundo do mar
Imóvel, na rua, memória apagada de um
outro afogar.
Realidade excessiva
Do que está fora de lugar.

Fotos : Márcia Meneses & Antonio Mateus Soares
Siribinha, janeiro de 2003

Gey Espinheira

Dedicatória

A todas e a todos — nunca anônimos — que fizeram este trabalho a partir do Projeto Convivência, Arte & Criação, em Mata Escura, desde a sua concepção aos seus desdobramentos;

Aos nossos estudantes e professores, que comungam a emoção do fazer bem feito: Alcides, Carlos, Cláudia, Débora, Elisângela, Gino, Helder, Izabela, Jaqueline, João, Marcos, Mateus, Nádia, Natasha, Patrícia, Petinha, Tânia, Tatiana, Tiara, Walfran.

À administração do CRH que faz as coisas acontecerem;

Aos nossos entrevistados e bolsistas de Mata Escura que nos deram substância para nosso trabalho;

Às instituições que nos apoiaram...

Sem favor nenhum, o que fazemos é o que devemos; quiçá o que queremos! E sem querer que ninguém queira por nós, pela nossa fome e pela nossa vontade, somos servidos à mesa, ultrapassamos a soleira, aberta a porta, a casa nos acolhe, “viandantes da errância”: a mesa está posta, sobre ela há pão e vinho e estamos diante da “dourada árvore dos dons”¹.

Com carinho,

Gey Espinheira.

Sumário

A que nos propomos **II**

PARTE I – OBSERVAR, DEDUZIR E EXPLICAR: ESBOÇO DA METODOLOGIA DA PESQUISA

Reincidência **25**
Em busca da irrealidade **34**
Ficção do real **37**
Elementar, meu caro Watson! **52**
Maldita dedução **60**
A propósito do acaso **63**

PARTE II – ARTES DE FAZER E INVENTAR: METODOLOGIA E PRÁTICA DE OFICINAS EM COMUNIDADES

Profundidade e verticalidade **79**
A rua como espaço de sobrevivência de crianças e adolescentes **81**
Entrevistas com moradores: notas para histórias de vida e relatos pessoais **86**
Então, vamos fazer um projeto? **90**
Em casa de farinha pouca... **94**
Atores, funções, ações e localização: artes de fazer e inventar **97**
Iguais em Direito e o direito à diferença **99**
Ao trabalho, no trabalho, pelo trabalho... Oficinas de trabalho **101**
No palco das ruas **108**
Uma noite inesquecível **110**
O Juízo Final **118**

PARTE III – OFICINAS DE TEATRO

Apresentação: Sobre o que fizemos, Projeto Convivência Arte & Criação **119**
Uma noite terrível **122**

NOTAS 125

REFERÊNCIAS 126

A que nos propomos

Realizamos um “mini curso” de extensão e, como o próprio termo indica, é menor, pequeno, no sentido de curta duração, mas o mesmo não se pode falar da sensação de efêmero; portanto, o participante deve ter tido em vista o que difere uma coisa da outra, já que o municiamos para continuar suas reflexões e o convocamos para participar do compromisso social, sobretudo com os nossos jovens de bairros populares. Somos um grupo e tudo o que fazemos é coletivo, sem nos perdermos de nossas individualidades. Conjugamos, neste evento, esforços de três Universidades: a Federal da Bahia (coordenação), a Universidade Salvador (UNIFACS) com seu Laboratório de Tecnologias Sociais na Mata Escura e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Todos juntos no projeto Convivência, Arte & Criação, com o apoio da Escola Márcia Meccia da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E se o que agora fazemos é pouco, fica a promessa de mais pela frente. Combustível é o que não nos falta! O que fazer nos desafia!

Quando afirmamos que algo é alguma coisa, também o fazemos ao dizer o que não é, e se é mini, portanto breve, não se pode esperar que abarque uma quantidade vasta de conteúdos, nem que se vá ao fundo do poço em alguns deles, na verticalização necessária quando queremos ir ao interior dos mistérios. Foi, portanto, um curso introdutório, baseado em algumas experiências empíricas que podem servir de base para as nossas reflexões.

Fizemos, também, uma ressalva: não só de nossas experiências pessoais falamos, mas também de outras trabalhadas por outros profissionais, mas o fizemos *en passant*, de leve, pois, para evitar mal entendidos, já que não estávamos a esmiuçar com o rigor da ciência a prática de outrem, pois, se fosse este o propósito, então, teríamos que provar tudo o que delas dissemos; mas nem por isso deixamos de fazer referências ao que poderíamos denominar de vícios do trabalho social e chegar à conclusão lamentável do porque os problemas sociais localizados permanecem insolúveis e porque os projetos bem sucedidos não são universalizados. Em outras palavras: por que predomina a mediocridade?

Começamos discutindo o significado de comunidade. Este conceito de uso largo e abusivo. Pois, podemos denotar *comunidade de localização* e *comunidade de relações*; são, no caso, pequenos mundos, recortes de uma cidade em frações de no máximo um bairro, ainda que por este termo se tenha as mais arbitrárias extensões urbanas e as mais complexas combinações sociais.

Mas vamos aos conceitos que aqui parecem óbvios em seus enunciados: *comunidade de localização* é o compartilhar um determinado espaço comum, desses que a gente se aproxima na intimidade e simbolicamente se apropria ao usar o possessivo para o público, por exemplo, “minha rua”, “meu bairro” ou “minha cidade”. O sentimento de pertença a um lugar pode ser motivo forte de identificação das pessoas entre si quando algum interesse voltado para o lugar toca também aos sentimentos das pessoas isoladamente, promovendo certa comunhão de emoções que levam à ação. Já a comunidade de relações pode não se restringir a um espaço delimitado, prevalece à comunhão de idéias e de crenças a ultrapassar fronteiras físicas, o que pode ser exemplificado em casos de compartilhamento de crenças religiosas ou políticas, ou emoções que levam a uma integração em projetos de solidariedade cívica, como os movimentos ambientalistas ou os “sem fronteiras” que reúnem pessoas em torno de uma causa tomada como socialmente justa.

Atualmente tem-se usado o conceito de comunidade sem nenhuma precisão, tão somente para delimitar qualquer espaço, urbano ou rural, ou para referir-se a uma determinada etnia ou outro grupo específico. *Comunidade de Santo*, por exemplo, para designar os adeptos do candomblé, ou do povo de Deus, para englobar evangélicos neopentecostais, assim como a comunidade negra da Liberdade, bairro de maior concentração de afro-descendentes da cidade do Salvador; ou ainda, comunidades do Subúrbio, também para identificar os espaços urbanos tipificados como bairros ou invasões, ou ainda conjuntos habitacionais. Essa imprecisão conceitual, impregnada da idéia subjacente de que comunidade significa comunhão de idéias ou irmandade, leva a erros graves no trato social de projetos supostamente de interesse público, ao mesmo tempo em que dissimula interesses políticos na manipulação de “agentes comunitários” e de sentimentos de pertença.

A grande diversidade e a fragmentação social já não permitem o uso generalizado do *habitus*, como na sociologia de Bourdieu, para o entendimento da relação do indivíduo com a sociedade, na reciprocidade da subjetivação e objetivação em sociedades de pequena escala. Mas, o recurso à compreensão da multiplicidade de *habitus* mesmo em um espaço restrito, povoado por diferentes tipos, como grupos de idade, étnicos, de gênero, religiosos, artísticos, lúdicos etc., que professam diferentes interesses e representações de si.

A idéia cristã de comunidade persiste, fazendo o tradicional alimentar a perseverança do conteúdo valorativo do conceito em uma época de alto individualismo e de prevalência do Estado sobre o sociativismo, e este que quando se manifesta é precisamente para dirigir-se ao Estado para que este assuma uma determinada causa, na forma de “política pública”. Sennett (1988), em estudo memorável, refere-se ao “declínio do homem público” e o seu recolhimento à vida privada, a uma intimidade que o tiraniza, mas que também o protege, demarcando o limite de épocas. Sem a compreensão mais precisa desses tópicos o que se faz mal endereçado é enviar os resultados esperados, ou prometidos. Erros de alvo, desvios de recursos e perda de energia, gerando desilusão política e preservação das desigualdades sociais.

Uma das tradições sociológicas mais fortes em estudos de comunidades é a dos Estados Unidos, certamente por ser um país marcado por grandes fluxos migratórios e por ajuntamentos étnicos a constituírem conjuntos comunitários no âmbito da sociedade nacional. Robert Park e W. I. Thomas, na segunda década do século xx, na Universidade de Chicago, deram grande ênfase aos estudos sobre os guetos de negros, de judeus; assim como os estudos sobre os migrantes poloneses feitos por Znanieck e Thomas. Mais tarde, Roberto S. Lynd e Helen M. Lynd (1929) se dedicaram ao estudo *Middletown* (cidade média) e em 1937, *Middletown in transition*.

Para uma definição mais ampla do que seja “comunidade”, recorremos à Enciclopédia das Ciências Sociais (1968), que nos traz a seguinte conceituação:

Uma comunidade, no sentido que damos aqui a esta palavra, é um sistema social territorialmente limitado ou um conjunto de

subsistemas funcionais engrenados ou integrados (econômico, político, religioso, ético, educativo, jurídico, socializador, reprodutivo etc.) referidos a uma população residente, mais a cultura material e infra-estrutura física por meio do qual operam esses subsistemas. O conceito de comunidade não inclui características tais como harmonia, amor, sentimento de “nós outros” ou intimidade, que nostalgicamente se atribuem às vezes a comunidades pré-industriais idealizadas (Foster 1960-1961), porém se inclui um mínimo de consenso. Em cada subsistema existe uma estrutura normativa herdada do passado ou conscientemente instituída, e a conformidade às exigências dessa estrutura é, geralmente, suficiente para garantir a execução das funções antes mencionadas (1968, p. 631).

Partindo, portanto, deste conceito, que pode ser refinado quando os estudos se tornam mais particularizados, a exemplo de *Corpo e Alma*, de Loïc Wacquant; ou de *Os Estabelecidos e os Outsiders*, de Norbert Elias e John Scotson; mais proximamente *Travessias* de José Eduardo Ferreira Santos, sobre Novos Alagados; *Deserdados do Mar e Segregados em Terra*, de Antonio Mateus de Carvalho Soares, ou os nossos estudos sobre o Maciel (1971; 1984) e *Bate Coração* (1992); *Sociabilidade e violência no Subúrbio Ferroviário*, 2004. Claro que deixamos de fora uma infinidade de referências, pois não é nosso objetivo aqui e agora ir mais a fundo, como dito antes, cabendo ao participante do curso lembrar e trazer à tona experiências que sabemos copiosas nos programas de pós-graduação de nossas Universidades, mas também realizados por órgãos públicos e por organizações não governamentais.

Partimos de nosso Grupo de Pesquisa registrado no Diretório do CNPq: “Cultura, cidade e democracia: sociabilidade, representações e movimentos sociais”, que adotou a linha de atuação de “redução de danos sociais” privilegiando estudos de grupos socialmente mais frágeis e de suas lutas ou de suas condições de vida na dinâmica da vida cotidiana; como também preocupação com as manifestações lúdicas das festas públicas de Salvador, denominadas de “festas de largo” a culminar com o Carnaval, na linha da Sociologia das Emoções², mas

também a envolver as tristezas e as crueldades da vida: cor, dor, odor, tudo o que o nosso corpo percebe e sofre e que a nossa razão nos convoca a pensar, a refletir.

Nosso empreendimento se volta para estabelecer uma ponte entre a Graduação, a Pesquisa e a Pós-Graduação, com a experiência empírica da Extensão, abrindo a Universidade para a vida social lá fora. Fazemos, desse modo, uma corrente que permite estudantes percorrerem um caminho acadêmico coerente e seguro em sua formação, sem se fechar no academicismo que é um dos vícios mais perniciosos do círculo intelectual.

Ao defendermos uma sociologia *mundana*, o fazemos a partir de nossa própria experiência empírica em contato com as nossas populações e voltados para elas. O trabalho em comunidades, envolvendo estudantes em processos de conhecer e modificar é, sem dúvida alguma, um dos mais consistentes em razão dos compromissos assumidos. Não se trata, de modo algum, de um fazer neutro da ciência, mas uma ciência anunciada em sua pactuação social, já que se faz para desfazer o discurso ideológico da “ciência do planejamento urbano”, “econômico e social” que “cientistas” da economia, do urbanismo, da geografia e da sociologia estão a fazer para justificar a racionalidade das intervenções diferenciadas, criando conceitos absurdos, mas que se naturalizam, como os que já falamos: “áreas de vocação de habitação popular”, ou “unidades habitacionais embriões”, justificadoras de espaços mínimos destinados ao abrigo — abrigo e não moradia! — de pobres, na mais pura e objetiva política de: *aos pobres a pobreza!*

Os profissionais das ciências sociais estão ocupando cargos burocráticos, sobretudo neste campo alargado da pós-modernidade: o planejamento, e esta atividade racional a racionalizar em nome de interesses que estão em jogo, como é o caso dos projetos sociais de habitação popular que comprometem o ambiente urbano em que se localizam os conjuntos habitacionais, e mais, comprometem todos os moradores que se tornam vítimas desses conjuntos. Chamamos a atenção para o trabalho de doutorado que Frediani³ está desenvolvendo, do qual conhecemos o DVD, *Ferida Aberta*, no qual prestamos depoimento sobre a política habitacional do Governo da Bahia em áreas adjacentes a Novos Alagados, especialmente no

Conjunto Nova Primavera. Esse tema também foi estudado profundamente por Antonio Mateus de Carvalho Soares em sua dissertação de Mestrado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos, Universidade de São Paulo.

Aquele Mini Curso, por exemplo, foi um amadurecimento de pelo menos três grandes projetos de pesquisa e de intervenção: “Redução de danos sociais nos bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador”, (2002–2004)⁴; “Movimento Sociedade & Ambiente” (2002–2004)⁵, no Litoral Norte da Bahia, com a interveniência da Fundação Ondazul e Convivência, Arte & Criação”, no bairro de Mata Escura (2006–2007)”⁶, em Salvador, mas não devemos perder a memória de estudos como Bate-Coração, em que analisamos detidamente a gênese de uma grande invasão na década de oitenta, assim como antes estudáramos a consolidação e transferência das invasões do Tubo e do Cai-Duro das margens da Avenida Magalhães Neto (Pituba) e Costa Azul, antigo clube do mesmo nome ocupado por sem teto e território adjacente com barracos de madeira, lona, zinco e alvenaria, abrigando milhares de pessoas.

Uma de nossas tarefas talvez seja esta de fazer o levantamento dos trabalhos realizados nesses ambientes citados nos últimos 10 ou 5 anos, de modo a termos um referencial às mãos quando quisermos ir adiante em nossos estudos. Este passo metodológico é importantíssimo: saber o que existe, como foi feito e que resultados trouxeram, tanto para a teoria como para a prática de intervenção em comunidades, sabendo desde logo que a nossa tarefa é de resistência ao planejamento oficial que se utiliza de uma lógica de limite à pobreza preservando-a, distanciando-a e marginalizando-a em nome do “social”. Com recursos públicos, nacionais e internacionais, a invenção de dois mundos em nossas cidades, separados por muralhas concretas de investimentos simbólicos a qualificar espaços e pessoas.

Rémi Hess, autor de *Sociologia de Intervenção* (1983) inicia seu livro, já na introdução, com as seguintes palavras:

Todo sociólogo sonhou um dia ou outro que os seus trabalhos tivessem um efeito social. Todo sociólogo teve o desejo de ver suas pesquisas modificar a sociedade. Por detrás de todo sociólogo dormita a idéia da mudança social. [...]

O bom uso da sociologia consiste, então, em “torná-la contagiosa, violenta e em assegurar a sua propagação rápida, imparável” (p. 11). [...]

Na intervenção sociológica, o “cientista” não produz as suas teorias no seu gabinete ou em laboratório, mas no social. Para conhecer a realidade social, o sociólogo de intervenção confronta-se com ela, tentando por vezes transformá-la. A mudança social está na própria raiz da produção do saber sociológico. Outro aspecto comum aos projetos da escola sociológica de Bataille, Caillois, Leiris... é a vontade de socialização da sociologia.

Na sociologia de intervenção, a sociologia é um vírus que toca toda gente. Ela deve ser feita pelos próprios grupos sociais, sendo o sociólogo antes de mais aquele que propaga o vírus do que aquele que produz a sociologia como momento particular do saber social. O saber social produz coletivamente pelos atores sociais (p.12).

Sociologia “pura” ou academicamente comprometida pode dar-se ao luxo de conhecer para o conhecimento; a sociologia de intervenção, entretanto, é aquela que está a serviço das transformações sociais e que escolhe de que lado está; é neste sentido que afirmamos que a sociologia jamais é imparcial. Aliás, nenhum conhecimento o é; é fonte e expressão de poder a intervir na vida social como destacam Codina e Díaz (2006, p. 29):

La subversión material de la vida cotidiana por los productos del conocimiento y la tecnología ha conducido a la mejora de las condiciones de vida de una parte significativa del mundo, pero este no es el único resultado. La estandarización de la vida humana y la pérdida de la sociodiversidad son resultados igualmente notables, aunque absolutamente destructivos, e indeseables. La cotidianidad subvertida tiene a hacerse única y dependiente de elevados consumos de Naturaleza, lo que incrementa su fragilidad. La pérdida acelerada de la sociodiversidad parece una carrera desenfreada en busca de estados sociales de homogeneidad y

equilíbrio. Pero en términos de vida y sociedad, homogeneización y equilibrio son equivalentes a la muerte.

Diante da percepção dos problemas que o mundo contemporâneo — leia-se, pós-modernidade — nos apresenta, dos quais somos parte constitutiva deles, não cabe neutralidade ou omissão, mas decisão sobre qual a orientação seguir. Dentre nossas preocupações está precisamente aquela primeira, que é a de superar a visão ingênua e nostálgica da noção de *comunidade*, precisamente para evitar certos encaminhamentos mistificadores que têm sido reproduzidos até a náusea por projetos sociais, sobretudo quando patrocinados pelas esferas governamentais.

Algumas mistificações devem ser preliminarmente levantadas: sobre o “desenvolvimento integral do ser humano” falam pedagogos e trabalhadores sociais quando pensam em educação e em ações sociais. A verdade é única aqui: só há integralidade na morte! Estamos em uma sociedade de classes, cuja tônica é a distinção e cujo efeito extremo é a exclusão. Integração e inserção social, boas intenções sem que os mecanismos postos em práticas correspondessem aos meios eficazes para a realização desses objetivos. Eis exemplos de ações “não lógicas”. Vale a pena aqui fazer uma breve alusão aos conceitos de Pareto, sob o olhar de Peter Winch.

Uma ação lógica é, então, aquela que preenche as seguintes condições:

- a) É considerada pelo agente como tendo um resultado, e é praticada por ele com o propósito de alcançar aquele resultado;
- b) Tende realmente a produzir o resultado que o agente tem em vista;
- c) O agente tem (o que Pareto consideraria como) bons (isto é, “lógico-experimentais”) fundamentos para sua crença;
- d) O fim buscado deve ser um que seja empiricamente identificável.

(PARETO, *apud* WINCH, 1970, p. 95)

Por mais que se possam fazer reparos a estes conceitos de Pareto, eles nos ajudam, como dissemos, preliminarmente, a vencer certos obstáculos que o óbvio nos propõe a cada instante em seus reinos de misti-

ficação. Ver a pobreza como “virtude” e os pobres como “coitadinhos” a se satisfazem com o “mínimo”, com o “básico”. Não é preciso ir longe para perceber situações alarmantes que se alimentam desses pressupostos. Vamos aos programas habitacionais populares, sobretudo aos conjuntos que estudamos nesses últimos anos, cuja síntese está em *Deserdados do Mar e Segregados em Terra*, ou *Das Palafitas aos Conjuntos Habitacionais*, ou ainda o DVD *Ferida Aberta*, de Alexandre Apsan Frediani, 2006/7, sobre a mesma temática.

É como se tudo fosse feito com a lógica do não-dar certo, com o escudo ético do humanismo e a prática cruel de oferecer aos pobres a pobreza e torná-los mais pobres ainda, sem, efetivamente, construir a capilaridade para a ascensão social que anunciam de forma redentora. Esse altruísmo dos projetos sociais é, de fato, o truísmo do seu oposto: a manipulação ideológica dos grupos sociais empobrecidos.

Está em curso o projeto de revitalização da região do Comércio. Em nosso projeto “Signos de Salvador”: estabelecidos e desafortunados”, que é como um guarda-chuva para subprojetos específicos, mas a partir da mesma preocupação, Isabele Duplat, seguindo a Antonio Mateus de Carvalho Soares, como bolsista do PIBIC, compôs o relatório intitulado: “Requalificação urbana: estabelecidos e desafortunados do Centro Histórico de Salvador. Identidades de Salvador: signos e vida cotidiana na Cidade Baixa — o turismo, a cultura e a vida social dos estabelecidos e desafortunados III — com artigos de sua autoria e dos demais membros do Grupo de Pesquisa: Elisângela Silva: “Impactos de um projeto de renovação urbana nas estratégias de sobrevivência dos trabalhadores informais”; Nádia Dias: “Mulheres da Sé entre dois fogos: diferentes perspectivas de duas instituições ligadas a atividade prostitucional”; Patrícia Carla Smith Galvão, na Dissertação de Mestrado em conclusão no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da UCSAL, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Vasconcelos, estudando a realidade das áreas decadentes do Pilar e eu próprio, com um conjunto de artigos, como minha contribuição para a análise desse processo, cujo fim último é o afastamento dos componentes das classes populares como seres indesejáveis ao novo cenário que se projeta para o turista ver.

O acontecido no Pelourinho na década de 1990 se repete e tenderá a se repetir enquanto o campo da cultura não for suficientemente forte para forçar o campo da política a mobilizar-se eficazmente, para além do discurso de corpo presente ou não. Em 1993, no artigo publicado em *A TARDE Cultural*, intitulado *Janelas cegas — Pelourinho: a alma separou-se do olho e da mão*, analisamos a forma como projetos dessa natureza descartam os habitantes do lugar, as pessoas que pertencem às “classes populares” consideradas indesejáveis, excessivas. No número 20 da Revista *Íconos*, o Arquiteto Urbanista Paulo Ormin-do Azevedo (2005) faz uma revisão crítica do planejamento de áreas históricas com fins turísticos, focando o caso específico do Pelourinho, em Salvador–Bahia–Brasil, demonstrando o sacrifício da cultura e impondo uma outra falseada. Tivemos a oportunidade de comentar este artigo e alguns outros tecendo, em *El patrimonio e la domesticación de la cultura* (2005), uma perspectiva crítica ampliada em cidades da América Latina.

Como esta introdução já se alonga e não é nela que dizemos tudo o que nos interessa, chamamos a atenção do participante do curso e de nosso leitor para a necessidade de se prestar atenção às práticas concretas e não aos discursos. Sabemos a distância entre a intenção e o gesto; entre o falar e o fazer. Quando o que se diz não se escreve, melhor, não se faz, a simulação deve ser apontada. Fomos bombardeados por propaganda, na mais pura expressão desse termo, a nos dizer que a “Bahia estava no caminho certo” e que éramos uma ilha de otimismo, pois o crescimento da economia do Estado da Bahia era superior ao do país a cada ano. O resultado se expressa, contudo, em nossas mazelas sociais, cuja evidência mais grosseira é a de sermos o 6º PIB nacional, em 27 Estados e um Distrito Federal, e estamos, no entanto, na 22ª. posição em Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Isto significa: analfabetismo, desemprego, mortes precoces pela saúde precária, insegurança social institucionalizada com elevado índice de homicídio, proximidade inacessível a bens e serviços dispostos pela sociedade da superabundância; enfim, exclusão social. No campo da cultura, a terrível homogeneização que afeta até o Carnaval, transformado em “negócio” e despidamente “negociado”,

despido de fantasia, depois de aniquilar culturalmente com as Festas de Largo ao longo da gestão higienista voltada para “desfavelizar as festas de largo”. No plano das cidades, a vitória deslavada da especulação imobiliária e a mercantilização de tudo, como das praias de Salvador e do Litoral Norte, de outras regiões do Estado, urbanas e rurais, entregues a comerciantes e grandes empresários em detrimento dos interesses ambientais e coletivos.

A sociologia de intervenção é um libelo contra essa correnteza perversa que tudo leva de roldão para dar lugar à apropriação por uns poucos com a conivência do poder público, e este é um fato que não pode ser desprezado, mas ressaltado com toda ênfase. Então entendemos a resposta à pergunta: por que tudo que é social e do interesse coletivo é de segunda ou última classe? E de que estamos falando? De racismo escancarado e camuflado, de Segurança Pública, de Saúde pública, de Educação pública, de Moradia popular, de Lazer comunitário, de Trabalho, de Transporte coletivo... Creio que esta relação pode ser ampliada, não? Por exemplo, prisões dignas e do mais pleno respeito aos Direitos Humanos.

Portanto, contra o discurso patético, de má-fé, dos programas sociais postos em práticas, a perspectiva crítica da sociologia crítica, da sociologia carnal que recusa a anulação dos indivíduos, como nos alerta Onfray (2001, p. 41) e que reforça o já dito acima, mas vamos lá:

Toda política, classicamente, propõe uma arte de submeter o indivíduo e dele fazer um sujeito, com o auxílio dos caprichos e vantagens que se permitem a uma pessoa. Ela sobressai como técnica de integração da individualidade dentro de uma lógica holista na qual o átomo perde sua natureza, sua força, sua potência. Todas as utopias declaradas, mas igualmente os projetos de sociedade que pretenderam recorrer à ciência, à positividade, ao utilitarismo mais sóbrio, colocaram o seguinte axioma: o indivíduo deve ser destruído, depois reciclado, integrado em uma comunidade provedora de sentido. Todas as teorias do contrato social se apóiam nesta lógica: fim do ser indivisível, abandonado do próprio corpo e advento do corpo social, único habilitado, a

partir daí, a reivindicar a indivisibilidade e a unidade habitualmente associadas ao indivíduo. [...]

Pobres e proletários têm a ver com os deportados na penúria, na miséria, na ausência de futuro, na condenação a uma reiteração sem esperança de acabar com aquilo que ocupa o tempo diariamente: levantar, trabalhar, sofrer, penar, servir aos ritmos e cadências impostos pelos outros, sopas miseráveis, saúde precária, esperanças proibidas, direitos para os senhores, deveres para os escravos, sem possibilidade de imaginar uma inversão ou uma partilha das ordens, alguns deveres para os chefes, dois ou três direitos para os trabalhadores. (p. 46)

É isso, portanto, que quisemos com o nosso Mini Curso e o que queremos manter vivo com as nossas publicações. Teremos tempo e condições de estendê-lo como um médio ou longo curso mais adiante, e vamos fazê-lo. Neste momento trabalharemos com algumas teses, dentre elas a da “sociologia de proximidade” e da “ficção do real” em situações de trabalho em comunidade, ou seja, em ambientes restritos e no calor da hora, isto é, no tempo presente. Uma série de textos que utilizamos em experiências comunitárias (mais proximamente a que realizamos no momento no bairro de Mata Escura — em parceria com a Universidade Salvador (UNIFACS/LTECS) e com a Universidade do Estado a Bahia (UNEB), no desenvolvimento do projeto “Convivência, Arte e Criação”, com o apoio da Escola Márcia Meccia, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, sob o patrocínio da Secretaria da Segurança Pública e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), na seleção do edital “Novas Tecnologias de Prevenção à Violência”) — estão aqui ofertados e pedimos permissão às agências para as quais alguns dos materiais foram originalmente produzidos para a reprodução aqui, a exemplo do Projeto Axé, da Cipó, da OndAzul, do Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, da Juspopuli, do Cedeca, do IAPAZ e outras que nomearemos sempre que for o caso.

Falamos de pesquisa e de ação e juntamos os dois termos na já conhecida metodologia da pesquisa-ação, aqui tomada como uma atua-

lização do movimento de Sociologia de Intervenção que teve na França impulso e que continua a nos animar, como teoria da ação social cuja inspiração mais básica é a de K. Marx e do marxismo como corrente científica da mudança social pela vontade dos atores sociais. O elogio à nossa capacidade de imaginar, de desejar, de querer e a nossa vontade de potência. Lembremos com o poeta T.S. Eliot “e tudo é sempre agora”.

Salvador, março de 2008

Carlos Geraldo D’Andrea Espinheira (Gey Espinheira)

PARTE I

OBSERVAR, DEDUZIR E EXPLICAR ESBOÇO DE METODOLOGIA DA PESQUISA

La ciencia es una esfera finita que crece en el espacio infinito; cada nueva expansión le hace comprender una zona mayor de lo desconocido, pero lo desconocido es inagotable.

Jorge Luis Borges

A ética do conhecimento não se impõe ao homem; ao contrário, é ele que a impõe a si, tornando-a axiomáticamente a condição de autenticidade de todo discurso ou de toda ação.

Jacques Monod (O acaso e a necessidade)

Reincidência

Este é um capítulo em que procuramos aprofundar o esboço do processo de construção da metodologia da pesquisa em sociologia. Queremos transmitir ao aprendiz a leveza e ao mesmo tempo a firmeza do processo de trabalho intelectual para o desenvolvimento da pesquisa social. É claro que o nosso campo de atuação é a vida social em um determinado recorte, são as pessoas, reais, concretas, as nossas personagens no jogo das figurações que compõem. Assim dito, fica já uma demarcação de nosso campo de atuação e uma tendência: a de ver os indivíduos como pessoas; são elas, a partir de suas vontades e desejos, mas também de seus interesses e seus cálculos de custo/benefício que realizam as ações e constroem a vida cotidiana.

Pode parecer simples, comum na expressão do termo, a vida de um ou de outros seres humanos diante de nós. Mas, certamente, ela ou elas estão concertadas em *figurações* que são formas sociais de ser, de organização de ação, de indivíduos e de grupos na sociedade, cada qual na representação de seus interesses, motivados por suas preferências, por seus desejos ou pelas injunções da vida como seres dominados.

É por demais importante, observar o que se passa a nossa frente, ao nosso lado, ou atrás, o escondido e às vezes o oculto. O nosso ofício é o de realizar o “desencobrimento”, o de revelar o oculto, o de esclarecer o enigma da vida social. Rer, também, o que já conhecido poderia aparecer de outro modo aos nossos olhos. Vamos então pesquisar e fazer os nossos relatos.

Vamos, mais adiante, desenvolver os conceitos, a exemplo deste: *configuração*, tão caro ao sociólogo holandês Norbert ELIAS ao nos falar da *figuração*, a relação que os indivíduos tramam entre si em determinados contextos significativos produzindo interdependências de sentido em suas ações. Precisamente por compreenderem o sentido das ações é que a interdependência traça o significado maior do contexto social em que esses indivíduos estão, de modo que se pode perceber a realidade tanto a partir da estruturação da configuração, como pelo sentido dela nos indivíduos que aí estão a *jogar* o jogo da vida cotidiana. Tudo é, portanto, forma e meio de conhecer a realidade social na dinâmica das relações sociais e das emoções das pessoas envolvidas para a captação do sentido das ações sociais desempenhadas.

Elias (2005, p. 142) nos apresenta a idéia de configuração como se segue: “por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores — não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade de suas ações nas relações que sustentam uns com os outros”. Fica claro, portanto, que a interdependência entre os indivíduos em suas ações traça a configuração e expõe o seu conteúdo e o seu significado. Se falarmos, por exemplo, de uma configuração voltada para a fé no sobrenatural, é o sentido do religioso e o modo de expressar a religiosidade que organizarão as pessoas nos rituais de reforço e de atualização da crença. Compreendendo, assim, a religiosidade e as disposições

dos indivíduos para a crença, se entende também a configuração em toda sua amplitude, sentido e significado.

Falamos do processo de conhecer, ainda que de um modo apressado, com poucos exemplos, mas já dá para perceber os primeiros contornos do trabalho da pesquisa, cujo começo é a *observação*. Nos limitamos a certo olhar, sem nenhuma intenção de ir além neste texto, queremos convocar o leitor a uma reflexão sobre a postura do pesquisador na delimitação do seu campo, na escolha do seu tema, na feitura do seu recorte e na escolha de sua metodologia, deixando-o logo de sobreaviso de que essas escolhas não são aleatórias e poderíamos ainda dizer que muito frequentemente o método é que nos escolhe e nos guia, quase mesmo a nos determinar, como veremos mais adiante em nossa análise.

Convocamos o leitor a uma experiência de reflexão sobre o processo de conhecer uma determinada “configuração social”, a sua composição na apreensão das relações que promove, nos sentimentos que ela nos proporciona. Vamos à delimitação do campo de observação pelo caminho que o delimita e o circunscreve. Vamos, então, ao trabalho de fazer um projeto de pesquisa e ir adiante à análise sociológica revelando o oculto, explicitando detalhes e revendo com novo olhar o que já era conhecido de um outro modo.

Falamos, inicialmente, que fazer um projeto de pesquisa e concluí-lo significa compor uma análise de algum aspecto da realidade e transmiti-la aos outros como um relato coerente, congruente com a realidade, como uma ficção: com começo, meio e fim... E com estilo! Só que é uma *ficção do real*, o que não é a mesma coisa que o real da ficção, que eterniza os fatos em histórias fora da História, como veremos adiante, até mesmo com o vôo de Peter Pan, Wendy e Sininho e os meninos que vão à Terra do Nunca para nos encantar para sempre, assim como a turma do Pica Pau Amarelo fez uma belíssima viagem ao Céu, dessas de dar inveja a qualquer astronauta. Vão a uma biblioteca e selecione Barrie e Lobato e vocês encontrarão o registro dessas duas aventuras maravilhosas.

Para evitar confusão, vamos esclarecer a nossa abordagem, mas queremos, desde logo, convocar o leitor para as possibilidades extraordinárias do uso da ficção na análise do real; o inverso talvez fosse o campo provável de uma Sociologia da Literatura, mas o que aqui estamos fazendo é a

ficção da realidade, levando a ciência a imitar a arte para falar da vida em toda sua extensão, inclusive em captar os seus aspectos mais sensíveis, as emoções, considerando que são os indivíduos a representação concreta do social, ao tempo em que estão eles envolvidos nas articulações da vida social que os organizam em suas ações significativas.

Não é de se estranhar, portanto, que a vida é vivida pelas pessoas. São elas que sentem o mundo, que o sofrem ou o gozam, mas não o fazem segundo as líquidas vontades pessoais. Ele, o mundo, se estrutura a partir de uma diversidade de interesses, no intrincado jogo de forças. Boudon (1991, p. 25), entretanto, acrescenta que “tudo o que acontece em uma sociedade só pode ser explicado se partirmos dos atores individuais”. São as individualidades que percebem os acontecimentos e que lhe dão significado, fora daí tudo é irreal e este irreal não é ficção, mas o intangível ou o que se pode tomar por absurdo. Para se compreender bem esta situação o parâmetro recomendado é a leitura de *Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho*, em que tudo, ou quase tudo é possível de ser e de acontecer — como já vimos com o “saber como é a chama de uma vela depois de apagada” — ao contrário do mundo real em que as regras, normas e fluxos de forças moldam o mundo segundo estruturas estruturantes, como nos demonstra com clareza Bourdieu ao reconhecer que elas assim o são porque são estruturadas.

Se falamos dos indivíduos como os atores concretos das cenas reais, os que sofrem as conseqüências e os que praticam ações, podemos lembrar a alusão que Borges (1994, p. 356) faz à individualidade ao dizer que: “los individuos y las cosas existen en cuanto participan de la especie que los incluye, que es su realidad permanente”. Prossegue Borges tomando o exemplo de um pássaro, o crepúsculo, os bandos... “admitir la primacia de la especie y la casi nulidad de los individuos”. Simmel retoma este tópico e nos fala da fragilidade do indivíduo, de sua brevidade frente à sociedade. São tempos diferentes de duração, a vida de uma pessoa e a duração de uma sociedade, mas os indivíduos são a expressão da sociedade a cada momento da existência, e em suas existências a sociedade em toda sua materialidade nas épocas que configura.

A ordem e o padrão se sobrepõem aos indivíduos em suas idiosincrasias. Mas isso não tira de cena da análise sociológica o indivíduo, a pessoa, sobretudo quando analisa a vida presente em uma figuração específica, próxima — aqui no sentido de proximidade espacial e temporal. Há uma distância em relação à história como experiência coletiva da civilização, sobretudo quando se toma a fábula como contexto em lugar do mito. Uma sociologia de proximidade, como a que preconizamos aqui requer o olhar sobre a existência das pessoas. Da Matta (1980, p. 195), focando a personagem de Pedro Malasartes levanta a discussão sobre o problema que tem sido a consideração do “indivíduo tomado como motor inicial de todas as situações sociais”. O debate requer que se vá mais a fundo e Da Matta nos chama a atenção:

Direi, logo de início, que a verdadeira posição sociológica não diz respeito a nenhuma dessas colocações, embora o leitor menos avisado possa pensar que o ângulo sociológico tenha sido representado pela segunda posição, onde o indivíduo está totalmente ausente, substituído pela implacabilidade das “forças” coletivas, essas sim com o poder de devastar ou construir. [...] Na realidade, porém, a verdadeira posição sociológica não excluiu nem o indivíduo nem a coletividade, com suas lutas, formas, forças e pressões. É que ela toma como ponto de partida a própria colocação da dicotomia indivíduo/sociedade como um dado social, já que sabe muito bem que em muitas culturas e sociedades a história nunca é concebida dentro de tal jogo de forças, mas como uma aventura ou, em muitos casos, desventura dos deuses e ancestrais. O problema não é o de reduzir o mundo aos indivíduos ou os indivíduos aos mecanismos mais impessoais de mercado, das relações de trabalho e da própria marcha do tempo, mas de localizar em que momentos e por meio de que linhas de força (vale dizer: por intermédio de que contradições), formações sociais específicas permitem localizar e estabelecer de fato tal dicotomização como central na definição de sua própria problemática social.

Com as ponderações do antropólogo, o partido entre a posição individualizante e aquela outra que poderíamos denominar de estrutural “está histórica e socialmente condicionada”; em nosso caso, considerando que propomos a abordagem da sociologia da proximidade, da ação social na vida cotidiana, os indivíduos jamais poderiam ser diluídos no conjunto do coletivo; eles têm uma importância fundamental na construção das cenas sociais, da tessitura da trama da ação que examinamos. Por isso mesmo, recorreremos à literatura, executamos um “deslocamento”, como se pode ver neste trecho que o próprio Da Matta (1980, p. 244) destaca em seu estudo sobre Augusto Matraga, na mesma obra em aberto:

Pode-se sugerir, então, que uma antropologia da literatura é também uma sociologia dos *objetos deslocados* e dos *deslocamentos* possíveis e efetivos a que um dado autor submeteu alguns objetos antes tomados como fixos e imutáveis. Foi somente um Poe que fez um gato preto falar depois da morte, denunciando um assassino e forjando a trajetória do anti-herói. Foi Guimarães Rosa quem transformou um fazendeiro poderoso em Matraga. Mas é preciso observar que ambos realizaram esses deslocamentos estabelecendo certas condições. E quando estudamos essas condições, verificamos que estamos às voltas com formas coletivas. Unimos então o autor com a narrativa, o criador com a criatura e a literatura com a sociedade e seus mitos.

No mundo mágico da criação pode-se ir longe, transgredir fronteiras do bom senso e alcançar o avesso do espelho — *non sense* —, como se pode observar nesse diálogo ocorrido em “um chá bastante louco” (CARROLL, 1977, p. 88) que nos levará à compreensão do mundo social pelo seu avesso:

- se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu conheço - disse o Chapeleiro - não falaria em gastá-lo como se ele fosse uma coisa. Ele é alguém.
- Não sei o que você quer dizer — respondeu Alice.
- Claro que não sabe! — disse o Chapeleiro, inclinando a cabeça

para trás com desdém. — Diria mesmo que você jamais falou com o Tempo!

— Talvez não — replicou Alice cautelosamente — mais sei que tenho de marcar o tempo quando estudo música.

— Ah! Olhe o motivo! — disse o Chapeleiro. — O Tempo não suporta ser marcado como se fosse gado. Mas, se você vivesse com ele em boas pazes, ele faria qualquer coisa que você quisesse com o relógio. Por exemplo: vamos dizer que fossem nove horas da manhã, que é hora de estudar. Você teria apenas que insinuar alguma coisa no ouvido do Tempo, e o ponteiro correria num piscar de olhos: uma hora e meia, antes do almoço...

Há ordem e padrão no convívio social. Há uma estrutura acima das individualidades a contê-las. É essa estruturação que interessa à sociologia, sobretudo no campo da significação do mundo social. A ciência que estuda as formas sociais, como enfatiza Simmel. Por seu lado, Bourdieu (1989, p. 9) nos fala reafirmando a tradição clássica em sua “primeira síntese”, que:

Os ‘sistemas simbólicos’, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o *conformismo lógico*, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências’.

Quando se consideram os indivíduos e a sociedade como uma relação, se procede de modo a ver as pessoas como reais em suas existências e não apenas como reflexo, sem que isso signifique subestimar as forças sociais que constroem os indivíduos, as relações de poder que estão em todas as relações sociais. Como atores, na dramaturgia social, a desempenhar papéis socialmente estabelecidos. No “chá bastante louco” tudo podia acontecer. “Cortem-lhe a cabeça! — Ordenou a Rainha indignada”.

E eis que o problema aqui é posto para se atender à ordem da Rainha (CARROLL, 1977, p. 100):

O ponto de vista do carrasco era que não se podia cortar uma cabeça que não estava presa a um corpo. Nunca fizera tal coisa antes e não iria começar a essa altura da sua vida.

O ponto de vista do Rei era que qualquer um que tivesse cabeça podia ser decapitado, e tudo o mais era disparate.

O ponto de vista da Rainha era que se não resolvessem já alguma coisa, ela mandaria executar todo mundo em volta (essa última observação é que ensombrecera a todos, fazendo-os parecer tão sérios e ansiosos).

Alice não achou nada melhor para dizer do que — Ele pertence à Duquesa, seria melhor perguntar a ela.

A Rainha voltou-se para o carrasco: — ela está na prisão. Vá buscá-la. — O carrasco disparou como uma flecha.

No mesmo instante a cabeça do Gato começou a esvanecer-se, de modo que quando o carrasco voltou com a Duquesa, tinha já desaparecido totalmente. O Rei e o carrasco começaram a procurá-lo freneticamente por toda parte, enquanto o resto do grupo voltava para o jogo.

Enquanto tudo isso acontecia, diante de um jogo de Cricket, o Gato de Creshire aparecia e se esvaecia, sem importar-se com a Rainha. Estavam todos em um lugar em que o impossível tinha lugar, tão diferente do mundo a que Alice havia se despedido quando foi à procura do Coelho Branco, cuja pressa não era nada menos que a ida para o seu julgamento, muito antes que qualquer culpa lhe fosse imputada. Entre Carroll e Kafka há um encontro marcado na próxima esquina.

A vida social no cotidiano da existência transcorre dentro de padrões socialmente observados, em que pese o fato de que, quando em vez, acontecer algo de extraordinário, mas que é ao mesmo tempo previsível, no sentido de ser uma expectativa provável, de tal modo que a vida real dificilmente nos surpreende. Não há acaso, mas tão somente probabilidade estatisticamente controlada pelo cálculo.

Durkheim deu ao suicídio, por exemplo, o caráter de um ato social e expôs as condições e situações em que o suicídio se expressa como atitude socialmente produzida. O que mais intimamente poderia ser uma decisão individual sabe-se socialmente marcada e significada. Vamos, assim, por um caminho em que indivíduo e sociedade se encontram, ainda que dramaticamente, para delinear um percurso em que não se tenha só sociedade sem indivíduos, de um lado, e de outro eles sem a sociedade que os contém.

Em busca da irrealidade⁷...

O que queremos fazer é o desenvolvimento de uma *sociologia da proximidade*, capaz de trazer à presença a vida das pessoas como personagens do drama humano, como uma Anne Frank, a relatar a sua vida em um diário recuperado; como uma Ana Karenina, a nos transmitir a infelicidade de uma vida e de sabermos que “as famílias felizes parecem-se todas; as infelizes são infelizes cada uma à sua maneira”. É assim que começa o genial romance de Tolstoi; podemos ver, também, o tédio e a busca de realização de madame Bovary, ou do mistério insondável dos olhares da Mona Lisa e os de ressaca de Capitu, ou o sorriso do Gato de Creshire.

Uma sociologia de proximidade é também uma sociologia dos fatos da vida cotidiana. A história de vida como técnica de representação da vida social é, neste caso, a mais indicada, assim como as entrevistas e as escutas flutuantes que captam o difuso. Vê-se, assim, que estamos falando de método e de técnicas de apreensão de dados, das informações fundamentais da análise social. Questionários, por sua vez, podem completar informações, mas jamais substituir os registros mais minuciosos e copiosos que as histórias de vida permitem conter. Poucos sociólogos se detiveram com a agudeza de Elias (2005, p. 140) em considerar a percepção do indivíduo como o foco da análise sociológica, e ele nos chama a atenção para a falha da tradição teórica da sociologia:

Os sociólogos não deviam de modo algum estar de acordo com uma tradição que restringe o escopo das teorias sociológicas exclusivamente à “sociedade”, que examina à lupa as teorias sobre a sociedade, que as critica procurando conciliá-las com outros conhecimentos disponíveis mas que, no entanto, não segue o mesmo caminho no que respeita às idéias sobre o indivíduo. [...]

A utilização que hoje fazemos destes conceitos poderia levar-nos a acreditar que o “indivíduo” e a “sociedade” denotam dois objetos que existem independentemente, enquanto, na verdade,

se referem a dois níveis diferentes, mas inseparáveis do mundo humano.

Acreditamos que com tal advertência Elias nos leva à possibilidade de concretizar a análise sociológica captando as pessoas como personagens concretas da vida social nas diversas “configurações” que tomamos como objeto de estudo. Por “configuração” Elias entende a percepção de padrão mutável criado por um conjunto humano em suas relações, como no exemplo do jogo e nos diz: “A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados e de adversários” (ELIAS, 2005, p. 142).

Pensemos esta situação: quatro pessoas em volta de uma mesa jogam baralho. Por acaso sabemos que o jogo que jogam é *pôquer*, logo eles se entendem segundo as regras do jogo; assim, seguindo as regras, eles são *jogados* pelo jogo. As regras orientam as ações e através delas se compreendem limites e possibilidades para as ações individuais.

Como neste jogo se pode *blefar*, corre-se o risco de se *pagar para ver*, procedimento normal neste jogo. Assim, é muito importante que os jogadores não expressem em seus rostos as emoções que as cartas trazem a cada rodada do jogo; os gestos devem ser frios, os sentimentos contidos para que os adversários não percebam os trunfos que possuem os jogadores. As regras do jogo jogam, portanto, com as relações entre os indivíduos e todo o sentido dessa reunião de quatro pessoas é o do *jogo*. Sem conhecer o jogo, o observador não compreenderá imediatamente de que se trata aquela reunião de quatro pessoas em torno de uma mesa a distribuir cartas misteriosas entre eles e se entreolharem com cuidadosa atenção.

O jogo — diz Bourdieu (1990, p. 83) — “é o lugar de uma necessidade imanente, que é ao mesmo tempo uma lógica imanente. Nele não se faz qualquer coisa impunemente. E o sentido do jogo, que contribui para essa necessidade e essa lógica, é uma forma de conhecimento dessa necessidade e dessa lógica”.

Passemos, agora, a outra cena já apresentada, a do “chá bastante louco”. Vamos ver a diferença das *figurações*, enquanto o jogo nos é perfeitamente compreensível, uma vez que estamos familiarizados com o baralho e com os jogos que ele proporciona, compreendemos que a

forma do jogo determina a forma social de ser. Simmel (1983, p.168) por seu lado, nos chama a atenção para a dimensão da forma, que é o campo da sociologia por excelência, o estudo da forma social de organização dos grupos:

Aqui, “sociedade” propriamente dita é estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade.

No caso de “um chá bastante louco” predominam a imprevisibilidade, o não-padrão, o que compromete a expectativa, o senso comum, o chão de crença que orienta a vida cotidiana. Eis, então, o lugar do absurdo, como na cena que segue:

— não adianta nada bater — disse o Lacaio — e isso por duas razões: primeiro, porque estou do mesmo lado da porta que você está; e segundo, porque estão fazendo uma tal barulheira lá dentro que provavelmente ninguém a escutaria.— De fato, o barulho lá dentro era tremendo: uivos e espirros eram constantes, e de vez em quando ruídos como se pratos e panelas estivessem se espatifando.

Do outro lado da porta, portanto, contemplamos a barulheira do mundo real. Ela nos anuncia o bulício da vida. A multiplicidade de interesses da diversidade social. Olhamos o mundo e selecionamos o que nos interessa. É a partir deste olhar que começamos a pesquisar, a transformar aspectos da realidade em *problema* a ser resolvido pela pesquisa. Vamos, então, problematizar, construir o nosso *objeto* de pesquisa como uma operação mental do pesquisador a criar um *problema* e os meios para resolvê-lo: a metodologia.

Ficção do real

Umberto Eco (1994, p. 93) nos fala de uma experiência interessante que dois estudantes resolveram fazer, no exercício em busca do “leitor empírico” (conceito de Eco), de verificar se o romance em questão descrevia a Paris real. O confronto entre a criação fictícia e a vida real estimula discussões sobre a matéria-prima da criação literária e a transcendência da obra de arte em relação à imanência da vida cotidiana, da realidade *real*. No caso, os estudantes foram a certos locais descritos no romance e verificaram a semelhança dos lugares dados como reais pelo autor no desenvolvimento da trama de sua ficção. Eles conseguiram, diz Eco, encontrar os lugares narrados minuciosamente no romance, foram a um bar descrito e o fotografaram. Lá eles encontraram paisagem e estilos que estavam compostos com precisão no texto. Tiveram, assim, a prova de que o autor fora fiel à realidade ao fazer suas descrições.

Com tal postura, os estudantes queriam concluir que a obra de arte copia a realidade, ou se o verbo copiar for por demais forte e impreciso, melhor seria, então, em falar de *mimese* na absorção do real para o contexto ficcional, em que as realidades são transpostas para a configuração de uma trama que, por não ter existido, é *falsa*, tão somente no sentido de não acontecida, mas tão possível que crível ao leitor, pois se assim não fosse o sentido de falsidade a desacreditaria e a caracterizaria como farsa.

A vida imita a arte e vice-versa, se poderia dizer repetindo o refrão do senso comum. Aqui, o que pretendemos é dizer que uma boa forma de falar da vida social, a existência, que, como vimos com Aldous Huxley, é um “infernai emaranhado de coisas”. A sociologia, contudo, não é uma ciência que estude a existência, mas a sociedade em seus “fatos sociais coercitivos” que o fundador Emile Durkheim destacou tão enfaticamente em suas “regras do método sociológico”. Mas, são as pessoas, capazes de emoções, que vivem a concretude da sociedade e queremos apanhá-las em suas emoções, em seus afetos e aversões, pois sabemos que uma sociedade é constituída de relações de poder, como Elias (2005, p. 17) nos

chama a atenção ao acentuar: “... o que pretendemos conceptualizar como forças sociais são de fato forças exercidas pelas pessoas, sobre outras pessoas e sobre elas próprias”. Sociedade é, portanto, jogo de relações e significados dessas relações.

Voltando ao exemplo e ao esforço dos estudantes, observou Eco: “Não preciso dizer que tal bar era pura invenção de minha parte, embora eu o tivesse concebido a partir de muitos bares do mesmo tipo existentes na área”. A conclusão a que chega seu autor é de uma clareza surpreendente, de claro enigma: “dentre todas as coisas que poderiam encontrar na cidade, selecionaram somente os aspectos que correspondiam a minhas descrições” (ELIAS, 2005, p.17).

Umberto Eco havia criado uma realidade dentro da realidade e, assim, os estudantes encontraram a verdade da narrativa ao ver coincidência — melhor diria, a congruência — do narrado com o real. Então, Eco ali estivera e documentara, jamais, então, diria como Pessoa: “a realidade não precisa de mim”. (CAEIRO, 1965, p. 236). Irônico, o autor delimita o real na realidade do seu romance, muito menor que a Paris possível, mas precisa como a Paris real dos lugares próximos. O real é sempre uma proximidade ou distância entre o próximo e o provável!

Na análise sociológica a realidade se impõe. Diríamos, é a realidade — ou seu aspecto selecionado — quem escolhe o sociólogo e o faz ser quem ele é. A realidade dispensa invenções sobre ela, por isso a ficção do real é a metáfora de um estilo, jamais uma mimese. Ao se impor, a realidade diz o que deve entrar na composição da análise. Não depende da vontade do analista e se ele não for capaz de captar as pistas do que a realidade indica, ele deve sair do ramo e cuidar de seu jardim, caso ele tenha um, ou de seu gato ou cão, de seu pássaro preso na gaiola, ou da janela que dá para ver a vida da casa ao lado. Lembrar, certamente, dos versos do poeta e ensaísta T.S. Eliot: “o gênero humano não pode suportar tanta realidade...” (ELIOT, 2004, p. 333).

O real é quase sempre matéria prima da ficção, seja o real copiado em descrições, seja o real suposto como uma probabilidade. Criar é um ato humano e o ser humano tem sempre um aqui e um agora,

jamais está fora do tempo e de lugar. O que inventa, para ser entendido pelos leitores, deve ser congruente com a realidade. Não apenas da realidade da vida cotidiana, mas a realidade do mundo da ficção, tal como se esboça em Kafka ou em Lewis Carroll. É importantíssimo se levar em consideração o ser humano e suas possibilidades, pois ele é real, existe e age no mundo. Poderíamos dizer, sem medo de errar, que os acontecimentos históricos se devem predominantemente às paixões e não à razão. São os sentimentos, pois, que modelam a vida cotidiana a envolver as pessoas. Mas, vamos a Berger e Luckmann (1966, p. 36) quando eles falam da vida cotidiana: “A realidade da vida cotidiana é organizada em torno do “aqui” do meu corpo e do “agora” do meu presente. Estes “aqui” e “agora” são o foco de minha atenção na realidade da vida diária”. E voltamos a pensar sobre esses dois aspectos fundamentais do mundo real: tempo e espaço.

Depois de sair emocionada de um filme, a mulher exclama: que realismo! É de meter medo! Agora estava fora do espaço mágico do cinema, estava na rua e se dirigia ao carro. Trazia em si as sensações que experimentara há pouco, sentada, segura, diante da tela luminosa a exhibir a realidade da ficção.

À volta, no escuro da rua, o assassino poderia estar à espreita, tal como no filme que acabara de ver. Ainda por cima, chove, há uma melancolia na noite fria e há um silêncio que permite perceber os sons dos passos e o calor da respiração que se acelera; talvez o medo, porque a pequena distância até o carro estacionado é um deserto ameaçador e o sentimento de apreensão a domina. A ficção lembrada impregna a imaginação de o seu estar agora. Repetir-se-ia ali o que fora na trama do filme? O que acabaram de ver tem sentido na vida cotidiana? Inscreve-se como possibilidade de acontecer ali, naquele momento? Ela, na verdade, não se perguntava como quem faz uma reflexão, apenas fazia um balanço de possibilidades que sabia passível de ocorrer a partir do que acreditava. Essa forma que toma a imaginação quando substitui a fantasia pelo senso de *realidade*.

A mulher apoiou-se firmemente no braço de seu acompanhante, marido, talvez, ou por rima, amante. Importa? Estava acompanhada e isso lhe dava segurança, mas sentia o medo, não o agradável medo do cinema,

sabendo que o que lá se passava era pura invenção, bastava se coçar, ou fechar os olhos, para saber a realidade de onde estava, mas ali, na rua, o que se passava eram as sensações que a assaltavam. O ser humano é assim, o que ele sente e pensa. Talvez tenha razão o poeta quando diz que “para além da realidade imediata não há nada”. (CAEIRO, 1965, p. 237)

A realidade sensível do mundo social precisa ser captada na sensibilidade das pessoas em suas relações na vida cotidiana. Uma sociologia da proximidade, que pode focar os sentimentos e as motivações, mais do que as estruturas, mas sem delas perder a referência, pois não há antagonismo entre indivíduo e sociedade e o diálogo entre o indivíduo e a sociedade é tenso, como pontua Elias (1997, p. 37):

Este é um século de crescente *incerteza de status*. Com uma transformação das relações de poder como tal, o problema de identidade social também se tornou muito mais explícito do que numa sociedade onde o ritmo de mudança não é tão acelerado. Com a crescente insegurança de status e uma também crescente busca de identidade, as preocupações aumentaram. Não há dúvida que o século xx é um século instável, inseguro, e não apenas por causa das duas Guerras Mundiais.

Diante do que se toma como campo e objeto de pesquisa, o pesquisador precisa se sentir convocado a dar respostas. Devemos lembrar a declaração de Bourdieu (1990, p. 39) ao falar da pesquisa sociológica: “o jogo da pesquisa na forma que ela adquire na sociologia. Para mim, a vida intelectual está mais próxima da vida de artista do que as rotinas de uma existência acadêmica”. Ele é portador de desejos, de vontade, mas a realidade se abre diante dele em seus mistérios cifrados, cabe decifrar os enigmas propostos utilizando os recursos da razão, o voto à economia, ao cálculo. É o mundo desencantado de que falou Weber ao formular o “desencantamento do mundo”, a possibilidade do cálculo.

A ciência, ainda que tenha se transformado no conhecimento legítimo do mundo Ocidental, não excluiu outras formas de concepção da realidade, sobretudo quando se toma o fenômeno da religião, da

magia, na fé no sobrenatural. Mas os diferentes campos requerem formas específicas dadas as suas especializações, mas o campo científico se amplia e se torna a principal referência, mesmo na vida cotidiana em que domina o senso comum.

O pesquisador, ele próprio, situa-se no tempo, no calor da hora. A inserção histórica, o saber-se diante de uma determinada realidade a exigir determinados procedimentos. O pesquisador não é livre, ele depende do que pesquisa, é guiado por seu objeto de estudo que o leva segundo seus requerimentos, como um personagem de ficção leva o autor a seguir suas injunções no campo do desconhecido. Diante da totalidade dos fatos humanos, cabe delimitar o que se quer conhecer, nomear. O para além deve ser posto fora. O recorte da pesquisa deve ser bem feito.

Trata-se, no caso, de recortar de uma *totalidade* o que se pretende estudar, o que fica de fora pode ser tudo o que nos falta, por isso a nossa receita, isto é, o que incluímos, deve nos proporcionar algum resultado compensador. A metáfora da receita é pertinente, porque sabemos que na culinária o resultado será apreciado pelo gosto, pelos sentidos, verificação empírica do resultado das combinações propostas pelo nosso paladar, essa capacidade humana de avaliação. O que selecionamos e em suas medidas, dão a medida do resultado. O que fazemos produz conseqüências, isso é por demais óbvio, passível de comprovação empírica.

A culinária deve ser levada a sério como uma ciência do gosto. A metáfora aqui não é gratuita, devemos muito à “razão gulosa: filosofia do gosto”, do filósofo Michel Onfray (1999, p. 134), a compreensão da sociologia sensível. Se na culinária os ingredientes dão conta dos resultados, na vida social os incidentes e acontecimentos têm os mesmos efeitos. Já que falamos em culinária, vamos com o filósofo um pouco adiante, antes pedindo ao leitor desculpas por tantos desvios, mas, ao mesmo tempo, convidando-o a olhar atentamente a paisagem: os detalhes, por vezes, valem mais que a paisagem cheia:

Por então, a cozinha era inteiramente uma questão de nariz, de olfato. E, como tal, sua história mostra parentesco com a da hu-

manidade e com o processo de hominização que conduziu o *homo sapiens* do estágio de quadrúpede, ideal para o olfato, deplorável para a visão, à bipedia, que ao mesmo tempo permitiu a libertação dos membros superiores, o desenvolvimento do encéfalo e, portanto, da memória, da inteligência e do sentido associado: a visão. O homem instalaria o mundo concreto à distância, não mais farejaria o real, como um animal, mas o olharia, como uma pessoa. Nascimento das idéias, dos conceitos e outras mediações cerebrais.

A construção cultural da realidade humana requer que a compreensão do significado esteja acima da concepção mecanicista de causa-e-efeito, como se houvesse razões externas a produzir conseqüências, como se fôssemos alheios a elas, uma metafísica da razão. Vamos seguir o nosso gosto, apurado por nossas invenções, domesticado por elas.

O pesquisador, entretanto, não pode inventar a receita e produzir um resultado desejado independentemente das propriedades dos ingredientes, mas não pode deixar de fora os componentes que os problemas reais requerem para ser explicados, é esta sensibilidade técnica que aqui nos interessa: o que deve estar necessariamente e o que é meramente acessório.

A escolha, portanto, do que *entra* é fundamental para o que *sai*; para as conclusões a que se chega depois de um esforço intelectual, no jogo da economia intelectual. No exemplo acima a realidade do romance era infinitamente menor do que a da cidade de Paris. Cenas correspondiam a determinadas coisas que realmente foram encontradas; o próprio romance delimita determinados cenários e uma certa trama, uma perspectiva particular de um drama maior, mais complexo; a vida humana naquela cidade, mas não a vida padrão, tampouco uma amostra da diversidade da existência, mas de certas particularidades que o romance circunscreveu, emoldurando a sua história, seus contornos. Momentos e situações, fragmentos, ainda que concatenados a propor um sentido da existência dos personagens em interação descritos. Um pequeno mundo em uma determinada fração de tempo, como moldura de um quadro a separar nosso olhar pela convergência do foco no contornado pela moldura.

A composição de um enredo e de uma trama é fundamental para criar o mundo em sua organicidade. O difuso é como o caos, o que não se organiza no tempo e no espaço, mas também o que não tem sentido. Por mais cético que seja o leitor, Alice realmente entrou no buraco que a levou ao País das Maravilhas, assim como Gregor Samsa acordou e se sentiu transformado em inseto. Também K. se perde na complexidade do desentendimento humano diante da existência do Castelo ou do Processo e sua vida no transcorrer do dia a dia. Não há dúvida alguma que Hamlet encontrou-se com o fantasma de seu pai. E, após aquele encontro, a certeza de que: “Há mais coisas, Horácio, em céus e terras, do que sonhou nossa filosofia”. (BLOMM, 2004, p. 180) Ali todo o real está contido na trama que se desenrola no enredo do absurdo, do incompreendido do personagem que está sendo processado, assim como aquele outro que se defronta com o Castelo, sob a condução de Kafka. A loucura de Hamlet é o caminho para compreender a trama passional que culminara com o assassinato e a vingança. Um desvio da razão é a razão do desvio.

Uma questão de método se propõe. Recorremos a Heidegger (2003, p. 137), que nos alerta que: “mesmo na ciência moderna, o método não é um mero instrumento da ciência. Pelo contrário. O método é que propõe a ciência a seu serviço”. Ancorado em Nietzsche, o filósofo vai adiante em seu discurso sobre ciência e método e sentencia: “nas ciências, o método não apenas propõe o tema como o impõe e subordina”.

Recorrendo a outro filósofo, Galimberti (2006b), vamos sentir o que nesta seqüência Heidegger destacou: o domínio da técnica. O filósofo italiano nos chama a atenção para o postulado da técnica, seu poder e de suas conseqüências: *posso, logo faço!* Assim a tecnologia, como técnica, assume o comando do processo de transformação. A técnica, diz Galimberti (2006a, p. 42), é um saber determinado: “a técnica só é possível a partir do horizonte desvelado pelas diferenças; portanto, só a partir da razão, que é o ato da diferença, que instaura as diferenças, pelas quais uma coisa é ela própria e não outra”.

Está posta, aqui, a questão da palavra, da linguagem, da nomeação. Heidegger nos adianta que: “é a palavra que confere o ser das coisas”. O filósofo alemão, por sua vez, conclui: “é no método que reside todo poder e violência do saber. O tema pertence ao método” (HEIDEGGER,

2003, p.138). Sem ir mais adiante à essência da linguagem, mas apenas deixando claro que sem a linguagem e a nomeação as coisas deixam de ser o que são, pois “nenhuma coisa que seja onde a palavra falta”, sentimos a necessidade de ir a busca dos significados, dos sentidos, através dos significantes.

Na análise que faz, Heidegger joga com o processo da imaginação científica e, em uma síntese extraordinária, esclarece:

Mas no pensamento as coisas não se passam do mesmo modo que na representação científica. O que no pensamento libera e dá a pensar não é nem o método e nem o tema, mas o campo, que assim se chama porque abre campos. Percorrendo o caminho do campo, o pensamento atém-se ao campo. Aqui, o caminho pertence ao campo.

Bourdieu se posiciona como o teórico contemporâneo que mais investiu na teoria dos campos, enfatizando as posições sociais, as homologias, as distinções e as representações mentais que daí derivam. Os campos se constituem na divisão social do trabalho, na especialização, na regulamentação dos espaços de atuação, que são estruturas de poder simbólico. Cada campo confere aos seus pertencentes a legitimidade de suas ações.

Herdeiro da tradição sociológica clássica, e operando o esforço de unificação da teoria social, Bourdieu faz avançar a teoria sociológica chamando a atenção para que não se confundam as relações de poder com relações de comunicação, (BOURDIEU, 1989, p. II):

Contra todas as formas do erro ‘interacionista’ o qual consiste em reduzir as relações de força a relações de comunicação, não basta notar que as relações de comunicação são, de modo irreparável, sempre relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que, como o dom ou o *potlach*, podem permitir acumular poder simbólico.

São as relações de poder a concretude do mudo em que se desenrola a vida cotidiana. Aprender, portanto, o contexto histórico e a circunstancialidade da existência é fundamental para o pesquisador e, assim, o sociólogo francês, em outra obra e em outro momento (BOURDIEU, 2001, p. 12) nos adverte contra a metafísica do pensamento puro:

Os que gostam de acreditar no milagre do pensamento “puro” devem resignar-se a admitir que o amor à verdade ou à virtude, como qualquer outra espécie de disposição, deve necessariamente algo às condições em meio às quais se formou, ou seja, a uma posição e a uma trajetória sociais.

As condições concretas da vida são, para o sociólogo francês, o ponto de partida da análise sociológica, daí a construção da noção de *habitus*, que o leva a “escapar do realismo da estrutura” (BOURDIEU, 2000, p. 256) e conjugar a relação do indivíduo com a organização social. E, alcançando “uma ciência experimental da dialética da interioridade e da exterioridade, ou seja, da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade”. Bourdieu nos leva a perceber os indivíduos e seus movimentos na vida social, não como marionetes, atores, mas como seres capazes de táticas e estratégias para a satisfação de seus desejos, de suas vontades.

A elaboração das hipóteses nos orienta no campo que abrimos para pesquisar. No bosque, para usar a metáfora de Eco (1994) e de Manguel (2000), podemos nos perder se não tivermos cuidado em observar as trilhas, as árvores e a floresta em seu conjunto, tomando pontos de referência para não darmos voltas sem sair do lugar e sem chegar a lugar algum. Também podemos fazer escolhas e seguir por trilhas selecionadas por nosso interesse e gosto.

Sabemos o quanto certa homogeneidade, no sentido de uma predominância, pode nos desorientar. Assim, o bosque social pode nos parecer tão natural que andamos nele sem nada ver de extraordinário, mas também sem compreendê-lo, se não criarmos o *espanto*, o estranhamento que nos permite construir o nosso objeto de pesquisa. Bachelard (1988) nos falou do bosque sob a neve, quando a brancura faz a paisagem toda igual e já não sabemos para aonde ir, quando, ao longe, uma luz em uma casa,

“o olho da casa”, nos indica aonde chegar. E no poema de Trakl, estudado por Heidegger (2003, p. 12), seríamos acolhidos, convidado e ultrapassar a soleira da porta e saber que a mesa estava posta, que sobre ela havia pão e vinho, a mesa servida a acolher a todos nós, viandantes da errância. A “árvore dos dons” estava a nosso alcance.

Para além e aquém da magia poética, e sem a mesma licença que permite aos poetas transgredir normas e leis da língua, a ciência se pauta segundo paradigmas da comunidade científica que tem o postulado da objetividade como orientação rigorosa (Monod, 2006). A ciência requer precisão, o máximo de congruência com o real. O cientista, portanto, não é livre, antes é subjugado pelo método e pelo objeto de estudo, mas nem por isso ele deve abrir mão da criatividade, da imaginação, mas sabe os limites de sua ficção do real. O real não tolera dissimulação.

Ao tratar da ficção do real nos apegamos à imagem que Eco (1994, p. 91) nos proporciona quando fala da ficção e a situa no confronto com a realidade:

Na verdade, os mundos ficcionais são parasitas do mundo real, porém são, com efeito, “pequenos mundos” que delimitam a maior parte da nossa competência do mundo real e permitem que nos concentremos num mundo finito, fechado, muito semelhante ao nosso, embora ontologicamente mais pobre. Como não podemos ultrapassar suas fronteiras, somos levados a explorá-lo em profundidade.

Tomamos este exemplo para falar da delimitação do objeto de estudo, emoldurado para permitir que o olhar se detenha em todo o campo e com toda profundidade que se torna possível pela demarcação precisa do campo da observação. Chamamos isso de *ficção do real*. A existência adquire os contornos da ficção e assim podemos apreender o seu sentido, diferente agora de nosso pressuposto huxleyiano em que predomina a desordem, o caos — que é sempre criativo — o inesperado, o surpreendente.

O mundo social é organizado e padronizado, sincronizado. Cabe ao pesquisador compreender a ordem do mundo e colocar em ordem suas

observações de acordo com a realidade social, sem mistificações, para evidenciá-la como compreensão científica do real social. Vamos recordar a importância do tempo e do espaço, assim como a outra ordem destacada por Durkheim (1989, p. 68):

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam elas simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens representam, em duas classes ou em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos traduzidos, relativamente bem, pelas palavras *profano* e *sagrado*. A divisão do mundo em dois domínios, compreendendo, um tudo que é sagrado, outro tudo que é profano, tal é o traço do pensamento religioso; as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são ou representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações entre si e com as coisas profanas.

Recortar a realidade, apurar a lente da observação para o foco preciso do que se quer, como na metáfora da fotografia em que a foto é o foco. No texto acima Durkheim, como lhe é peculiar, é de grande precisão ao dispor do método de observação, no caso os dois domínios mais gerais que ordenam o mundo e a partir dos quais as coisas adquirem sentido. E não há dúvida que é a busca do significado a tarefa principal das ciências sociais. Vamos recorrer a ajuda de Durkheim (1989, p. 111) mais uma vez:

A idéia, o conceito são impossíveis sem a palavra. A linguagem não é apenas o revestimento exterior do pensamento: é sua armadura interna. Ela não se limita a traduzi-lo uma vez formado; opera uma constituição. Entretanto, ela tem uma natureza que lhe é própria, e, por conseguinte, leis que não são as do pensamento. Uma vez que contribuiu para elaborar-lo, não pode deixar de violentá-lo em certa medida, e de deformá-lo. Uma deformação desse gênero é que teria constituído o caráter singular das representações religiosas.

Pensar é, com efeito, ordenar nossas idéias; é, por conseguinte, classificar. Pensar o fogo, por exemplo, é colocá-lo naquela categoria de coisas, de maneira a se poder dizer, que ele seja isto ou aquilo, isto e não aquilo. Mas, por outro lado, classificar é nomear; porque uma idéia geral só tem existência e realidade na e pela palavra que a exprime e que faz, por si só, a sua individualidade.

Pensar e formular o pensamento através de palavras, de conceitos, de nomeações que põe ordem nas coisas nomeadas, para se compreender o sentido das coisas, das ações, a busca da subjetividade da intencionalidade, como nesta observação do sociólogo mestre (1989, p. 68): “é o objeto do rito que se deveria caracterizar para poder caracterizar o próprio rito. Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto está expressa. Só se pode, pois definir o rito após ter definido a crença”. A lógica do que antecede e do que sucede, a busca das conexões entre as coisas, entre as ações, o percurso lógico que dá sentido às coisas e aos acontecimentos. E, isso, veremos adiante com a ilustração do poema O Corvo de Edgard Allan Poe, guiados por Eco.

Na análise de O Corvo, Umberto Eco (1994. p. 52) observa a delimitação do espaço em que se desenrola a cena do corvo chegar ao quarto e sobre o busto de Palas (Minerva ou Atena) se assentar, enquanto o amante a se lembrar de Lenora ouvia a noite a incitá-lo a assombrações.

Qual seria o modo mais oportuno de “juntar o amante e o Corvo”. O adequado seria fazer com que se encontrassem numa floresta, mas Poe acha necessária uma “estreita circunscrição do espaço”, como “a moldura de um quadro”, para concentrar a atenção do leitor. Assim, coloca o amante num quarto de sua própria casa, faltando apenas decidir como haverá de introduzir o pássaro. “E a idéia de introduzi-lo pela janela foi inevitável”.

Vamos um pouco ao poema, à passagem referida acima por Eco, para saborear a boa literatura e pensar que é sempre possível se recorrer

a ela na análise sociológica, seja como “realidade”, seja como método: ficção. Um mesmo poema, em duas traduções:

...

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,
Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais.
Não fez nenhum cumprimento, não parou nem por um
momento,
Mas com ar sereno e lento pousou sobre os meus umbrais,
Num alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais,
Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura
Com o solene decoro dos seus ares rituais,
“Tens o aspecto tosquiado”, disse eu, “mas de nobre e ousado,
Ó velho corvo emigrado lá das trevas infernais.
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais”.

Disse o corvo, “Nunca mais” (POE, 1981, p. 906)⁸.

Abro a janela e eis que, em tumulto, a esvoaçar, penetra um
vulto:

— é um Corvo hierático e soberbo, egresso de eras ancestrais.
Como um fidalgo passa, Augusto e, sem notar sequer meu susto,
Adeja e pousa sobre o busto — uma escultura de Minerva,
Bem sobre a porta; e se conserva ali, no busto de Minerva,
Empoleirado e nada mais.

Ao ver da ave austera e escura a soleníssima figura,
Desperta em mim um leve riso, a distrair-me de meus ais.
“Sem crista embora, ó Corvo antigo e singular” — então lhe digo —
“não tens pavor. Fala comigo, alma da noite, espectro torvo,
Qual é teu nome, ó nobre Corvo, o nome teu no inferno torvo!”

E o Corvo disse: “Nunca mais” (POE, 1981, p. 896)⁹.

...

Que o sociólogo jamais ouça esse “nunca mais”, a impossibilidade absoluta. Para nós é muito importante chegar aos mistérios e desvendá-los, pois, como o encantamento, tudo é possível de ser alcançado e explicado pelo cálculo, como nos disse Weber. Diante do desconhecido, a teoria e a metodologia para o desvendamento, para o desencobrimento do que está oculto em forma ou significado.

Se na ficção o autor tem a liberdade de propor a trama e o enredo, ao analista sociológico cabe apenas a organização do olhar, a delimitação do campo para captar o enredo e a trama do desenrolar da cena existencial que contempla, o drama do mundo ou a “comédia humana”, como a pensou Balzac. E, já que dele falamos, vamos um pouco adiante com Paulo Rónai destacando o método do grande escritor do século XIX:

... Um meio novo e poderoso para intensificar a impressão de realidade do seu universo fictício. Na vida real não havia existências isoladas, delimitadas, encerradas; cada homem estava ligado a dezenas ou centenas de outros pelos laços mais diversos; aos olhos de cada conhecido ele é outra pessoa, com outra serventia. Mas no romance convencional, os destinos ficavam artificialmente isolados e limitados. Como remediar essa imperfeição? Teve então o escritor a idéia de ligar todos os seus romances e contos entre si, fazendo desfilar neles as mesmas personagens. São muitos, aproximadamente três mil, os representantes típicos de uma geração, e entre eles se distingue uma centena e protagonistas.

O escritor colocou seus personagens fictícios entre aqueles que na vida real eram conhecidos e tinham destacada atuação no mundo, seja como político, artista ou intelectual, ou ainda financista. Intercalar a ficção com a realidade deu a Balzac uma característica tão própria que disse Oscar Wilde ser o século XIX uma invenção de Balzac.

Não podemos cair na tentação de fazer o real ser uma peça de ficção ao sabor de nossa vontade e criação. A ciência exige compromisso com a verdade dos fatos — as instâncias empíricas —, assim, as variáveis selecionadas não são as da nossa escolha, mas as necessárias para explicar

o nosso objeto de estudo. As nossas hipóteses não são, também, uma escolha arbitrária, mas um exercício lógico e preciso de observação de aonde queremos chegar e de onde partimos.

Elementar, meu caro Watson!

Lembremos de Alice e seu diálogo com o gato. (CARROLL, 1977, p. 82). Ela pergunta qual o caminho para sair dali; ele, o Gato, pergunta aonde ela queria ir; ela responde que a qualquer lugar. Ele, então, concluiu que se assim era qualquer caminho serviria. Ora, vemos aqui que nossa primeira atitude é saber aonde chegar, para então escolhermos o melhor caminho a seguir:

“— Contanto que eu chegue a algum lugar - acrescentou Alice como explicação”.

“— É claro que isso acontecerá - disse o Gato - desde que você ande durante algum tempo”.

Elementar, meu caro pesquisador, que o caminho — *método* — depende do objeto, ou seja, aonde queremos chegar. As perguntas que formulamos estão relacionadas com as coisas que queremos, sem disparates, como na anedota: — “Seu pai está em casa? — Não, mas meu tio toca violino”. A realidade é uma estrutura organizada, como vimos; em que a busca do sentido é o caminho sociológico da interpretação lógica dos fatos lógicos. Os fatos humanos são significativos, eis, então, o sentido da compreensão.

Vamos a Borges (1994, p. 500), ao diálogo entre dois detetives diante de um crime misterioso que vitimou o rabino Yarmolinsky:

— No hay que buscarle tres pies al gato — decía Treviranus, blandiendo un imperioso cigarro —. Todos sabemos que el Tetrarca de Galilea posee los mejores zafiros del mundo. Alguien, para robarlos, habrá penetrado aquí por error. Yarmolinsky se ha levantado; el ladrón ha tenido que matarlo. Que le parece?

— Posible, pero no interesante — repondió Lönnrot — Usted replicará que la realidade no tiene la menor obligación de ser inte-

resante. Yo le replicaré que la realidad puede prescindir de esa obligación, pero no las hipótesis. En la que usted ha improvisado, interviene copiosamente el azar. He aquí un rabino muerto, yo preferiría una explicación puramente rabínica, no los imaginarios percances de un imaginario ladrón.

Se vocês quiserem ir adiante ao mistério terão que ir a “La muerte e la brújula”. Por aqui fica tão somente a questão da formulação das hipóteses que requer um bom ponto de partida para evitar descaminhos na realização da pesquisa. Ao se projetar, deve-se saber o que se quer, aonde chegar, portanto, que caminho tomar.

A esperteza de um Sherlock Holmes (DOYLE, [19--], p. 19-22) não é meramente intuitiva, como podemos ver na seguinte cena, ainda que longa, mas que vale a pena reproduzir para que o contexto, todo ele, apareça como cenário dos acontecimentos, o encontro de Watson com Holmes e o primeiro teste de sua capacidade investigativa:

...Mas você falava há pouco de observação e dedução. Até certo ponto uma implica na outra, não é verdade?

— Não, senhor. Só raramente, respondeu ele, recostando-se voluptuosamente na sua cadeira, e tirando do cachimbo delgados anéis de fumaça azulada.

— Por exemplo, a observação mostra-me que você esteve esta manhã na agência postal da Wigmore Street, mas a dedução faz-me saber que, ali chegando, expediu um telegrama.

— Correto! Exclamei. — Correto em ambos os pontos! Mas confesso não ver como você possa ter chegado a isso. Foi uma coisa que de repente me deu na telha e eu não a mencionei a ninguém.

— Pois é a própria simplicidade, afirmou ele, rindo-se da minha surpresa. — Tão absurdamente simples que torna supérflua qualquer explicação. Contudo, pode servir para definir limites da observação e da dedução. A observação diz-me que você tem um pequenino torrão avermelhando preso à sola do sapato. Exatamente em frente da agência postal da Wigmore Street, levantaram a calçada, deixando um pouco de terra no caminho, de sorte

que é difícil não pisar nela ao entrar. A terra é de um vermelho típico que, até onde sei, não se encontra em nenhum outro lugar das redondezas. Tudo isto é observação. O resto é dedução.

— Como deduziu, então, que eu havia passado um telegrama?

— Ora, evidentemente, eu sabia que você não tinha escrito uma carta, uma vez que passei toda a manhã sentado à sua frente. Vejo, além disso, que há uma folha de selos na sua escrivaninha aberta e um grosso maço de postais. Para que iria, então, à agência postal se não para mandar um telegrama? Elimine todos os outros fatores, e o que restar deve ser a verdade.

— Neste caso, não há dúvida que é assim, repliquei depois de meditar um instante. — Trata-se, como diz, de uma coisa muito simples. Seria impertinência minha, se eu submetesse as suas teorias a uma prova mais rigorosa?

— Ao contrário, respondeu ele. — Isso me impediria de tomar outra dose de cocaína. Terei o maior prazer em examinar qualquer problema que você me apresente.

— Já se ouve dizer que é difícil um homem ter consigo um objeto de uso diário sem deixar nele a marca da sua individualidade, e de tal modo que um observador experimentado é capaz de interpretá-la. Pois eu tenho aqui um relógio que veio recentemente às minhas mãos. Quer ter a bondade de dar-me a sua opinião sobre o caráter e os hábitos do último proprietário?

— Entreguei-lhe o relógio não sem uma certa malícia, pois julgava impossível uma semelhante prova, e pretendia que isso lhe servisse de lição contra o tom um tanto dogmático que ele às vezes assumia. Holmes sopesou o relógio na mão, olhou atentamente para o mostrador, abriu a tampa traseira e examinou a máquina, primeiro a olho nu e depois com uma poderosa lente convexa. Mal pude reprimir um sorriso diante do seu rosto descorçoado quando ele finalmente mo devolveu.

— Quase não há elementos, observou ele. — O relógio foi limpa-do recentemente, o que me roubou os fatos mais sugestivos.

— Tem razão, disse eu. — Fizeram uma limpeza na máquina antes de mo enviarem.

No íntimo, eu acusava o meu companheiro de esconder o seu fracasso sob a mais esfarrapada das desculpas. Que elementos poderia ele encontrar num relógio sujo?

— Apesar de pouco satisfatória, a minha pesquisa não foi de todo infrutífera, observou ele, fitando o teto com olhos sonhadores e sem brilho. — Se não me disser o contrário, julgo que o relógio pertenceu ao seu irmão mais velho, que o herdou de seu pai.

— Deduziu-o, sem dúvida, do H.W. gravado nas costas?

— Exatamente. O W. sugere o seu nome. A data do relógio é de cinqüenta anos atrás e as iniciais são quase tão antigas quanto o relógio: logo foi usado pela última geração. As jóias geralmente passam para o filho mais velho, é muito provável que este tenha o mesmo nome do pai. Seu pai, se bem me lembro, faleceu há muitos anos. Por conseguinte, o relógio estava nas mãos do seu irmão mais velho.

— Até aqui, tudo certo, disse eu. — Alguma coisa mais?

— Ele era um homem de hábitos desordenado... Muito desordenados e descuidados. Iniciou a vida com boas perspectivas, mas deitou fora as suas oportunidades, viveu algum tempo na pobreza, com intervalos ocasionais de prosperidade, e por fim, entregou-se à bebida, faleceu. Isso é tudo o que posso inferir.

Pulei da minha cadeira e pus-me a coxear impacientemente pela sala. Aquilo me doía no coração.

— Isso não é digno e você, Holmes, disse eu. — Nunca o teria imaginado capaz de descer a tanto. Decerto andou fazendo indagações sobre a história do meu infeliz irmão, e agora finge ter deduzido de um modo abstruso aquilo que já sabia. Você não pode suspirar que eu acredite nas suas palavras quando me diz que leu tudo isso neste velho relógio! É cruel e, para falar com toda a franqueza, tem o seu toque de charlatanismo.

— Meu caro doutor, disse ele, afavelmente; queira aceitar o meu pedido de desculpas. Encarando o assunto como um problema abstrato, esqueci-me de que era uma coisa íntima e dolorosa. Asseguro-lhe, todavia, que eu nem ao menos sabia da existência do seu irmão até o momento em que examinei o relógio.

— Mas então, em nome de tudo quanto é fantástico, como obteve esses fatos? São absolutamente corretos em todos os pormenores.

— Ah! Isso foi sorte. Só expus o saldo das probabilidades. Eu não esperava tamanha precisão.

— Mas não foi apenas adivinhação?

— Não, não. Jamais arrisco um palpite. Isso é um hábito chocante. O que lhe parece estranho é-o apenas porque você não acompanhou a linha do meu pensamento, nem observou pequenos fatos dos quais se podem tirar grandes deduções. Por exemplo, comecei por certificar-me de que seu irmão era descuidado. Observando a parte inferior da caixa desse relógio, você notará que ela não está desgastada apenas em dois lugares, mas toda machucada e arranhada: consequência do hábito de objetos duros, tais como chaves e moedas, no mesmo bolso. Decerto, não é grande façanha supor que um homem que trata tão desdenhosamente um relógio de cinquenta guinéus seja um homem descuidado. Também não é muito rebuscada a inferência de que uma pessoa que herda um objeto de tamanho valor não esteja bem provida em outros sentidos.

Inclinei a cabeça para mostrar que acompanhava o seu raciocínio.

— Nas casas de penhor da Inglaterra é muito comum gravarem o número da caução, com um alfinete na parte interna da tampa. É mais prático do que uma etiqueta, e não há perigo de que o número seja trocado ou perdido. Há não menos quatro desses números visíveis para a minha lente, no interior dessa tampa. Inferência principal: seu irmão via-se frequentemente em apuros financeiros. Inferência secundária: ocasionalmente melhorava de vida, pois, do contrário, não poderia resgatar o penhor. Finalmente, peço-lhe que olhe na tampa interna, onde fica o buraco da chave. Veja os milhares de arranhões em torno dele... São marcas deixadas pela chave ao escorregar. A mão firme de um homem sóbrio nunca teria feito esses sulcos. Mas você nunca verá sem eles o relógio de um bêbado. Quando lhe dá corda, à noite, tem a

mão insegura. Onde está o mistério disso tudo?

— É claro como o dia, respondi. — Lamento a injustiça que eu lhe fiz. Eu devia ter tido mais fé as suas maravilhosas faculdades. Posso perguntar-lhe se atualmente tem alguma pesquisa em mãos?

Se quiserem saber mais, leiam as aventuras de Sherlock Holmes, são deliciosas e nos ensinam a lógica dos acontecimentos. Há mais ensinamentos na literatura do que nos livros didáticos, vamos então além da pedagogia, a Sociologia nos convida a transgredir fronteiras, ao ecumenismo científico.

Mas vamos analisar um pouco mais o texto acima: em quase tudo o texto é auto-explicativo, não? Mas vamos ao fato de que Holmes só pôde deduzir porque ele tinha conhecimentos mais gerais a respeito da vida social. Por exemplo, ele sabia do costume inglês de repetir no filho mais velho o nome do pai; também que as jóias eram preferencialmente repassadas ao primogênito. Sabia, ainda, dos costumes das casas de penhor e foi por ter esses conhecimentos que ele estabeleceu as relações que fez para deduzir e explicar a partir dos indícios no relógio o caráter de seu último proprietário.

O conhecimento alargado da vida social permite relacionar os fatos de modo que eles traduzam a realidade como sentido para as pessoas envolvidas ou para aquelas que contemplam os acontecimentos. Poderíamos dizer que esse conhecimento submetido à reflexão resulta na teoria social. E é a teoria a matéria prima da análise científica. Sem teoria nada se faz, o mundo é hoje por demais complexo para permitir vãos cegos. A teoria é o campo mais seguro para orientar os caminhos do entendimento da realidade e do desbravamento do processo de mudança provocado pelo jogo de forças no poder e pelo poder. Vamos mais uma vez buscar apóio em Durkheim (1989, p. 190):

... A proposição que enunciávamos no começo dessa obra e de nos certificar de que as noções fundamentais do espírito, as categorias essenciais do pensamento podem ser produtos de fatores sociais. O que precede demonstra, com efeito, que este é o caso da própria noção de categoria.

Todavia, não é que entendêssemos recusar a consciência individual, mesmo reduzida unicamente às suas forças, o poder de perceber semelhanças entre as coisas particulares que ela concebe. Ao contrário, é evidente que as classificações, até as mais primitivas e as mais simples, supõem já essa faculdade. Não é ao acaso que o australiano ordena as coisas num mesmo clã ou em clãs diferentes. Nele, como em nós, as imagens similares atraem-se, as imagens opostas repelem-se, e é seguindo o sentimento dessas afinidades e dessas repulsões que ele classifica aqui ou ali, as coisas correspondentes.

Vê-se, assim, que sem teoria não há possibilidade de dedução e de explicação. Ele, Sherlock Holmes, também falou em inferências: principal e secundária. Ou seja, partiu de um indício particular e foi para uma generalização: a penhora se deve a apuros financeiros, o resgate, à superação da crise. Assim, permitiu-se Holmes falar sobre os momentos oscilantes da vida do proprietário do relógio.

Observar e deduzir são duas diferentes operações do espírito, certo? O cientista social opera com a mesma lógica de Sherlock Holmes: observa, deduz, explica. Em outras palavras, esclarece mistérios da vida social, põe em ordem os acontecimentos que pareciam aleatórios, difusos, classifica e expõe a ordem das coisas para a compreensão final do leitor.

Relacionar logicamente os fatos é uma operação que requer o conhecimento mais amplo do que se vai relacionar, o que implica na construção de categorias relacionáveis, eliminando o arbitrário e o aleatório. A busca de padrões, da ordem das coisas é o princípio da observação e da dedução, como foi visto nos exemplos citados e que pode ficar mais claro na observação de Durkheim sobre a descoberta do equívoco em se considerar como diferentes religiões os cultos totêmicos observados em um mesmo clã. Nos diz ele (1989, p. 201):

Os diferentes cultos totêmicos que assim se praticam no interior de uma mesma tribo não se desenvolvem paralelamente e ignorando-se uns aos outros, como se cada um constituísse uma religião completa que se bastasse a si mesma. Ao contrário,

implicam-se mutuamente; não são senão parte de um mesmo todo, elementos de uma mesma religião. Os homens de um clã absolutamente não consideram as crenças dos clãs vizinhos com a indiferença, o ceticismo ou a hostilidade que uma religião que nos é estranha normalmente inspira; eles próprios compartilham dessas crenças. As pessoas do Corvo também estão convencidas de que as pessoas da Serpente têm uma serpente mítica como antepassado e devem a essa origem virtudes especiais e poderes maravilhosos.

Mas, vamos adiante. Sabemos da necessidade de se observar bem os fatos e extrair relações entre eles, os exemplos citados nos mostram isso e os que se seguem nos darão a certeza do rigor do método e do necessário conhecimento da teoria. Dois observadores estão à solta no mundo especulando a realidade que encontram em cada lugar. Monteiro Lobato nos guia agora, e, como sempre, ele nos leva a mundos encantados e os Lambe-Feras nos preparam algumas surpresas e nos desperta para a reflexão diante do extraordinário a nos excitar a imaginação.

Maldita dedução!

E por falar em mistérios, Monteiro Lobato (1959, p. 72) nos leva à lógica da dedução com os Lambe-Feras diante da descoberta da cobra gigante e do misterioso condor. São dois bons exemplos de observação e de dedução que valem a pena ser recuperados neste nosso esboço metodológico para ilustrar o nosso entendimento dessa complexa relação do olhar e sentir, ver, observar, deduzir e explicar:

O ninho da serpente

Num dos meandros da estrada deparou-se-nos um gigantesco rasto de serpente; tinha uns 100 metros de comprimento e uns 15 de largura.

— É rasto de sucuri?

— Com certeza.

— Mas que enorme! Vamos fazer um cálculo: tendo o rasto 15 c. de largura, a cobra, que é redonda, deve ter um diâmetro... De quanto Buzuck?

— De... de... Fazemos a conta Yewsky. Sacou-se papel, lápis e ciência. Estabeleceu-se a equação. Bezout veio à cena. Custou! Suamos! Mas o X foi encontrado. Era igual a 1m e 50 c. de circunferência e 122m. de comprimento.

— Arre que já é ser grande! Exclamou Buzuck admirado.

— É das tais que engole um boi com o chifre e tudo, fez o russo. Mais adiante outro rasto, porém, menor. De repente Yewsky: Sabe duma coisa! Está me parecendo que isto é carreiro de formiga saúva! Olhe ali! Não vê folhas picadas?

Diabo! Maldita dedução! Fosse o homem destituído da abominável faculdade de deduzir e a esta hora estaríamos com uma serpente de 122m. nas mãos. Um caminho de cobra, um lugar de cobras, um buraco de cobra: era naturalíssimo que a cobra exis-

tisse. Mas qual! O olho da dedução viu umas folhinhas verdes recortadas à beira dos buracos e logo deduziu inexoravelmente: o que corta folha é formiga; logo o rasto não é, nunca foi rasto; é carreiro de formiga saúva. Diabo! Maldita dedução!

Uma outra demonstração da observação e da dedução, ainda com Monteiro Lobato (1959, p. 71), nos ajuda a perceber o processo de ver e analisar o mundo externo a nós, diante do conhecido, mas também do que pode nos surpreender:

O Condor

Em meio da viagem atraiu-nos a atenção uma mancha longínqua no espaço. Que será? Algum balão? Perguntamo-nos. Não era e sim um condor esplêndido todo branco (espécie nova) como neve; fendia o ar com majestade, a airosos golpes de asas (variante para os galófobos: bater de asas), num ruído característico: fâf, fâf, fâf, fã fã ã f! rítmico, surdo, abafado, que se ia esmorecendo à medida que o avejão se apequenava na imensidão até sumir-se feito num pontinho negro e imperceptível.

Yewsky encantado rompeu numa exclamação: “Que lindo gavião!” — “Nunca foi gavião — protestou Buzuck, é um condor e dos maiores!” O russo concordou. Buzuck estava de óculos.

A lógica da dedução requer, portanto, conhecimento a respeito das coisas do mundo; não se contenta com a intuição e, menos ainda, com a inspiração. Requer trabalho, pesquisa, relação de coisa com coisa de modo lógico na busca do padrão dos acontecimentos, das repetições, da *normalidade*. Buzuck estava de óculos! Eis aí um ponto que não devemos deixar passar em branco. O instrumento que facultaria um olhar diferente, a corrigir a possível deficiência de uma miopia, mas também a lente que propiciaria a aproximação de algo distante. A ironia contida na observação final da resignação de um diante da evidente superioridade do outro com sua prótese cultural.

Poderíamos argumentar de modo diferente, observando que quem usa óculos parte já de uma deficiência, portanto, deveria enxergar menos ou mal do que uma pessoa que prescindisse das lentes artificiais; por outro lado, tendo acrescido ao seu equipamento natural um reforço técnico, no caso os óculos, a pessoa passaria então ao estado de superioridade, como na conclusão irônica de Lobato.

A propósito do acaso

Conhecer implica em compreender a ordem dos fenômenos, pois eles não acontecem ao acaso, mas a partir da organização dos acontecimentos, sejam eles quais forem. Caponi (2006, p. 15), na apresentação de “o acaso e a necessidade” explica o conceito de *acaso* para Monod (2006):

No livro de Monod, *acaso* só significa que as variações e mutações que afetam a transmissão da informação hereditária. Mas a palavra não nos quer indicar que elas sejam misteriosos acontecimentos espontâneos carentes de causa ou intrinsecamente imprevisíveis; no livro de Monod, o *acaso* só significa que as variações e mutações acontecem com total independência dos efeitos que elas devem produzir nos desempenhos teleonômicos dos organismos dos organismos nos quais ocorrem. *Acaso* significa, então, pura ausência de finalidade ou de propósito; ausência de toda *razão de ser*.

Assim, devemos ir mais longe em nossas reflexões e incorporar as provocações de Latour (1994, p. 37), ao propor, a partir do título do livro, que “jamais fomos modernos”, o paradoxo de: “não construímos a sociedade, ela é transcendente e nos ultrapassa infinitamente”. Bem, sabemos que somos nós que fizemos e fazemos a sociedade, o nosso desafio é compreendê-la e controlá-la, no entanto ela nos ultrapassa e nos desafia a cada instante. Considerando a sociedade como reflexiva (GIDDENS, BECK, LASH, 1997), tem lugar o *risco*, em que o *risco* é evidenciado como ponto central de atenção do sociólogo.

Elias (1998), a seu modo, toca a mesma questão nos alertando para o fato de ser para nós especialmente difícil dominar o conhecimento de nosso próprio meio, sobretudo pelo fato de vivermos os acontecimentos, ou seja, estarmos no calor da hora, no tempo presente e aponta para a especificidade da abordagem sociológica:

Os universos sociológicos, portanto, diferem fundamentalmente dos universos filosóficos. Não são abstrações idealizadas, como o modelo de um método científico abstrato da física clássica, muitas vezes apresentado como padrão universal para todas as ciências. Nem são especulações metafísicas, como a suposição de que as conexões entre causa e efeito ou outras ilustrações típicas da marcha do desenvolvimento do conhecimento existam enquanto partes de alguma esfera transcendental. Trata-se de universais de processos. A reconstrução de um processo — no curso do qual os seres humanos passaram da condição de um não-saber para a condição de saber ou, alternativamente, estando na condição de saber mergulharam naquela de não-saber — sempre ocupa o centro da cena. Os universais das teorias sociológicas do conhecimento têm o status cognitivo de auxiliares indispensáveis para a construção do processo de conhecimento na forma de um modelo teórico verificável. (p. 30).

Podemos ver, desse modo, que a ciência moderna de que nos fala Monod (2006, p. 32), toma o projeto de conhecimento a partir de uma concepção de totalidade a que todo projeto particular está inserido. Essa totalidade nos incita em buscar as relações significativas que o nosso projeto de pesquisa deve estabelecer:

Mas todo projeto particular, qualquer que seja, só tem sentido como parte de um projeto mais geral. Todas as adaptações funcionais dos seres vivos, bem como todos os artefatos modelados por eles, realizam projetos particulares que é possível considerarmos como aspectos ou fragmentos de um projeto primitivo único, que é a conservação e a multiplicação da espécie.

Se for perguntado qual o objetivo de qualquer sociedade, uma primeira e universal resposta será e de continuar existindo, mas independentemente da reprodução do padrão do organismo, a vida social se processa em uma multiplicidade de direções e de significados. O problema é precisamente este, a existência requer significado, como analisa Todorov

(1996, p.64) a partir de uma frase de Victor Hugo: “os animais vivem, o homem existe”.

Como a existência é o campo da cultura por excelência, a abordagem sociológica tem que se desprender do modelo mecanicista de causa e efeito para adotar o modelo compreensivista, ou seja, da compreensão do significado da existência, das ações sociais. Weber (1991) enfatiza o sentido da ação, a compreensão, portanto, da subjetividade humana; em outros termos, a capacidade humana de querer, de desejar, a vontade de ser um projeto de si e para si.

Bourdieu atualiza a tese de Weber ao desenvolver o conceito de *habitus*, no qual está introjetada a noção do diálogo dialético da interioridade com a exterioridade, e vice versa, relação do indivíduo com a sociedade e dela com o indivíduo, do mesmo modo que Elias ao enfatizar a compreensão do indivíduo enquanto *pessoa*. Existência real, repleta de significação a que cabe a compreensão como método privilegiado de apreensão do real social.

Vamos retornar a Elias para uma melhor compreensão do “infernado emaranhado de coisas”, como se estivéssemos com a preocupação da Mme. De Saint-Ange a pedir um pouco de ordem na orgia (SADE, 1994) na sucessão das ações e dos acontecimentos. Nos diz Elias:

Todas as práticas sociais planejadas acontecem em meio a uma torrente de processos não planejados e sem objetivo, embora estruturados em grande variedade de níveis interdependentes e conhecidos sob diversas denominações, como “natureza”, “sociedade” e “ego”. A extensão do controle que as pessoas podem exercer sobre esses processos e as maneiras de exercê-lo diferem de sociedade para sociedade de acordo com o seu nível de desenvolvimento (1997, p. 172).

Elias vai propor a abordagem “dilemática”, perceber que o indivíduo é a representação concreta da sociedade e que seu “estar-no-mundo” implica na construção do seu “ser-no-mundo”. A complexidade social está precisamente na heterogeneidade da composição da sociedade e no fenômeno estético do compartilhar ou não emoções. É a compreensão do ser humano em suas múltiplas possibilidades e faculdades que está em

jogo. A diversidade social, os diferentes tempos dentro do tempo. A falta de um propósito comum, as contradições e ambigüidades.

Em outra obra, o próprio Elias (1997, p. 43) nos convoca a pensar a questão social a partir do entendimento do mecanismo de autocoação, ou seja, da dialética que Bourdieu explicitou nas relações exterioridade/interiorização e na interioridade/exteriorização, na relação sociedade indivíduo e indivíduo e sociedade; nos diz ele:

Mesmo o que chamamos de “razão” é, entre outras coisas, um mecanismo de autocoação, como também é “consciência”. A este tipo de coação dou o nome de “autocoação”. Difere da primeira categoria de coações derivadas de impulsos naturais porque, biologicamente, estamos dotados apenas de potencial para a aquisição de autocoação. Quando esse potencial não é realizado através da aprendizagem e da experiência, permanece latente. O grau e o padrão de sua ativação dependem da sociedade em que uma pessoa cresce, e mudam, de modos específicos, ao longo do processo contínuo de desenvolvimento humano.

Quando a sociologia aborda as pessoas na sociedade, o seu foco é o indivíduo e como tal precisa ser trabalhado para adquirir contornos de um conceito. Sem uma conceitualização, indivíduo resta como unidade de uma massa que constitui a humanidade, ou de uma população de determinado lugar. O indivíduo, no entanto, é a *pessoa* portadora de uma identidade singular a viver determinada experiência em certo contexto. Como pessoa, biografia, assume posição em um certo drama humano de que trata a abordagem sociológica, tal como a fazemos quando compomos a ficção do real.

Retomemos a análise de Todorov (1996, p.69) para melhor compreendermos a complexidade da sociedade e vermos nela a sua realização concreta na vida dos indivíduos, em que a questão da existência é levada em consideração:

A vida, na maior parte do tempo, leva vantagem sobre a existência, ao passo que o contrário é verdadeiro para o homem. A consciên-

cia humana não surge do nada, é preparada pelas formas da vida animal, mas nem por isso se deve confundir estado embrionário com estado desenvolvido.

A necessidade de existir jamais poderá ser preenchida definitivamente, nenhuma coexistência já vivida nos libera da necessidade de novas coexistências.

Assim situamos a dimensão do “infernado emaranhado de coisas”. No conjunto organizado da sociedade quando se trata de pensar a existência, a vida individual, ela própria tomada como objeto de estudo de uma ciência particular que foca as instituições e normas que restringem a liberdade individual direta ou indiretamente em função de certos ordenamentos de poder de uns sobre outros, de uns com outros, de uns contra outros, nas relações de pessoa a pessoa, na concretude do indivíduo como representação da vida social. E, mais ainda, a revisão de paradigmas que tomam o ser humano como cindido, polarizado entre razão e emoção, recusa à compreensão da totalidade do ser em suas múltiplas faculdades. Recorremos a Eagleton (1993, p. 17):

É como se a filosofia acordasse subitamente para o fato de que há um território denso e crescendo para além de seus limites, e que ameaça fugir inteiramente à sua influência. Este território é nada mais do que a totalidade de nossa vida sensível — o movimento de nossos afetos e aversões, de como o mundo atinge o corpo em suas superfícies sensoriais, tudo aquilo enfim que se enraíza no olhar e nas vísceras e tudo que emerge de nossa mais banal inserção biológica no mundo.

É preciso se reforçar a abordagem sociológica que assumo o ser humano em sua totalidade e que o trabalhe a partir daquilo que o motiva a agir: as suas emoções. Não são as ações o ponto crucial da análise sociológica para Weber? Não faz ele a apologia da *compreensão*? Bauman (1977, p. 9), com precisão, situa a sociologia como uma ciência que estuda a coação social e individual, portanto, como a “ciência da não liberdade”:

... A natureza é o oposto da cultura, na medida em que a cultura é a esfera da criatividade humana e o seu desígnio; a natureza é “inumana”, na medida em que “ser humano” implica estabelecer objetivos e padrões ideais; a natureza é desprovida de sentido, na medida em que dar sentido a uma coisa é um ato de vontade e a verdadeira essência da liberdade; a natureza é determinada, na medida em que a liberdade consiste em pôr a determinação de lado.

Bourdieu avançou consideravelmente no século xx ao fazer convergência e dispersões das contribuições dos clássicos, como ele próprio confessa em certo momento em que fala de sua teoria. Sua contribuição se deve à herança recebida dos clássicos, do rico século xix para as ciências sociais, quando a biologia propôs com a teoria da evolução das espécies a despedida definitiva das alegações teológicas que nos ligavam ao mundo “encantado”.

Estamos em uma época de elevada individualidade, a que Lipovetsky denominou de Crepúsculo do dever (1992), de libertação do ser de injunções que no passado, mesmo recente, o sobrecarregava. Esse individualismo pós-moderno se faz acompanhar de sentimentos contraditórios, da leveza do ser, ou estranhamento de si — e aqui se poderia tomar dois autores paradigmáticos: Kundera e Houellebecq, no campo literário — e Elias e Bauman na sociologia contemporânea, sem que, com isso, outros autores sejam desprezados, e dentre eles podemos nos lembrar da reflexão biográfica de Loïc Wacquant em “corpo e alma”.

O foco no individualismo contemporâneo nos parece mais adequado para o entendimento de uma época que revoga paradigmas que pareciam permanentes na formação do pensamento filosófico e das ciências sociais. Hoje, com a explosão de movimentos “micrológicos”, uma nova dimensão social está a requerer que uma sociologia sensível, que chamamos de *sociologia de proximidade*, dê conta dos fenômenos que são marcadamente conduzidos por sentimentos, sem outras razões de ser, na mais completa acepção do axioma de W. I. Thomas: o que é acreditado é real em seus efeitos. Mas, sem ingenuidade, sabemos que as formas de sentir e o que se sente são socialmente estabelecidos.

Tomemos, por exemplo, a crença na autenticidade da juventude; nos anos 60 e 70 não se acreditava em ninguém com mais de 30 anos. Mais do que um ditado, era um libelo de uma época que se recusava envelhecer e que via na juventude uma condição política intrínseca a garantir a liberdade existencial. Havia um horror ao enquadramento, assim como a quadratura de si. O mundo envelheceu, e muito, desde então, e se comprovou que o dito estava mais que certo. As idéias revolucionárias se perderam enquanto ligadas às grandes teorias de transformação social e migraram para os espaços específicos das minorias em uma grande fragmentação. Hoje, com a memória do final do século xx, Houellebecq (1994. p. 92) filosofa através de um personagem sobre a adolescência e ele diz: “*À cet aimable contradicteur je répondrai que l’adolescence n’est pas seulement une période importante de la vie, mais que c’est la seule période où l’on puisse parler de vie au plain sens du terme*”. E concluirá, que “*l’homme est un adolescent diminué*”¹⁰.

A sociedade contemporânea teme a perda da juventude e se volta para ela como uma ideologia. Sociedade terapêutica a revigorar na religião a religiosidade da imanência, substituindo a transcendência para a solução dos problemas deste mundo com a mobilização de recursos da fé. Grandes massas acorrem a templos em busca de solução para seus desastres de amor, de saúde ou financeiro, esses três campos de interesse universal a que se voltam os adivinhos: saúde, amor e trabalho (ESPINHEIRA, 2005).

Maffesoli dá especial ênfase ao que ele denomina de *sentido de finitude*, o que leva a um “presenteísmo” exacerbado, como uma ideologia de época. Assim, ele formula a idéia de que “o sentido de finitude que força, sem que seja uma consciência ou uma vontade bem precisa, a impregnar o que é agradável viver”. No fundo tudo resulta do “pensamento vicinal” que valoriza o concreto da existência imediata, a banalidade.

Temos observado a valorização do cotidiano com os seus fatos e suas rotinas como o verdadeiro universo em que os jovens estão envolvidos, assim como os seus familiares adultos, vivendo os espaços que as gerações tomam como preferenciais e significativos. Ultrapassar as condições de necessidade e ter acesso ao consumo é um objetivo de êxito de todos os jovens, sejam homens ou mulheres. Alguns objetos se impõem como representação cultural de época, é o caso do celular, do MP3. Mas tam-

bém, estilos dos vestuários e dos penteados, o que toca à questão também privilegiada por Maffesoli (1990, p.59) que é o elogio do corpo, o domínio da estética vista como “o corpo como suporte da vida sensível” e que a dimensão estética a o do prazer dos sentidos experimentado em comum.

Para o sociólogo francês, trata-se de uma categoria tátil, em que o corpo valorizado fala a sua linguagem de proximidade e privilegia o toque: “o tátil favorece o que está próximo (proxemia), o cotidiano, o concreto. É o sentido que se pode compreender o estético, preocupação do presente que tende a prevalecer em nossos dias” (MAFFESOLI, 1990, p. 44). O elenco de possibilidade é relativamente restrito: shows de bandas, bailes funk, arrocha, pagode; encontro em bares, passeios a praias ou a shoppings-centers em grupos. No dia a dia a vida transcorre entre a casa e a escola, e a rua em encontros para conversas, namoros ou articulações de atividades que ajudam a suprir certas necessidades, a exemplo do consumo de drogas por algumas pessoas. O imediato e o concreto ocupam a subjetividade de modo predominante. Finalizando este aporte, Maffesoli (1990, p.89) recorre a R. Hoggart (1973) e diz que em seu estudo sobre as classes populares, o autor evidencia o gosto de viver a “boa vida” e de só se ocupar com o presente. Assim Maffesoli fala de um epicurismo da vida cotidiana como uma ideologia, uma maneira de ser largamente experimentada.

Conclui Maffesoli que o pensamento vicinal, em virtude de uma sabedoria trágica, diz que os “prazeres da vida”: comer, beber, conversar, amar — que se disputam passam depressa, que convém que sejam praticados aqui e urgentemente. Neste sentido a vida tem pressa, sobretudo para os jovens que sentem o tempo passar com muito maior rapidez do que os adultos, porque sentem em seus corpos as transformações que os projetam a cada instante para o novo momento, para uma nova necessidade de representação de si. Uma coisa é quando se está com quinze anos, outra é quando já se tem dezesseis. Um ano de diferença tem aqui implicações muito significativas, porque projeta o ser como um trabalhador potencial, como eleitor, já se inserindo em circuitos que os mais novos não podem, legalmente, participar¹¹. Dezoito anos, por seu lado, já significa a saída da adolescência e do resguardo da Lei (Estatuto da Criança e do Adolescente). Quando

também se espera que a pessoa seja dona do seu nariz, competente em sua emancipação, o que a realidade não corrobora, levando-o a manter-se dependente dos familiares, ao tempo em que a vida social de sua geração exige que ele se represente com autonomia.

Os jovens conhecem muitos outros jovens que morreram cedo e muitos se colocam na fronteira do risco e o correm na forma como articulam suas vidas, como se não houvesse saída e tudo urgisse, como se se seguisse a formulação de T.S. Eliot: “e tudo é sempre agora”. Nos ambientes populares e entre pessoas que vivem a tensão dos riscos da transgressão, a passagem para os dezoito anos — a maioridade — é também para a morte, como se a polícia tivesse o direito de matar as pessoas quando adultas, como frequentemente acontece utilizando-se do recurso de resposta a agressão ou resistência à prisão. Os jovens sabem que essa ultrapassagem de idade os coloca em um patamar novo e apavorante: têm medo de ser jovem.

No campo da saúde muitas conquistas se efetivaram; no do amor se deu o que Houellebecq (1999) denominou de declínio da era amorosa, e Bauman (2004) do “amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”, em que os laços afetivos se tornam menos rígidos e mais fáceis de se desfazerem. Galimberti (2006b, p. 11) situa o amor como “o único espaço em que o indivíduo pode realmente se expressar, para além das regras e obrigações da sociedade da era da técnica”. No âmbito do trabalho um *espectro* ronda a sociedade, desligando pessoas de postos de trabalho que se extinguem e impedindo que novos seres sociais encontrem acolhida no mercado, tornando as pessoas excessivas, ou na linguagem de Bauman (2005, p. 20), “redundantes”:

‘Redundância’ compartilha o espaço semântico de “rejeitos”, ‘dejetos’, ‘restos’, ‘lixo’ — com *refugo*. O destino dos desempregados, do ‘exército de reserva da mão-de-obra’, era serem chamados de volta ao serviço ativo. O destino do refugo é o depósito de dejetos, o monte de lixo.

O trabalho, como se sabe, tem um valor capital no reconhecimento das pessoas na sociedade. Todo o projeto de sociedade é no sentido de

fazer de cada pessoa um trabalhador, não importa qual o campo, mas em princípio separando os dois grandes grupos: os trabalhadores manuais e os intelectuais, ainda que nestes dois campos caiba uma variedade quase infinita de diferenciação de papéis. Freud (1997, p. 29) escreve de modo contundente sobre a cena humana delineada a partir da idéia de trabalho, como segue:

Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. (...) A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, por meio da sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados. (...) A grande maioria das pessoas só trabalha sob a pressão da necessidade, e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis.

Se a vinculação social se faz pelo trabalho, o não trabalho, seja pela não inserção do jovem ao mercado de trabalho, seja pelo desligamento dele, sob a denominação de desemprego, representa um drama de grande dimensão para os indivíduos e para a sociedade como um todo. Somos o que fazemos, vem de nosso trabalho a nossa identidade mais facilmente reconhecida. Tornados “redundantes” os seres humanos são simplesmente “desembarcados” de uma aventura que os ligava uns aos outros com o reconhecimento de seus papéis socialmente validados. O desempregado é um ser estigmatizado, é um “ex”, um sem incompleto em relação ao que foi, e ao que agora é, a negação de sua potencialidade.

O trabalho, transformado em virtude, é o meio social pelo qual os indivíduos têm acesso a uma fração da riqueza que permite a sobrevivência e ir além dela para a fruição do prazer. Vamos a Marx e Engels (1980, p. 28) para compreender o drama humano:

O que não é possível levar a cabo uma libertação real sem ser no mundo real e através de meios reais; que não é possível abolir a

escravatura sem a maquia a vapor e a ‘mule-jenny’¹², nem a servi-
dão sem aperfeiçoar a agricultura; que, mais genericamente, não
é possível libertar os homens enquanto eles não estiverem com-
pletamente aptos a fornecerem-se de comida e de bebida, a satis-
fazerem as suas necessidades de alojamento e vestuário em qua-
lidade e quantidade perfeitas. A “libertação” é um fato histórico
e não um fato intelectual, e é provocado por condições históricas,
pelo progresso da indústria e do comércio, da agricultura...

O fenômeno do trabalho deve ser acompanhado de uma visão
crítica sobre o discurso do capitalismo quando prometia pleno em-
prego e quando jogava sobre as pessoas em sua individualidade a
responsabilidade da inclusão ou da exclusão. O destino de cada qual
é uma construção pessoal, sem “desculpas sociológicas”, como destaca
Wacquant (2001, p. 30) ao analisar a postura da “intolerância zero”
em seu estudo sobre “as prisões da miséria”:

... A determinação do Estado em punir os “distúrbios” e, ao mes-
mo tempo, isentar esse mesmo Estado de suas responsabilidades
na gênese social e econômica da insegurança para chamar à res-
ponsabilidade *individual* os habitantes das zonas “incivilizadas”,
a quem incumbiria doravante exercer por si mesmos um controle
social próximo, como exprime essa declaração, similar a tantas
outras, de Henry MaLiesh, ministro do Interior escocês (e neo-
trabalhista), publicada sob o título “a tolerância zero vai limpar
nossas ruas”.

O fenômeno da violência está associado a comportamentos indivi-
duais, à delinquência em sociedades como a dos Estados Unidos, de alta
individualidade e de grande competição pelo sucesso, pelo trabalho, pela
representação de status através do consumo, o que exige sempre capaci-
dade aquisitiva, ser um consumidor. Podemos encontrar no Brasil essas
mesmas características, que são aquelas que o capitalismo inocula em
todos os povos. Os indivíduos que fracassam são vistos como culpados
desse fracasso para si mesmos, assim como são exemplos ameaçadores ao

resto da sociedade. O tratamento dispensado a eles é duplamente cruel: o estigma social e a punição legal ao menor deslize cometido. As falhas do capitalismo em envolver todas as pessoas, como a grande promessa do pleno emprego, são reparadas com a punição “dos indivíduos culpados”.

Os discursos dos teóricos do desenvolvimento, sobretudo economistas, enfatizavam a harmonia e o cumprimento das promessas do capitalismo em oferecer a cada pessoa em sua individualidade as possibilidades de realização de seus projetos de vida, sobretudo a do pleno emprego, a garantia inequívoca da renda que proporcionaria a capacidade aquisitiva na sociedade de consumo e da superabundância proporcionada pelo capitalismo.

Esqueceram de que as mulheres eram parte da força de trabalho, que elas foram usadas na selvageria do capitalismo industrial nascente, mas não era a elas que o discurso do pleno emprego era dirigido. Vieram, como intrusas, e propuseram novos problemas sociais. Assumiram, por luta, a condição humana e não abriram mão da conquista, ainda que incompleta. Ao fim de tudo, no começo do século XXI, o fracasso do sistema produtivo em acolher como trabalhadores todas as pessoas a requererem esta condição. Nos faz lembrar Lafargue (1980, p. 17), no seu lúcido manifesto: “o direito à preguiça”, quando vê que “esta loucura é o amor pelo trabalho, a paixão moribunda pelo trabalho, levada até o esgotamento das forças vitais do indivíduo e sua prole”.

Voltando à literatura, à ficção do real, Vargas Llosa (2003, p. 410), em seu romance “O paraíso na outra esquina”, nos faz uma notável retrospectiva na vida de duas personagens que se entrecruzam: Flora Tristan e Paul Gauguin, avó e neto, que em tempos e circunstâncias bem diferentes agregaram ao mundo o que Hannah Arendt classificou como *l'oeuvre*, obra que enriquece o patrimônio da humanidade. Flora Tristan, em seu sofrimento pessoal, tornou-se a mulher mais importante do despertar da consciência feminina para a igualdade ao homem como força de trabalho e, ao mesmo tempo, contra todas as formas de discriminação de gênero e de opressão, sobretudo nos ambientes de trabalho:

A burguesia não tinha remédio, seu egoísmo sempre a impediria de ver a verdade geral. Você, ao contrário, agora mais do que nun-

ca, tinha segurança de estar no caminho certo. Aproximar as mulheres dos trabalhadores, organizar uns e outros em uma aliança que transcendesse as fronteiras e que nenhuma polícia, exército ou governo pudessem esmagar. Então o céu deixaria de ser uma abstração, escaparia dos sermões dos padres e da credulidade dos fiéis, tornar-se-ia história, vida de todos os dias e para todos os mortais. “Eu a admiro, Florita”, exclamou entusiasmada. “Oh, meu Deus, bastaria que mandasse dez mulheres como eu a este mundo para que reinasse justiça na terra”.

Esta história verdadeira, tratada na ficção, é datada de 1848, ano sintomático, sobretudo na França, que é quando a derrota da revolução operária é acompanhada pelo lançamento do livro de Marx e Engels, (1986) “O manifesto do partido comunista” a anunciar que “um espectro ronda a Europa, o espectro do comunismo”.

A fragmentação das perspectivas sócio-culturais da pós-modernidade praticamente substitui a famosa constatação de Marx e Engels na abertura do primeiro capítulo de *O Manifesto* (1986, p. 53-54): “A história de toda sociedade até nossos dias é a história da luta de classes”. Logo em seguida o argumento se torna mais explícito:

A sociedade burguesa moderna, partido do declínio da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Ela não fez senão de substituir novas classes, de novas condições de opressão, de novas formas de luta em relação àquelas de outrora.

Nossa época, a época da burguesia, se distingue, todavia, por uma simplificação dos antagonismos de classe. A sociedade inteira de cinde em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes que se confrontam diretamente: a burguesia e o proletariado.*

A revolução tecnológica libertou algumas pessoas e aprisionou outras em diferentes proporções. As lutas que visavam as grandes mudanças foram substituídas por particularismos étnico-culturais e de gênero, cujo fim é algum tipo de pacto de não agressão, de reconhecimento legal e de inclusão social. A questão das desigualdades sócio-econômicas fica obs-

*As citações de autores estrangeiros, consultados no original, foram traduzidas pelo autor.

curecida, embora se tenha no Fórum Social Mundial o desenvolvimento de idéias altermundistas que seguem o slogan: “Outro Mundo é Possível”, protesto veemente contra o Fórum Econômico Mundial de Davos que orienta e glorifica o capitalismo.

Inicialmente em Porto Alegre, no extremo meridional do Brasil em que um novo partido político — oriundo da luta dos trabalhadores do ABCD de São Paulo se fez presente no governo do Estado e na prefeitura da Capital, abrindo novas fronteiras políticas. O PT (Partido dos Trabalhadores), ainda regionalizado, tornar-se-ia um partido hegemônico com a eleição do líder sindical Luis Inácio Lula da Silva presidente do Brasil, reeleito em 2006. Pois bem, como um movimento de protesto em terra fértil, Porto Alegre, o Fórum Social Mundial se consolidou em oposição ao fórum dos países ricos, reunidos em Davos, Suíça, no mesmo período.

A experiência altermundista inaugurou novas formas de protestos que iniciados em Seattle se propagaram como manifestações de multidões. Antonio Negri, o mais eminente dos comunistas da tradição italiana, associou-se ao americano Michael Hardt e produziram pelo menos duas obras polêmicas e instigantes: *Império*, em 2000 e *Multitude*, 2004. No interstício, Negri publicou inúmeros outros trabalhos, cuja tônica é a idéia da democracia radical, participativa, como superação do esgotado modelo de democracia representativa.

A animação do Fórum Social Mundial conta, também, com a polêmica proposta de John Holloway, enunciada no título de seu livro: “Mudar o mundo sem tomar o poder”. Estava ali uma análise da micro reação de Chiapas ao governo do México e ele a tomou como uma possibilidade possível, no salto das situações micrológicas para as macrológicas. Rouanet (1987, p. 20) nos fala das falências de uma época:

A modernidade econômica está morta, porque sua base era a industrialização, que hoje foi submetida, por uma sociedade informatizada que se funda na hegemonia do setor terciário, o que significa que transitamos para um sistema pós-industrial; a modernidade política está morta, porque se baseava em um sistema representativo e no jogo dos partidos, que deixaram de fazer sentido num espaço público dominado pela ação dos movi-

mentos micrológicos, como o feminista e o dos homossexuais, e pela ação de um poder que não está localizado no Estado, e sim numa rede capilar de disciplinas, que saturam os interstícios mais micrológicos da vida cotidiana; e a modernidade cultural está morta, em todas suas manifestações – na ciência, na filosofia e na arte.

Metodologicamente, para nós, fica o desafio de compreender a abrangência e os campos dos fenômenos. Até então, os fenômenos analisados ou simplesmente indicados nos dão pistas para maiores aprofundamentos ou direcionamentos, mas não soluções. O confronto entre o Mundo Rico e o Terceiro Mundo, com as apostas da biotecnologia, a exemplo dos *transgenecons*, e outros encaminhamentos, a exemplo do acordo de Kyoto, do qual os Estados Unidos se esquivam.

O advento do Fórum (WSF) animou o mundo em termos de diversidade de prática política. Um caminho foi o abrir democrático para todas as idéias possíveis, e quando tudo é possível o panorama é de oferta aos exotismos, como o combate do militante francês Bové aos experimentos transgênicos e os protestos de *multidão* (HARDT e NEGRI, 2004). Alguém se referiu ao movimento altermundista como “feira ideológica”, algo como um carnaval de idéias, cuja imagem retira a racionalidade do vendedor/comprador da feira, e foca o difuso ou o caos. Se o Caos, a promessa de um começo. Os grandes temas universais são ressaltados.

Assimétricos e desencontrados: o primeiro com grande número de participantes, mas detentores, em princípio, de um único poder de protestar, o “jus esperneandi”; o segundo, reduzido em participantes, mas com um poder real imenso e até então decisivo na ordem do mundo. São eles os donos do mundo que movem o capitalismo — e o mais correto seria dizer que são eles os movidos pelo capitalismo! Que os satisfazem na medida das necessidades manifestadas do grande Moloch com sua fome insaciável.

Perseguíamos um caminho para explicitar o processo de pesquisa e entramos por vias teóricas de interpretação do mundo contemporâneo. Cometemos intencionalmente e involuntariamente desvios, mas foram inevitáveis em nosso caminhar trôpego, às vezes “dando voltas como um

peru”, como apontou Darcy Ribeiro ao falar de Gilberto Freyre. Esperamos que o leitor aproveite para ver as paisagens para além daquelas que se vêem da estrada reta. Este devaneio é muito comum e é preciso vigilância para não se extraviar do que se queira fazer. Não é exatamente o nosso caso, pois o que fizemos foi *por lenha na fogueira*.

O fogo alto nos chama, ou nos sinaliza, como farol, para ver o que a sociedade e nossa vida propõem como problemas a nos desafiar em todas as dimensões; e o que nós estamos tratando aqui é do processo de pesquisa, do desvendar a realidade, porque o mundo familiar é também o exótico a nos propor mistérios íntimos e claros enigmas.

PARTE II

ARTES DE FAZER E INVENTAR

Textos adicionais de Gey Espinheira:

Metodologia e prática de oficinas em comunidade

Profundidade e verticalidade

Atravessar o espelho das águas, mergulhar em profundidade para se chegar à inacessível proximidade.

O que se pode dizer de uma atividade que é ao mesmo tempo pensamento e ação? Teoria e prática, em que a prática da teoria é fundamento da teoria da prática? Jogo de palavras? Não. Atividade acadêmica no calor da hora, ação de saber e de fazer, portanto de conhecer, de descobrir.

Como se faz o conhecimento? Se libertando da apropriação em que nos encontramos quando nos apropriamos da “verdade”, quando fazemos ciência. Por isso precisamos desse arremesso vertical, que é também um precipitar-se no obscuro, em busca do fim, pois só o fim contém o princípio, assim como nos ensina T.S. Eliot (2004, p. 341): “... Ou seja, que o fim precede o princípio, e que o fim e o princípio sempre estiveram lá, antes do princípio e depois do fim. E tudo é sempre agora”.

É preciso pensar nisso, no olhar para o fim para saber como começar. Só o que está no fim contém o princípio, e o princípio está no fim, assim como o caminho a ser tomado só pode ser decidido quando se sabe aonde se quer chegar.

Aprofundar, verticalizar e desentranhar são ações de ir ao profundo, ao caos, compreender o divisível, caos que é abismal.

Esta é uma característica de uma universidade que se abre para a crítica, para produzir¹³ e não apenas reproduzir conhecimento e ação. Uma nova universidade precisa ir ao fim, ao caos, para poder ser nova, contemporânea de nossas inquietações e desejos desejados de transformações.

Tomemos a metáfora de Alice: ela atravessa o espelho, ela, verticalizada, penetra o grande buraco no qual se precipita e em sua viagem e conhece não só um novo mundo, mas criaturas estranhas e modos também estranhos de proceder.

Há por trás das aparências algo a mais para ser conhecido, desencoberto, como nos ensina Bachelard — nossa missão é ir à busca do que está encoberto, velado pelo véu que o vela, como nos provoca Heidegger.

Nada encontraremos de novo na planura, na superfície. Eis, portanto, uma razão forte para a verticalização, para ir à profundidade para compreender a superfície.

Quando vamos fundo, nós nos modificamos, mudamos, como Alice, a consciência, a forma de ver e de sentir o mundo a nossa volta e dentro de nós.

Verticalizar é saber precipitar-se, tornar-se, repentinamente, antípoda. É uma experiência que transforma, que gera a ação transformadora e que constrói. E novamente apoiado em Heidegger, lembrar que construir significa cuidar do crescimento; é criar, assim como deve ser a Universidade: uma construção do ser humano na dimensão ampla da Civilização, e civilização, no sentido de Freud: um projeto de viver junto que estranhamente a humanidade adotou. É superar as desigualdades e as diferenças e reconhecer o outro e ser reconhecido.

Eis porque precisamos verticalizar, ir ao fundo da alma, para valer-mos a pena.

A rua como espaço de sobrevivência de crianças e adolescentes

(Para o Centro Projeto AXÉ – 23.09.98)

Ruas

Carlos Drummond de Andrade
(Boitempo)

Por que ruas tão largas?
Por que ruas tão retas?
Meu passo torto
foi regulado pelos becos tortos
de onde venho.
Não sei andar na vastidão simétrica
implacável.
Cidade grade é isso?
Cidades são passagens sinuosas
de esconde-esconde
em que as casas aparecem-desaparecem
quando bem entendem
e todo mundo acha normal.
Aqui tudo é exposto
evidente
cintilante. Aqui
obrigam-me a nascer de novo, desarmado.

A oposição casa e rua tornou-se um dos estereótipos mais frequentes na mídia e entre pessoas e instituições que se voltam para o atendimento a pessoas necessitadas, especialmente crianças e adolescentes denominadas *de rua* ou *na rua*.

Não se deve estranhar o fato de ser a rua um lugar tornado necessário para a sobrevivência de todos aqueles que não têm lugar próprio onde

possa reproduzir a sua sobrevivência. Em nossa sociedade, e na maior parte das que conhecemos, há sempre arranjos familiares estruturados em termos de consangüinidade, de parentesco. Mas há situações em que esses arranjos se deterioram ou simplesmente se desfazem, como nos casos de morte ou desaparecimento, de fugas, de abandonos. Nestes casos, os mais frágeis são obrigados a recorrer a outras formas para manter a vida e proporcionar a existência.

Em trabalhos anteriores (ESPINHEIRA, 1993; ESPINHEIRA e ESPINHEIRA, 1992) analisei a questão da deficiência de bens materiais, de realizações, portanto, que caracterizam as situações de pobreza e suas principais implicações que levam essas pessoas carentes a buscar o recurso da sobrevivência na rua. Cito o que disse antes:

Na miséria não há privacidade; e este é um problema maior. A miséria não cabe num barraco; expande-se, torna-se ostensiva e revela o íntimo das pessoas. Por isso a miséria enlouquece, brutaliza.

A rua é sempre coletiva. Nela, não há lugar para o privado. Na rua, entretanto, podem-se viver múltiplas identidades simultâneas, pode-se ser até simulacro. Nela se foge das “tirantias da intimidade” que formulam, modelam, violentam. A rua é amparo coletivo, o lugar dos desamparados (ESPINHEIRA, 1993, p. 25).

Quando analisamos historicamente a sociedade brasileira vamos sempre encontrar a rua estigmatizada como lugar de vadios e estigmatizante dos que nela se encontram sem uma função socialmente legitimada. Vagar pelas ruas, bater pernas nas ruas, rueiro etc., são ações e denominação depreciativas. O olho da rua, por exemplo, é o lugar extremo do abandono, daquele que está desprovido de tudo e jogado ao desamparo no território coletivo da não pertença, do não-lugar: a rua.

Crianças e adolescentes se refugiam na rua e nela têm uma visibilidade e nela desenvolvem mecanismos de sobrevivência. Transgressões e mendicância são formas de obtenção de alimentos e bens que necessitam, seja dinheiro vivo ou objetos furtados para venda e negociação

direta para a realização de necessidades, a exemplo da compra de drogas ou para outra finalidade qualquer, sendo uma delas o levar para a família alguma ajuda.

Essas crianças e adolescentes tornam-se, assim, inconvenientes para as demais pessoas que estão nas ruas, seja circulando por elas ou que nelas têm os seus locais de trabalho. É por essa visibilidade ativa que são primeira e principalmente notados, só secundariamente, e por muito poucos, pela perspectiva humanista que enxerga no *abandono* a crueza de um itinerário de vida que pode configurar um destino de não realização existencial.

Viver e existir são complementares, mas guardam profundas diferenças. A vida é a sustentação do organismo, que precisa de uma série de adições externas para manter-se: comer, beber, proteger-se do frio, dormir, descansar... Existir pressupõe outras necessidades, *supérfluas*, que condizem com a necessidade de reconhecimento, de coexistência, de troca e tudo isso implica em sentimentos, afeição, ternura.

Recorro aqui a Todorov (1996, p. 68-69) ao que ele enfatiza em oposição a muitas concepções teóricas e ao senso comum:

Com freqüência, renuncia-se aos prazeres sensuais, a comida e o gozo sexual, para buscar prazeres *simbólicos*, a aprovação dos outros ou a aquiescência de parte de nossa própria consciência. Pode-se ir ainda mais longe e escolher deliberadamente o desconforto físico para obter o que se crê ser uma purificação moral: jejuar-se, pratica-se a abstinência, procura-se mortificar a carne, usando roupas grosseiras ou flagelando-se. [...] Os animais domésticos buscam intencionalmente o reconhecimento humano. São muitos os exemplos de coexistência social que passam, como no caso do homem, pelo olhar. Mesmo assim, esses momentos de coexistência que nos fazem lembrar os traços humanos são limitados no tempo e têm um papel restrito: a vida, na maior parte do tempo, leva vantagem sobre a existência, ao passo que o contrário é verdadeiro para o homem. A consciência humana não surge do nada, é preparada pelas formas de vida animal, mas nem por isso se deve confundir estado embrionário com estado desenvolvido.

O pressuposto dessa discussão está numa frase de Victor Hugo, tomada pelo autor: “Os animais vivem, o homem existe, em que o primeiro nível de organização é o viver, o segundo é o existir” (TODOROV, 1996, p. 64). A complexidade está precisamente na questão do reconhecimento, tal como formula Todorov nas páginas já citadas:

O reconhecimento de nossa existência, condição preliminar de toda coexistência, é o oxigênio do homem: assim como o fato de respirar hoje não me concede o ar de amanhã, os reconhecimentos passados não me são suficientes no presente.

Não é preciso ir muito para se compreender que a identidade pessoal só é possível quando reconhecida pelo outro; e quando esse outro reconhece apenas a identidade de “de rua” ou “na rua” o resultado é o estigma, ou seja, uma outra identidade que encobre aquela que deseja ser reconhecida. Essa situação acarreta a alienação em muitos casos e em outros a incorporação interativa da imagem formulada pelo outro para as negociações consideradas necessárias. O menino e a menina de rua, assim nomeados, são ladrões e prostitutas; são marginais e, assim sendo, devem ser punidos, devem “desaparecer das ruas” do convívio aberto.

Para muitas pessoas que se pensam piedosas e justas, esses meninos e meninas devem ser levados para alguma instituição; devem, acima de tudo, perder a autonomia que têm. A liberdade de *ser* e *estar* na rua deve ser suprimida. Essas considerações apontam para diversas ações, mas também orientam para a consideração da existência como objetivo principal de uma ação humanizante que se preocupa com os destinos pessoais, com a realização de desejos desejados de construção de objetivos que animam e encantam a vida, ou seja, que constroem efetivamente a existência.

A proposição de uma existência saudável e feliz é feita de pequenos gestos, de suprimento de pequenas e profundas necessidades a partir do reconhecimento, da valorização da pessoa na coexistência social em todas as suas dimensões. A “centralidade subterrânea”, tal como concebida por Maffesoli (1990, p. 92) diz respeito aos elementos e fatores da vida cotidiana, tais como:

A culinária, os jogos das aparências, os pequenos momentos festivos, as deambulações cotidianas, os ócios etc., não podem mais ser considerados como elementos sem importância ou frívolos da vida social. Enquanto exprimem as emoções coletivas, eles constituem uma “centralidade subterrânea”, um valor vivo e irreprensível, que convém se analisar. Há uma autonomia de “formas banais” de existência que em uma perspectiva utilitarista ou racionalista não têm finalidade, mas que não menos destituídas de sentido, mesmo se se esgotam *in actu*.

A complexidade da existência, a heterogeneidade do social e a diversidade de adequadas para esse resgate que tem como objetivo imediato o reconhecimento de que sempre se tem algo a perder, porque é sempre possível conquistar valores que dão satisfação, que realizam, que proporcionam o prazer do reconhecimento. A sensação da vida presente como um contínuo interminável, mesmo que em situação adversa, a prescrever que não há o que perder, pois o que se tem e como se vive não têm valor, é a primeira desconstrução a ser feita. Esta situação negativa é construída pela negatividade, na alienação ou na simulação exacerbada.

Entrevistas com moradores:

Notas para histórias de vida e narrativas pessoais

ESQUEMA BÁSICO: identificar o sujeito a ser entrevistado e procurar conhecer quais os elementos que o ligam ao tema central, no caso a cidade. Definir bem a sua relação com a cidade e recortar dessas relações os pontos que interessam à pesquisa, ou seja, o objeto da pesquisa. Um dos problemas das entrevistas é a possibilidade, e bem freqüente, aliás! De o entrevistado desviar-se do interesse do entrevistador e tomar o fio da meada, conduzindo a conversas para as suas conveniências pessoais. Não se trata, de forma alguma, em manipular e explorar o entrevistado, em que o entrevistador se mostra insensível com suas recordações e ênfases, mas reconhecer que a entrevista requer uma objetividade, pois demanda tempo e recursos e, portanto, não se pode deixar que ela se perca em desvios significativos de seus propósitos.

É bem comum, quando se trata de levantamento de memória, que o devaneio pessoal do entrevistado assuma o lugar dos temas que o entrevistador deseja para a sua pesquisa. Polidez, objetividade, são requisitos fundamentais.

Em casos específicos, sabemos que algumas famílias tiveram importância para além do bairro, da cidade e do município em suas ações e desempenho de papéis. Algumas dessas personagens eram tomadas como referenciais de realização para as pessoas comuns e passadas aos mais jovens como ideais de vida. São, portanto, figuras públicas, cujas vidas e ações eram objeto de conversas e considerações de toda ordem nas conversas familiares e de vizinhança e de grupos de identidade. Esses tipos são relevantes para a pesquisa de registro da memória da cidade, ainda que se leve em conta o viés que deve orientar a percepção do passado e a compreensão do presente.

A personagem comum é também relevante e sua escolha, mesmo quando aleatória, deve obedecer aos mesmos critérios, isto é, definir as relações do sujeito com a cidade, com o ambiente, seja no que concerne aos papéis que assumiu, seja simplesmente pela forma como viveu a vida

cotidiana. Nestes casos é muito importante explicitar os relevos que essas personagens fazem do passado, não raro situando-se pessoalmente em relação a eles, ou sendo eles próprios o objeto da atenção.

A memória passa por um processo pessoal de interpretação e é manifestada de uma forma especial para cada ouvinte, ou seja, cada história, cada emoção, depende da interação que é estabelecida entre o narrador e os ouvintes.

Do ponto de vista prático, estabelecer o contato, justificar a curiosidade a partir do conhecimento que tem do sujeito com a cidade, com a escola ou qualquer que seja o ambiente, com a vida cotidiana. O simples saber que a pessoa nasceu ali já é um ponto de partida e uma justificativa para a realização da entrevista. Nasceu *quando*, em que *categoria social*, em que *lugar*, quem eram os pais, isto é, que *funções* exerciam na cidade, tanto em termos de *trabalho profissional*, como em *outras atividades*. Que *acontecimentos* são lembrados e que *relações* eles estabelecem com o entrevistado no registro da vida na cidade. Como o entrevistado lê a cidade e o seu passado, o que ele registra como algo que lhe é externo e às vezes estranho, e o que ele o faz a partir de seu próprio envolvimento, mesmo que ainda indireto.

A leitura de cada entrevistado abre caminhos para recortar temas que são do interesse do pesquisador, mas é preciso não se deixar levar pela recordação da vida pessoal e perder o objetivo da entrevista que é o de situar a personagem como elemento documental do que está se tentando construir. É preciso, pois, saber selecionar um informante válido entre tantos que aparentemente estão disponíveis numa cidade.

Não só os mais velhos são testemunhos úteis. Os mais jovens devem ser abordados para falar de suas vivências e avaliá-las em função da atualidade, no confronto entre o que vivenciam e o que gostariam de vivenciar, entre o que lhe é ofertado e os desejos que expressam. As faltas e o que é ofertado, entre os ideais idealizados como possibilidades de ser e ter e os que são e o que possuem. Esse balanço existencial sempre em relação à cidade, os seus lugares e os seus significados.

Esboço de um roteiro de entrevista

IDENTIFICAÇÃO: localização no tempo. Identificação de circunstâncias (em torno de que fato ou evento) que ligam o indivíduo à cidade.

Recorte do tema ou da abordagem temática pelo pesquisador a partir do material disposto pelo entrevistado. Por exemplo, se se pretende estudar a influência da estrada de ferro no Recôncavo, a entrevista pode começar por fazer o entrevistado discorrer sobre sua experiência ou dar o seu testemunho sobre o trem de ferro, como era usado e visto pela sociedade de sua época. O entrevistado é o ponto de referência, é dele que os fatos devem partir, interpretados por sua memória, pelo seu viés pessoal. Isso não impede que o entrevistador discuta informações controversas de domínio público, diante das quais a posições assumidas.

Uma grande enchente, assim como uma seca prolongada, ou ainda uma epidemia etc., são pontos aos quais a memória se liga para reconstituir uma época, um modo de ser, ou ainda, acontecimentos paralelos. A narração se apóia numa grande variedade de situações como se elas lhe fossem correlacionadas. Os fatos e as situações acontecem no tempo, mas o tempo é fragmentado ou adensado em torno de alguns acontecimentos enquanto dilui tantos outros, a exemplo os fatos da vida cotidiana que não adquirem relevo. É preciso estar atento para o fato de que todo indivíduo é uma construção social e que enquanto entrevistado, este indivíduo estará refletindo a comunidade em que vive, as suas práticas e predisposições. O modo de ser do povo, o seu *ethos*, passa por cada indivíduo no medida em que o impregna. É preciso saber distinguir com clareza, aquilo que é idiossincrático e o que é da coletividade como um patrimônio comum. Para Queiroz (1988, p. 36): “A história de vida é portanto técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social”

A memória é uma construção social e é precisamente neste ponto que se deve buscar a extensão do indivíduo no social e do social sobre ele, de tal modo que não é mais possível separar uma biografia particular do contexto histórico em que viveu e vive. A história de vida, entretanto, é uma narrativa que emana do narrador, mas ao mesmo tempo este narrador é, ele próprio, uma narração da sociedade.

ROTEIRO DE ENTREVISTA:

- Identificação
- Circunstância e fato da narrativa. Delimitação do campo de experiência existencial.
- Rede associativa do narrador com o campo delimitado
- Explicitação da narrativa e suas inter-relações com outras narrativas.
- O destaque do viés da narrativa.
- O narrador como personagem da narração.
- Os limites da narração.

Tomemos o exemplo: queremos saber como se deu a expansão da cidade numa determinada época. Escolhemos um entrevistado que nos foi indicado como um dos conhecedores dos fatos da época, começamos a entrevistá-lo:

— É do conhecimento de todos, ou de quase todos, que em 19.. se deu o fato....

— Bem, não foi bem assim, quem viveu naquela época...

A partir do posicionamento do narrador o entrevistador situa-se para fazer as indagações objetivas, cuidando sempre de saber como o narrador tomou conhecimento dos fatos, quais as evidências com que trabalha, qual sua participação pessoal e outros atores envolvidos. Conseqüências e desdobramentos indiretos dos acontecimentos na vida pessoal e de conhecidos do narrador, bem como as transformações propostas por estes acontecimentos na vida da cidade.

A entrevista será direcionada pelo tema e pela narrativa ela mesma. Parte-se do pressuposto de que o acontecimento não é aleatório, não é um mero acaso, e sim algo estruturante. Como tal, as relações estruturais do contexto social devem ser buscadas para que o fato possa ser compreendido o mais amplamente possível e de forma relacional, pois, todos os fatos só têm significado em relação a certas dimensões sociais que precisam ser explicitadas. Com esses dados são feitas a trama de relações sociais em que permite situar o narrador e sua narração no contexto histórico da sociedade investigada. Assim a história de vida, ou o depoimento pessoal pode ser transformado em documento.

Então, vamos fazer um projeto?

Vivemos no dia a dia fazendo muitas coisas, cuidando da vida, trabalhando, estudando e nos divertindo. E tudo isso a gente faz automaticamente guiados pela experiência da vida. Assim passam os dias. Quando queremos alguma coisa, a gente sabe, na maioria das vezes, o que fazer para realizar a nossa vontade e a vida corre simples, sem maiores problemas.

Vamos pensar no fim de semana, pensamos em ir à praia se não chover; mas se chover? Ficamos em casa ou vamos fazer outra coisa qualquer, já que não é bom ir à praia quando chove. E o que significa ir à praia? Simples, toma-se o ônibus e chega-se ao destino estabelecido. É por aí.

— E se chover, vocês vão ficar aqui de bobeira? Que tal a gente ir a uma reunião da associação? Perguntou Carmem.

— E lá fazer o que? Respondeu Clarivaldo surpreso, pois não contava com nenhuma outra alternativa que não fosse a de lazer.

— Ora, quem sabe o que pode pintar! Ontem eles andaram discutindo sobre os problemas do bairro, sobretudo da violência que está ameaçando todo mundo.

— Violência é coisa de polícia, e polícia é tão violenta quanto os bandidos e nessa eu não entro. Declarou taxativo Edmilson do Espírito Santo, mais conhecido como Ede, por uns, e em casa e pelos mais íntimos, de Milsinho.

— Olha lá, broder! Violência é problema de cada um de nós porque ninguém está livre dela; seja marginal ou nós, quando desaba é como chuva, cai na cabeça de todo mundo.

— É, mas só se for aqui, porque lá em Ondina onde eu trabalho não tem essa coisa daqui não. Lá não tem violência, até a polícia é educada, aqui é que é esse sufoco, cada um por si e Deus já não está prá ninguém. Declarou Rosa com certo ar de superioridade.

Houve um momento de silêncio. Miltinho, então, interveio:

— Pôxa! Que discussão! E tudo por causa da chuva que ninguém sabe se vai acontecer ou não. Se fizer sol, adeus violência e tudo fica como antes; se chover, a gente vai então pensar nessa coisa?

— Espero que chova, e bem forte. Disse Carmem com decisão.

— Chova ou faça sol, eu agora estou com isso na cabeça e eu vou para a associação. Eu vivo aqui e lá, mas sou daqui e não de lá, onde apenas trabalho. Porque a vida pode ser boa em Ondina e ruim aqui em nosso bairro? Será que a gente tem que viver como condenado?

E assim foi. Decidiram todos, até Ede disse que ia. E no domingo lá estavam; não chegaram de vez, em turma, vieram Carmem, Jorge e Capeta; depois Milsinho e aí foi pingando e iam sentando nas últimas filas de cadeira. Seu Manuel, presidente da Associação, Lúcia, a secretária, estranharam um pouco a presença daqueles jovens, mas se sentiram satisfeitos. Era uma luta atrair a juventude para discutir os problemas do bairro, eles só queriam festa, namoro e vagabundagem.

Uma mulher comentou com a outra: — Veja, olha quem está lá atrás! E a outra fofocou: o que será que eles estão aprontando?

Desconfiança, surpresa e ao mesmo tempo alegria. E aí começou a reunião. Falou um, que confiava no prefeito; outro culpou o governo; um mais disse que pobre não tinha valia e aí travaram discussões e mais discussões sobre tudo e foi quando Carmem falou que a conversa mudou de rumo. O que ela disse? Perguntou, simplesmente:

— Acho que não adianta nada ficar se lamentando se a gente não tem nenhuma proposta concreta para apresentar.

— E que proposta é essa. Indagou com irritação o homem que confiava no prefeito.

— Sem proposta não se chega a lugar nenhum; de falação já estou cheia. Aqui todo mundo está fingindo de que não aconteceu nada, mas agora eu digo o que todos sabem, mas têm medo de comentar.

— Não vem cutucar o cão com vara curta...

— E vamos deixar o cão cutucar a gente todos os dias e não fazer nada? Protestou Carmem.

— E o que ouvimos de noite? Foram gritos, choro, palavrões. E o que ouvimos mais? Tiros. E o que foi que aconteceu? Lá estava o rapaz crivado de balas, não foi? E isso é novidade?

— Onde moro isso não acontece não! Disse uma mulher revoltada e uma voz de homem concordou.

— Isso aqui é comum, gritou uma voz do meio da platéia. E o presi-

dente da Associação, com sabedoria, declarou — De fato, se não acontece aqui acontece lá, mas o que acontece lá pode acontecer aqui, de modo que ninguém está livre da desgraça seja aqui ou lá.

E assim se passou a manhã. E já de volta, Rosa disse — Vamos fazer um projeto nosso, dos jovens daqui do Subúrbio?

— Que tipo de projeto? Perguntou Carmem.

— Um projeto para a paz!

— Uma caminhada? Perguntou Milsinho.

— Uma coisa mais concreta, duradoura, que possa ter resultados positivos.

— E como é que se faz um projeto? Pense em que projeto você faria e quais as etapas a seguir.

Pense, imagine, crie e diga como vai realizar o seu projeto!

- Qual o campo de ação — o que quer, aonde quer chegar, que meios vai utilizar, como vai fazer e quanto vai custar. Mas se pergunte, vale a pena o esforço? O custo compensa?
- Uma idéia: descreva a sua idéia, diga o que ela significa e dê a justificativa; ou seja, porque é importante e vale a pena fazer tal coisa.
- Objetivo — diga o que você espera alcançar. Se você quer ir à praia, de modo simples seu objetivo é chegar lá e lá você se divertir; mas se você quer reduzir ou acabar com violência, por exemplo, o assunto é mais complexo, mas seu objetivo é o de reduzir a violência, não?
- Quando você quer alcançar uma coisa maior (fim da violência), o objetivo principal ou geral, você pode também alcançar outros objetivos mais próximos, que você pode denominá-los de “específicos”. Por exemplo, se penso que a instalação de um complexo social é uma das condições para reduzir a violência, eu também posso pensar que a preparação dos jovens, através de cursos especiais, pode ser um objetivo específico, assim como uma campanha de mobilização, ou outras ações.

- Então temos: um objetivo geral e objetivos específicos. E o quanto queremos realizar? Pense nisso. Se queremos fazer um curso, ou constituir um grupo de teatro, ou uma banda, vamos envolver quantas pessoas, quantas apresentações vamos fazer, em que lugares, em que época? Então vamos quantificar: meta é quantificação e toda quantificação envolve custos, não é mesmo? Vai custar quanto?
- É viável? Isto é: temos condições de fazer? Existem os recursos? Temos meios para realizar o que queremos? Temos a capacidade? E em quanto tempo faremos o que estamos planejando?
- Então vamos relacionar todos os custos: o que é preciso em bens materiais, isto é, o que é preciso construir, comprar ou pagar a pessoas. Fazer um orçamento segundo as rubricas de desembolso dos recursos: material permanente, construção, serviço de terceiros, pessoa física, pessoa jurídica, material de consumo, serviços bancários etc.

— Vamos então fazer uma exercício?

1. Natureza do projeto;
2. Definição do projeto;
3. Justificativa;
4. Objetivo mais geral;
- 4.1 objetivos específicos;
5. Metas;
6. Custos e
7. Cronograma — disposição ao longo do tempo das ações.

Bem, por enquanto é só. No mais a gente conversa, mas depois de vocês terem esboçado um projeto. Discutam o que vale a pena ser feito e depois como é que vão realizar a idéia.

Tchau! Um abraço.

Em casa de farinha pouca...

— Olho grosso!

Sal grosso limpa o corpo. Banho de folha, sacudimento etc., são algumas das receitas tradicionais para proteger a pessoa, livrar de mau olhado, de olho grosso e outras tantas coisas que quando pegam o corpo aberto entram e o adoecem.

— Inveja? — aquela que matou Caím na porta do botequim...

— Morreu? Antes ele que eu! Arruda! Folha de guiné"! patuá! Tira o olho!

— Maluquice? Quem diria, heim!

Mas vamos lá: todos nós moramos numa cidade e a nossa é Salvador. Todos nós moramos numa parte dela, e a nossa é o Subúrbio. O que isso quer dizer? Moramos num determinado ambiente, num meio social. Sabemos o que é ambiente? Bem, vamos pensar nisso: ambiente são todos os elementos que se encontram inter-relacionados e que permitem a gente viver nele, porque a gente é também parte dele. É uma definição de nosso ambiente urbano. Mas o ambiente do sapo, do caranguejo, dos peixes etc., não precisa de nossa presença, aliás, quando nós entramos nesses ambientes geralmente a gente os desorganiza e até destrói, acabando com a vida que lá estava.

Mas vamos voltar ao nosso ambiente — o lugar de todos, ao qual nos adaptamos para sobreviver e o modificamos para melhorar a nossa condição de vida — Certo?

Pois bem, dentre os nossos objetivos certamente está aquele em que queremos subir socialmente, ter mais conforto, melhores condições materiais e espirituais. Assim a gente pensa e procura caminhos para a realização desses objetivos. Sabemos que a educação é uma condição necessária, pois sem ela as nossas possibilidades são muito limitadas; então a gente estuda e procura ganhar dinheiro, mas não é fácil. A escola tem muitos defeitos, emprego é difícil, o bairro não ajuda, é precário e são tantos os fatores negativos que até parece uma conspiração contra a nossa vida.

Mas hei de vencer! Deus há de ajudar!

Você já pensou... É com você mesmo! — Já pensou que é muito difícil uma pessoa sozinha, por conta de si mesma, resolver os problemas que estão afetando a sua vida? Por exemplo, a moradia decente, espaçosa e bonita; as ruas pavimentadas, limpas, sem esgoto correndo a céu aberto e sem lixo acumulado? Aí você diz, é culpa da prefeitura, dos políticos, que não olham para o nosso lado.

Como a gente não vive só e como os problemas são de todos de uma mesma vizinhança, de um mesmo bairro, você acha que pode resolver a sua vida independentemente do meio em que você vive, isto é, do seu ambiente? É por isso que você espera ganhar na mega-sena?

Se você é sortudo, tudo bem, você se safá! Ganha e vai à busca de um lugar bom, bonito e seguro para morar e lá você faz sua vida; mas se você não tem essa sorte, o que você faz? Fica aí de bobeira à espera que alguma coisa aconteça ou que apareça alguém para consertar o que está errado e estragado?

E se você se juntar com outras pessoas que têm coragem e disposição para enfrentar os problemas, será que pode fazer alguma coisa? Pense naquela fábula antiqüíssima que fala: “a união faz a força” — e faz! Não é mesmo? Tem pesos que você não levanta sozinho ou sozinha, mas se juntar mais gente e coordenar o momento da força, eis que o objeto pesado é elevado; o peso se distribui e fica mais leve para cada um. Mas vamos pensar de outro jeito, vamos imaginar que estamos diante de uma força que nos constrange; que nos aborrece no dia a dia. E se a gente se une contra ela, o que acontece? Isso! “A união desfaz a força” e a gente fica livre do incômodo, do constrangimento, daquele aborrecimento diário.

Então pensemos: eu sozinho, ou sozinha, não tenho muitas chances; se moro num determinado meio social, só posso modificá-lo se mais gente quiser a mesma coisa que eu; se eu quero modificar meu ambiente, então devemos mobilizar mais gente, pois cada um isoladamente ou conjuntamente é parte do ambiente. E então eu vejo que: sem união, sem solidariedade, sem objetivos comuns e, sobretudo, sem ação comum, não fazemos muita coisa não! E não adianta ficar esperando que venha alguém de fora e faça o que os de dentro não quiseram fazer.

A coesão e a solidariedade são fundamentais para a gente mudar o nosso ambiente, de nada adianta dizer: “em casa de farinha pouca, meu pirão primeiro”, nem botar olho grosso em ninguém. O importante, então, é buscar fazer associações para a realização dos interesses coletivos e aí cada um vai ser beneficiado, pois todos trabalhando ou lutando por um objetivo como cada qual recebe o atendimento que sozinho não conseguiria. E assim vamos: “Um por todos, todos por todos” e assim vai ter pirão pra todo mundo.

Atores, funções, ações e localização: artes de fazer e de inventar

A observação ecológica da cena urbana, da trama de relações em que se envolvem os atores e agentes sociais, deve registrar com maior clareza possível o ambiente em que as cenas se desenrolam nas ruas. Os atores em foco são os meninos e meninas, mas há outros que desempenham as mais diversas funções, a exemplo de adultos, que podem ser mães ou pais, ou ainda irmã ou irmão mais velho. É importante observar se algum tipo de relação de parentesco - relação familiar - ocorre nas ruas. Há guardadores de carros, pessoas que se apropriam de determinados espaços públicos e passam a administrá-los, no sentido de tê-los sob reserva para torná-los disponíveis para clientes. Este tipo de ator, por ser um “dono de lugares”, e assim sendo, tem uma permanência sistemática na rua, acaba por se constituir, de algum modo, em referência para os demais freqüentadores desses espaços. Evidenciar os tipos de relações que se estabelecem entre este tipo, mas também com outros, a exemplo da baiana de acarajé, vendedores de coco e outros, mesmo garçons de bares e restaurantes, ou seguranças de estabelecimentos comerciais. É importante observar também se, quando há pontos fixos de taxi, o tipo de relacionamento existente.

É muito importante observar também como esses atores em foco se relacionam com policiais que fazem o policiamento ostensivos das áreas em observação, levando em conta:

Aproximação, distanciamento, contato, prestação de serviços, discriminação, perseguição etc. Categorias como: eventualmente meninos e meninas se dirigem aos policiais para algum tipo de conversa: informação/queixa ou conversa fiada; se, por outro lado, os policiais procuram esses atores por alguma razão.

Outra observação importante: meninos (as) isolados, em grupo, em grupos e tribos, horários, locais e como agem. Lembrem-se, educadores de ruas, que devem ser estranhados metodologicamente e descritos como se fossem estranhos para que a banalidade dos fatos do cotidiano não

mascare estilos, modos de ser, ações (sempre carregadas de intenções) que expressam visões de mundo, valores, fatores fundamentais para o contato e para a sedução: o que querem, o que valorizam, ao que aspiram, como esperam ser tratados, que disposições internalizam, que disposições têm para fazer novos arranjos e elaborações de contratos etc.

É bem significativo o traçar de uma perspectiva que o menino (a) tem da rua, procurando situar os aspectos positivos para ele (a) que a rua apresenta. Isso pode ser feito através de alguns jogos de simulação de situações na relação Eu e o Outro, ou seja, quando é comigo e quando é com outro. Essas simulações podem ser simples e tornadas complexas na medida em que o contato for mais intenso, de modo que as situações mais íntimas possam ser trazidas para essa simulação, esse faz de conta, esse inventar de situações em que as pessoas são postas ora como atores, ora como espectadores.

Não se trata de traçar um perfil psicológico, mas de avaliar situações objetivas, bem concretas, que representam aspectos da vida de meninos e meninas de rua/na rua, mas também de outros personagens que eles conhecem do cotidiano.

Jogos de avaliação de situações, a exemplo de: olhando esse lugar, quem você vê? (que tipos sociais); em sua opinião, quem está na melhor? E na pior? Identifique os por quês, etc. Esse balanço vai permitir a apreensão de valores e situações referenciais, permitindo a descoberta de caminhos e brechas para a proposição de novos arranjos nas formas de viver, fatores essenciais para a sedução.

Iguais em Direitos e o direito à diferença

Somos iguais, mas somente de certos pontos de vista. Somos humanos e não há dúvidas quanto a isto, pois pertencemos a uma mesma espécie; mas somos diferentes, de tal modo que cada um é um, absolutamente original. Em que somos diferentes? No sexo, na idade, na cor, em altura e por aí vai, pois podemos facilmente descobrir nossas diferenças, assim como também podemos observar traços que nos são comuns. Apesar de tudo isso, somos iguais em nossas diferenças!

E iguais por que? Porque somos humanos, vivemos em sociedade e temos o direito às nossas diferenças, isto é, não devemos ser discriminados porque não somos iguais, pois temos a mesma *essência*. A criança tem o direito de ser criança e ser respeitada como tal; o mesmo se dá com o adolescente e eles têm uma lei específica, que já vigora há dezoito anos, o Estatuto da Criança e do Adolescente, que lhes garante a *cidadania*, os reconhece como “sujeitos de direitos”. As mulheres são diferentes dos homens, é outro gênero, o feminino em face do masculino, mas ambos têm os mesmos direitos sociais, pois são socialmente participantes da sociedade e elementos constitutivos dela.

Em nossa história tivemos um longo período de escravidão, 388 anos, e só a 112 atrás é que foi reconhecido o direito à liberdade de pessoas diferentes dos brancos europeus. E então, durante todo este tempo as pessoas brancas tiveram o DIREITO de escravizar os não brancos? DIREITO, não! Alto lá! Não do ponto de vista ético, mas do ponto de vista político, pois eram os mais fortes e exerceram a força e a legitimaram, isto é, conferiram estatuto legal à escravidão. Assim, nem tudo que é legal é justo ou legítimo, pois o que orienta a visão de mundo é a ÉTICA e não a política, e a ÉTICA parte do princípio: somos humanos, logo somos iguais; logo temos os mesmos direitos universais. E por que são universais? Porque todos podem participar desses direitos: direito à vida, à liberdade, à liberdade de crença etc., como vocês podem ver nos 10 Pontos Básicos do Desenvolvimento Humano, matéria deste curso.

Somos diferentes também em termos sociais e econômicos: em níveis educacionais, em recursos materiais e financeiros. Basta olhar em volta na cidade para sabermos dessas desigualdades, pois elas saltam aos olhos, não? Quanto a estes aspectos dificilmente seríamos iguais, porque os ricos não distribuem a riqueza, ao contrário, querem ser cada vez mais ricos; mas podemos pensar que vivemos em sociedade e que parte do que é social é PÚBLICO, isto é, DE TODOS, da COLETIVIDADE, mas na realidade não é bem assim que acontece! e é por isso que estamos aqui, para ter consciência de que é preciso mudar a sociedade e fazer com que tenhamos acesso aos serviços públicos, tais como educação, saúde, lazer, segurança, trabalho... e assim nos igualarmos socialmente, ainda que economicamente desiguais. Vamos chamar de capital simbólico essa formação educacional, esse acesso a todos os serviços — **que devem ser excelentes** — para compensar as desvantagens e, mesmo, o risco social que os mais pobres, os destituídos e os excluídos vivem.

Vamos marcar as nossas diferenças, vamos reconhecê-las com tolerância, com dignidade, mas vamos fazer valer os nossos direitos para que possamos ser socialmente iguais.

Somos todos de uma mesma e única espécie humana, por isso somos IGUAIS. As nossas diferenças não nos fazem nem menos, nem mais HUMANOS. Somos da mesma essência, o que nos distingue, de fato, são as condições sócio-econômicas, mas isso não nos diminui em humanidade. **Somos iguais! e temos direito às nossas diferenças!**

(Sugestão: fazer jogos com as diferenças de gênero, de cor, de time de futebol, de dinheiro, de idade etc.)

Ao trabalho, no trabalho, pelo trabalho... :

Oficinas de trabalho

O trabalho como necessidade:

O ser humano está condenado ao trabalho — o trabalho constrói o ser humano.

“A forma como os indivíduos manifestam a sua vida reflete muito exatamente aquilo que são. O que são coincide, portanto, com a sua produção, isto é, tanto com que aquilo que produzem, como com a forma como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção”. (MARX e ENGELS, 1980, p. 19).

Vamos por aí — é esse o caminho: somos o que produzimos de nós mesmos. Nos fazemos, de um modo ou de outro, ao fazermos o que necessitamos e da forma como nos organizamos para produzir os bens materiais escrevemos a nossa existência.

Oficina 1: a necessidade, a força e a inteligência

Um homem carrega um objeto pesado. Pode ser uma pedra, um saco de qualquer coisa. O homem é um animal de carga, curva-se sob o peso às costas ou equilibra-o na cabeça.

Alguém sugere:

- Hei! Por que você não divide o peso com outro?
- Boa idéia! Cada qual pega numa ponta.
- Mas, a pedra não tem ponta!
- Bem, vamos pensar. Ao invés de você carregar na cabeça — porque cabeça é para pensar e não para carregar peso... (canta)

“Lata d’água na cabeça

Lá vai Maria

Sobe o morro e não se cansa

Lá vai Maria...”

(Bis)

(Voz em off — você sabia que este samba é alusivo aos morros do Rio de Janeiro, em uma época que a população não tinha acesso à água potável em rede, como se fala aqui, água encanada? Você sabia que ainda em muitos lugares esse benefício ainda não está disponível?)

Mas vamos lá, a cena continua:

— Você pode dividir o peso com uma outra pessoa usando uma extensão.

— Extensão? Sim, alguma coisa sobre a qual você coloca o objeto. E, assim, um segura numa extremidade e outro na outra. A física explica como o peso se distribui e cada pessoa gasta menos energia no esforço que faz. Em outros termos, fica mais aliviada.

— Uma vara e uma bolsa de couro; na bolsa vai o peso e a vara se apóia nos ombros do quem vai à frente e do quem vai atrás.

— Um Bangüê?

— E por que não? Como uma rede, dessas que a gente conhece.

— Ombro a ombro. Como uma padiola ou rede!

(Uma cena se esboça. Como se o diálogo anterior ficasse congelado e novos personagens entram em cena. Entre dois homens, em um bangüê vai o morto, de Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto (1994, p. 172 ss), com música de Chico Buarque de Holanda. Uma pequena encenação ilustra a forma de conduzir o morto, literalmente o peso morto).

(Vejam, portanto, o quanto de conhecimento e de emoções se agrega a um só tempo, para falar de algo trivial. Educação é, portanto, a capacidade de captar as facilidades da comunicação na multiplicidade de percepções dos diferentes atores sociais em interação).

— A quem estais carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa rede?

- dizei que eu saiba.
— A um defunto de nada,
irmão das almas,
que há muito viaja
à sua morada...
(...)
— E de onde que o estais trazendo,
Irmão das almas,
Onde foi que começou
Vossa jornada?
— Onde a caatinga é mais seca,
Irmão das almas,
Onde uma terra que não dá
nem planta brava.
— E foi morrida essa morte,
Irmão das almas,
Essa morte foi morrida
Ou foi matada?

— Até que não foi morrida,
Irmão das almas,
Esta foi morte matada,
Numa emboscada...

Narrador:

(Dois homens carregam uma rede e nela vai o defunto. Os versos de João Cabral de Melo Neto, Vida Severina, ilustram o trabalho e a técnica de dividir o peso. A música é de Chico Buarque de Holanda. Esta é uma história da miséria nordestina, a seca, os assassinatos... a injusta situação da sociedade brasileira desde a fundação do país agrário movido pela escravidão, pelo latifúndio. Hoje o MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra) procura superar a situação de impedimento de acesso à terra como meio de produção. A luta pela Reforma Agrária é uma das mais significativas do povo brasileiro).

O Professor(a) de geografia localiza e descreve a Caatinga no Nordeste brasileiro; a ocupação econômica, os conceitos de latifúndio, de reforma agrária, de produção familiar etc. O de História fala do tipo de ocupação, lembra o ciclo do cangaço e hoje o advento do agro negócio com a produção de etanol. O Professor de literatura fala de Graciliano Ramos, especialmente de Vidas Secas e São Bernardo; de José Lins do Rego, de Seara Vermelha de Jorge Amado, além de outros autores. O professor de sociologia fala da contextualização social, indivíduo e sociedade, só para ficar nesses exemplos e demonstrar a riqueza desse tipo de “conversa”.

O que se quer com esta experiência transformada em prática corrente: Vamos a Habermas (2003, p.36)

Toda integração social não violenta pode ser entendida como a solução do seguinte problema: como é possível coordenar entre si os planos de ação de vários atores, de tal modo que as ações de um partido possam ser “engatadas” nas do outro? Tal engate contínuo reduz o jogo das possibilidades de escolha, duplamente contingentes, a uma medida que possibilita o entrelaçamento menos conflituoso possível de intenções e ações, portanto o surgimento de padrões de comportamento e da ordem social em geral.

Mas, voltemos à dinâmica da ação. Acreditamos que demos uma visão da dinâmica da prática pedagógica. Os alunos conversam com três ou quatro professores sobre um mesmo tema, sob diferentes ângulos que se entrelaçam fazendo sentido. Mas, antes, um pouco mais de esclarecimento do filósofo sobre seu método (HABERMAS, 2003, p. 35):

O conceito “agir comunicativo”, que leva em conta o entendimento lingüístico como mecanismo de coordenação da ação, faz com que as suposições contrafactuais dos atores que orientam seu agir por pretensões de validade adquiram relevância imediata para a construção e a manutenção de ordens sociais: pois estas mantêm-se no modo do reconhecimento de pretensões de validade normativas.

AÇÃO!

Ao trabalho!

O trabalho sempre esteve associado ao sacrifício, mas o ser humano é aquele que difere de todos os outros seres vivos pelo trabalho. Ele se torna o *trabalhador*. Ele é o que faz. O que faz, o faz socialmente, dá-lhe a sua identidade. Somos, então, o que fazemos, não?

Ombro a ombro. Dois caibros agora, uma plataforma retangular no meio. Dois homens carregam coisas pesadas apoiadas nos ombros. Dividem o peso, mas são eles que o carregam e que sofrem com o esforço necessário.

Oficina 2: a mão na roda

Narrador:

Um homem só, uma invenção maravilhosa que faz as coisas rodarem. Houve um tempo em que não se conhecia essa coisa tão trivial, a roda. Só pensar que a roda é uma invenção e que com ela os seus descobridores se tornaram poderosos, podemos, então, ver que a imaginação e a tecnologia nos levam a dimensões jamais experimentadas. Houve povos que jamais conheceram a roda e isso chega a parecer impossível ter acontecido, mas é uma verdade comprovada pela história e pela arqueologia.

A roda na frente, uma forma côncava, duas hastes em paralelo, o corpo do homem se encaixa no vão e suas mãos, pressas às hastes, erguem o carrinho sobre a roda. Carrinho de mão! O outro homem, antes da roda, é dispensado. Um só conduz, com sua força, o carrinho de mão. É de mão a força do corpo e, por isso, até hoje, se fala em “mão-de-obra” ou “força-de-trabalho”. A mão que constrói o trabalho manual, a força física, que sabemos pode ser substituída pela alavanca, como um dia Arquimedes sentenciou: “dê-me uma alavanca e um ponto de apoio e eu moverei o mundo”. A alavanca, ferramenta a elevar o potencial do corpo. Pode ser um pé-de-cabra, um martelo, ou outra ferramenta do gênero, como uma simples chave-de-fenda.

A inteligência humana procura poupar energia — força — procura também economizar ao produzir. Quanto menos trabalho humano melhor! Quanto mais produtivo for o trabalho, maior rentabilidade e menor o tempo consumido. E sabemos que o tempo é dinheiro, não?

Mas as coisas não são tão simples. A tecnologia liberta o homem. Em primeiro lugar faz a cabeça: cabeça não é sustentação de objetos, nem alavanca. Cabeça é para pensar, criar, inventar, imaginar, entrar em devaneio. Cabeça é inteligência e imaginação. A tecnologia salva a cabeça.

Sabem como os escravos eram considerados? “braços para a lavou-ra”, “pau pra toda obra”. O ser humano era reduzido a braços, pernas e sexo! Era esquartejado, nunca era uma pessoa. Novamente: mão-de-obra! Ou mais modernamente, “recursos humanos”.

O baiano, carregador de feira de São Joaquim, depois de inventado o carrinho de mão, cujo peso se concentra sobre a roda dianteira, aprendeu que podia colocar duas outras rodas nas “pernas” do carrinho e, assim, ao invés de *levantar* o carrinho, passa apenas a empurrá-lo! Não é preguiça, é imaginação, capacidade criativa. Reduzir esforços em busca de melhor aproveitamento é sempre alguma forma de inovação.

Bom, não? Quanto menos força empregar menor é a energia consumida. Trabalho é energia desprendida!

Se você pensa em outro tipo de trabalho, aquele que é sutil e delicado, que é serviço e não produção de coisas, o exemplo vale. O aprendizado de línguas, a delicadeza, a polidez, são como *rodas* que fazem deslizar o que antes friccionava, atritava, consumia muita energia.

Bem, não vamos esgotar aqui todas as possibilidades, fizemos uma demonstração para dar concretude ao nosso projeto. Mas, vamos adiante:

1. Pensemos em exemplos e façamos oficinas de trabalho.
2. Mas vamos pensar também em teatro e imaginemos esta peça:

Oficina 3: juventude, trabalho e emprego

Dois amigos conversam em uma tarde de sábado, depois do trabalho na fábrica (indústria). Falam do trabalho, do salário baixo, das dificuldades da vida. Um deles comenta:

— Os tempos estão difíceis. Cada vez mais o custo de vida aumenta e nosso salário é cada vez menor!

(o outro, depois de tomar um gole de cerveja e de um silêncio prolongado, diz)

— Eu já disse a meu filho, se não estudar vou botar ele na fábrica, vou fazer a mesma coisa que o meu pai fez comigo! Porque vida fácil, que eu não posso dar, ele não vai ter não!

Cai o pano. Esta cena se passa nos anos 80. Dez anos depois, já no fim da década de 90, início da de 2000, a mesma cena se repete. Diz o primeiro trabalhador, tomando a cerveja no início da tarde de sábado:

— Eu ainda tenho a sorte de estar no emprego, de não estar vivendo o que agora se passa com você, desempregado.

— Pois é! Depois desses anos todos estou no olho da rua; e o pior que não é fácil encontrar outra ocupação, há meses que estou desempregado.

— O mesmo pode acontecer comigo a qualquer momento. Eles sempre acham alguma forma de dispensar o trabalhador. Mas, para mim, o pior é esta rapaziada, esta moçada toda sem possibilidade de trabalho. Se no passado meu pai falava em me botar na fábrica, o que eu posso dizer hoje a meu filho?

Fim. Fecha-se a cortina.

Por que pensamos em trabalho? A resposta é óbvia, mas precisamos ir além e pensar no slogan do Fórum Social Mundial: “Outro mundo é possível”! O que queremos? Quem somos? E o que fazemos?

Somos um projeto em nós mesmos: projeto de si.

Somos um projeto de nós;

Somos um projeto de nós para a sociedade;

Esperamos que a sociedade seja um projeto para nós;

O que mais podemos dizer? Querer e fazer? Temos além do presente o tempo futuro?

No palco das ruas

Em qualquer cidade do mundo as pessoas são também a configuração urbana. Mas há pessoas que se tornam, efetivamente, parte da paisagem, como uma casa, uma árvore, um exemplo de arquitetura, um monumento, uma rua ou uma praça. Essa gente de rua se personaliza, representa sua identidade como um tipo e, assim, torna-se uma personagem.

A Mulher de Roxo, como uma personagem misteriosa, fazia parte da Rua Chile, também o guarda Pelé, este em sua coreografia sobre um pequeno podium a ordenar o trânsito na mesma rua. Florípedes também ali desfilava espalhando o seu charme em uma época eivada de preconceito contra homossexuais e travestis.

Doidos, excêntricos, desafortunados, desocupados e ocupados fazem parte da coleção de imagens que narram uma cidade. Cosme de Farias, por exemplo, ao andar pelo centro histórico de Salvador, era acompanhado de uma pequena multidão de gente que esperava dele a proteção material e simbólica. Era como um messias a salvar gente e a dizer aonde ir. Os miseráveis da esquina da igreja de Santana, a comida — sempre a sopa — de Nair Saback, dissolvidos na coletividade anônima dos desafortunados contrasta com a singularidade da demência do homem da *ordem*, o ex-policial civil, arrogante quando mais jovem, com o seu rebenque sempre à mão, agora um velho e teimoso apitador no trânsito na Ladeira da Praça.

São seres permanentes, figurativos, paisagísticos e espetaculares. Não são anônimos como tantos milhares de pessoas que circulam pela cidade, são, de fato, referências da vida cotidiana que não passam despercebidas e que ali e acolá estão para serem vistas, diálogo mudo e secreto da imagem a produzir nos outros o imaginário daqueles seres misteriosos que são, eles próprios, narrativas de si mesmos, das suposições e das ruas da cidade em que eles estão.

Às vezes nos perguntamos quem são aquelas figuras humanas que teimosamente estão naqueles lugares, naquelas horas do dia ou da noite,

que se servem da cidade, das ruas e dos lugares públicos como se fossem deles, no duplo sentido de se apropriarem dos lugares e de serem eles mesmos apropriado por eles, de tal modo se, por um acaso, ali não estiver um deles, é como se um prédio fosse demolido, ou mudada radicalmente a sua pintura.

Na memória da Rua Chile estão os três personagens citados: a Mulher ade Roxo, o Guarda Pelé e Florípedes, assim como a Casa de Chá do Palace, a Civilização Brasileira, a Sloper. Outras tantas personagens excêntricas estão por outras ruas e por toda a cidade, palco de cenas da vida, trágicas ou não, mas sempre dramáticas a narrarem o drama humano. Uma cidade é sempre uma sucessão de acontecimentos em uma paisagem que se conserva em si mesma ou na memória construindo uma identidade. Produz, sempre, no ordinário da vida cotidiana fatos extraordinários que nos excitam. Nos diz Dickens (1996, p. 27): “Um fato extraordinário a merecer reflexão é o de que cada ser humano se constitui num profundo e indecifrável enigma para todos os demais”. Estes seres podem ser misteriosos ou explícitos, mas são como atores encenando o drama cotidiano. Hoje, à moda de Calvino(1998) contemplamos fascinados a ausência das personagens findas e com curiosidade e excitação o enigma daquelas outras que nos oferecem o espetáculo de suas presenças.

Uma cidade é sempre misteriosa, as ruas nos espiam, as casas nos olham de dentro de seus mistérios e as pessoas, indecifráveis algumas, encenam para nós o mistério do mundo, o grande enigma humano: a loucura, a singularidade.

Uma noite inesquecível

(oficina literária em Mata Escura)

Naquela noite lobisomem, caipora, mula-sem-cabeça — certamente botando fogo pelas ventas —, e outros seres estranhos saíram em assombroso estardalhaço pela mata, espantando cobras e lagartos, também pássaros, pirlampos e corujas de todos os tipos, sendo que uma delas, a Coruja Matreca veio até o alto da rua e pousou no galho mais saliente do ipê.

A revoada das corujas, gaturamos e noitibós foi o coro lúgubre de pios tristíssimos que pareciam vir do ventre do mundo, das tristezas enterradas e que deveriam ficar sempre assim, sem nenhuma comunicação com a superfície, pois pareciam ser o sentimento amargo do mundo ao qual não se pode retornar e que dele se guarda a nostalgia do sem retorno, do irreversível, da morte.

Foi uma tristeza aziaga, anunciadora de muitas desgraças e cada qual sentiu em si e a seu modo o que lhe aconteceria, mesmo sem saber precisamente o que, como se soubesse a certeza de que algo ruim iria acontecer e assim sendo, já acontecia ali mesmo e naquela hora maldita. Deveria ser já a meia-noite, embora ninguém ali estivesse preocupado com o tempo e, portanto, nenhum deles soubesse a hora daquele acontecimento nefasto, mas só as portas abertas da meia noite permitiriam tanta coisa.

Depois dessa noite fatídica, muitas coisas aconteceram e a ela foram atribuídas as causas; a origem de tudo como um encantamento de maldição. Em primeiro lugar, foi quando Antonio Pinho, do Ponto Três, Trouxe a notícia da revolta do seres encantados na Mata. Foi só ele falar e começou a troça, a gozação, pois ali quem iria acreditar naqueles seres que a gente só conhece em histórias pra-boi-dormir? daquelas que entram pelo pé-do-pato e que saem pelo pé-do-pinto e que pedem que contem mais cinco?

Mas, ele afirmou ter visto e ouvido e que ficou todo arrepiado, de cabelo em pé, e na verdade, estava mesmo, mas poderia ser efeito do vento, pois ele viera esbaforido pela rua e chegara com o coração na mão.

— “Verdade verdadeira, gente, pelo meu Senhor do Bonfim, por minha Mãe Nossa Senhora, por todos os Santos dessa nossa Bahia e dessa nossa Mata Escura encantada, por todos os nossos orixás, meu Xangô, meu Pai Oxalá”. Valei-me!

— Vai perder o fôlego, o pouco que lhe resta convocando toda essa gente santa neste ambiente de pecado, velho. Protestou Belmiro.

E foi assim que tudo começou. O velho Antonio Pinho foi tratado como uma criança, ou melhor, como um velho mesmo, e tolo, cheio de credence e que veio no rastro do medo na noite. Estava assim, na algazarra das gozações, cada qual com a sua contra o pobre homem arrepiado, que aceitara a cachaça para aliviar a tensão que Honorino lhe ofereceu, porque ali tudo se resolvia pelo líquido, se fosse para aquecer: cachaça ou conhaque; se para esfriar, a cerveja; se fosse alegria e tristeza, a receita era a mesma; de modo que para tudo a solução era líquida e certa, um gole, mais outro, mais outro, outro mais até ficarem grogues.

Mal a cachaça chegou ao estômago, passando quentinha pela goela, acalmando os nervos só em sentir aquela descida por dentro do corpo, e antes mesmo que tivesse tempo da cusvida que se segue ao primeiro gole, Antonio Pinto voltou a arrepiar-se, pois foi ele o primeiro a ver a grande ave volteando, mas antecedida das vozes soturnas; sim, porque aqueles pios e aqueles cantos tristes entravam nas pessoas como mensagens a arrancar do fundo de cada qual as suas tristezas mais íntimas e profundas, até mesmo as desconhecidas que se alojavam no que é mais interior do recôndito da alma.

Todos se calaram. A grande coruja espantou o vento e suavemente se alojou na árvore em frente ao Mercadinho e Bazar Santo Inácio, que era também bar e que funcionava sempre e quando tivesse fregueses, e era o caso de varar a noite quando Belmiro e sua gente lá iam para conversar, jogar dominó, gamão ou dama, ou mesmo só para tomar umas e outras e jogar conversa fora, coisa que mais se fazia, de dia ou de noite, e de noite, de quando em vez, se ia até o amanhecer.

A Coruja Matreca, tão logo chegou, exibiu a envergadura de suas asas abertas, mas logo as fechou como se se cobrisse com um manto em solene pudor. Outras aves também vieram e se foram, delas ficaram em bicadas agudas os pios fúnebres nas almas ressentidas, com suas mensagens funestas.

Expressões tensas tomaram lugar do relaxamento de antes, quando se brincava com tudo e com todos. As risadas se apagaram. Ali, em frente, como a desafiá-los, a grande ave, em sua densa penugem, a cabeça contornada por um colar quase branco a destacar o amarelo escuro dos olhos penetrantes de sinistro topázio aceso na noite. A expressão de uma doce calma contrastando com a agudeza do olhar e do bico não menos sinistro. Ela emitiu um só rouco, como uma estranha saudação que as aves da noite — e só elas — procedem, como se dissesse que ali estava e que eles, se pudessem, ficassem à vontade.

Belmiro se enfezava. Sua expressão era de uma carranca. Quem o conhecia sabia que o homem estava à beira de uma explosão de ira e ele irado era incontrollável nos primeiros momentos, quase tão imprevisível quanto um louco em sua loucura. Ordenou, com voz forte, pronunciando com clareza o nome do proprietário do Mercadinho e Bazar Santo Inácio, Honorino Raposo da Anunciação, que providenciasse mais uma, e essa mais uma era outra cerveja para dar seguimento à noitada interrompida pela ave de agouro ali pousada e atenta aos movimentos daqueles homens, pois deles não tirava os olhos de topázio.

Belmiro queria desafiar a assombração e, com isso, reafirmar sua liderança, alimentar sua fama de homem destemido que jamais levava desafora para casa. Foi um alívio para todos a chegada da nova cerveja, que não deu pra meia missa e logo mais uma, pois era preciso que viessem como contas de um rosário, porque os copos não podiam ficar vazios. Mas, apesar disso, se observava que havia desconfiança entre os homens. Estava inseguros e intimidados. A história de Antonio Pinho estava viva, e de assombração até o mais corajoso dos homens tem medo, por isso Belmiro era observado por todos.

Repentinamente, como se a voar, Belmiro deu um salto como se fosse um espantalho, balançando os braços a nadar na noite em frente à grande ave agourenta. Todos se estremeceram, mais ainda Antonio Pinho, o único de copo vazio, ainda sentindo o calor da cachaça e pensando nela. Ninguém esperava aquele gesto súbito. A pantomima de Belmiro foi assombrosa para todos, menos para a Coruja Matreca que, quase impassível, senão fosse o piscar dos olhos de topázio. Imóvel, portanto, e sem sentir-se surpreendida, muito menos ameaçada, desmoralizou Belmiro.

Antonio Pinho sentiu, pela primeira vez, alívio, vontade mesmo de rir daquela cena patética. Honorinho, pasmo, sorriu como uma raposa, escondendo sons e fazendo uma careta de disfarce. Se Belmiro o tivesse surpreendido em seu sarcasmo o mundo viria abaixo e, no mínimo, ficaria no prejuízo da conta daquela noite. Evelino Santiago, este sim, se evidenciou e em bom tom disse — “o bicho nem tum pra ti, Belmiro!”

Foi a dica para a descontração de todos e vieram os risos e os comentários jocosos, sem, no entanto, afrontar Belmiro, que procurando consertar as coisas repetiu o gesto, sem a mesma ênfase, duas outras vezes. A Matreca, apesar da vivacidade de seus olhos, parecia entediada, embora permanecesse atenta em sua missão, pois é o que devia ser, a de estar ali e vigiar aquela gente, como acreditava piamente Antonio Pinho.

Henrique Alvarenga acrescentou — “Esse bicho só sai daí quando o sol raiar. Coruja é da noite, não convive com a claridade do dia”.

— E nós com ela? Não era uma pergunta, mas uma decisão. Deixá-la de lado e continuar a fazer o que faziam antes. Ordenava Belmiro, mas sem perder de vista a ave pelo canto dos olhos.

Bulhões ponderou que talvez fosse melhor eles se irem. — “Amanhã é outro dia”.

“A noite ainda é menina”. Disse Flauberto Azevedo, o biscateiro.

“Eu tou que tou”. Disse Antonio Pinho e ergueu o copo vazio para Honorino, sinalizando a necessidade de nova dose.

— Já que vocês não se deixam esquecer, então seu Pinho, que desordem é essa lá na Mata? Belmiro quis, então, colocar as coisas em pratos limpos.

— E eu é que sei! Vinha lá do terreiro de Pai Agostinho quando me deparei com a algazarra. O Lobisomem passou correndo que nem me viu, felizmente, pai Oxalá me protegeu. E veio o Caipora, e eu nem fumo tinha naquela hora, poderia estar perdido por lá até agora. E veio a Mula-Sem-Cabeça com o fogaréu pelas ventas. E não foi só, tinha bichos e mais bichos, uma correnteza, um vuco-vuco de fazer inveja a qualquer cristão. Deus me livre de presenciar de novo tal coisa na vida!

— Você viu mesmo ou está inventando, seu velho?

— É invento meu isso aí que está lhe olhando?

Belmiro e os outros se voltaram para a Coruja Matreca. Ela era a

prova do que Antonio Pinho contara. Ela não estava só, ou pelo menos não estava, pois outras vieram, também gaturamos, noitibós, curiangos, caborés-de-orelha, também pirilampos, grilos e tanta gente mais que parecia legião.

A ave agourenta piscou os olhos amarelos e não fez nenhum movimento diante dos olhares dos homens que pareciam fulminá-la.

— To sentindo uma gastura, acho que vou para casa. Manoel Ferrollho sentia-se, de fato, incomodado. Algo em sua barriga roncava e o arrote não saía. Vontade tinha e até fez esforço para destampar-se; depois veio o enjôo, depois a dor que se juntou ao enjôo, depois o medo de vomitar ali, depois a coragem de dizer que ia embora.

— Tu vai é se cagar! Sentenciou Belmiro virando o copo de cerveja com vontade e logo em seguida pediu a Honorino outra, e acrescentou — esta na conta do cagão!

Ferrollho não se fez de rogado. Desapareceu deixando uma boa noite rouca, mal ouvida. Não demorou a sumir no alto da ladeira e quando todos se voltavam para seus lugares na mesa ouviu-se um grito terrível que arrepiou a todos ali.

Honorino franziu a testa. Até então ele mais atendia os outros do que participava das conversas. Sentiu uma enorme vontade de também ir para casa, mas lhe passava na cabeça que aquele grito poderia ter sido de Ferrollho atacado na rua. Trabalhara todo o dia e já ia pra lá de meia noite e era uma quinta-feira, nem ainda fim de semana e já estavam naquela farra toda, tão fora de dia. E agora aquele acontecimento nefasto. Disse, então, como quem se desculpa — Acho bom a gente encerrar por hoje, pois nada de bom pode acontecer numa noite como esta.

— Madrugada! Corrigiu Belmiro, como se o advertisse. Flauberto concordou balançando a cabeça.

— Vai lá, seu Pinho, veja o que aconteceu lá no alto da ladeira. Pode ser que Ferrollho esteja morto de tanto se cagar. Ordenou Belmiro de modo estranho.

— Oxente! Ta doido? Eu que já passei pelo pior hoje não vou repetir a dose de jeito algum, por nada nesse mundo. Daqui não arredo, a não ser que o diabo venha me pegar. Deus é mais!

— E você, Flauberto, não tem vontade de saber o que aconteceu?

— Amanhã agente sabe. De noite não se vê nada naquela escuridão de lá, com luz é melhor, é bem melhor. A voz foi diminuindo e o último melhor quase não se ouviu.

— Não reconheci a voz, estava esganiçada. Teria sido mesmo Ferrolho? Ponderou Evelino Santiago.

— Deixa pra lá! Um grito só, ou ta morto ou ta cagado de susto. Nada mais a fazer.

— Devia um ir lá, ou todos pra se ficar sabendo o que aconteceu, porque alguma coisa aconteceu, disso não se pode duvidar. Honorino preferia que todos fossem, assim ele fecharia o Mercadinho e Bazar Santo Inácio e ia jogar o corpo cansado na cama, coisa que bem merecia. Melhor que fossem, todos, e não voltassem para contar história.

— Deixa pra depois. Quem muito quer saber mexerico que fazer. Estou aqui cuidando daquela coruja ali, só saio quando ela se for. Teimosia por teimosia, sou mais eu. Questão de honra. Sentenciou Belmiro.

A Coruja Matreca parece ter percebido o que se passava entre os homens, principalmente o que dissera Belmiro, pois naquele instante alçou vôo com a magnífica abertura de suas grandes asas e desapareceu na escuridão, com um pio agudíssimo de despedida. Todos os olhades a acompanharam perdida na noite. Enquanto olhavam na direção do desaparecimento, eis que da oposta veio ela de novo e com a mesma misteriosa elegância pousou no mesmo galho, poder-se-ia até dizer que no mesmo exato lugar e lá ficou como se dali não tivesse saído.

— Se daqui ninguém foi, ela foi, ela foi primeiro. Murmurou Honorino deixando toda a dúvida.

Evelino Santiago propôs que todos ficassem ali até a luz da manhã, porque naquela escuridão só coisa de ruim podia acontecer. Começou a sentir uma tristeza que crescia de dentro para fora e logo estava soluçando a beira de um choro convulso.

— Que cara é essa, Evelino! Gritou Nilsinho de Holanda que estava tão quieto que é como se ali não estivesse.

Belmiro olhou para os amigos e viu em Evelino Santiago o retrato da tristeza desamparada. “Maldição”, se disse. “Esta noite não acaba bem”.

E o homem explodiu num choro tão convulsivo que cortou o coração de Honorino que não podia ver ninguém chorar, ninguém homem, pois

mulher via e não se contagiava, mas choro de homem o levava de roldão e, assim, associado a Evelino Santiago choraram em coro e logo mais se agregavam Nilsinho de Holanda e Antonio Pinto, para a surpresa de Belmiro e de Vavá Mamoeiro.

No exato momento em que eclodiu a choradeira daqueles homens, um alarido de cachorros tornou-se ensurdecidor. Todos os bichos caninos fizeram coro em melancólico protesto acordando a noite de modo escancarado. Da varanda em frente acendeu-se uma luz e se pode perceber que uma mulher ainda nua flutuava no quarto. Era a única coisa real naquela noite. Belmiro sentiu-se recompensado.

Não demorou muito para se ver a revoada de pássaros da noite como se estivessem de volta de algum lugar. Os pios lúgubres atingiam os corações dos amados e dos mal-amados, crianças e velhos começaram a tossir em uníssonos e a noite tornou-se sonora, ruidosa, estridente e desesperadora.

— “Hoje que a noite está calma...” Cantorolou Belmiro postando a voz para imitar o cantor de boleros.

Vavá Mamoeiro, que parecia bicho matreiro, benzeu-se. — Coisa assim, nunca vi e lá vai o homem pilheriar! Deus é mais!

Os homens continuavam a chorar. Vavá Mamoeiro bebeu todo o copo de uma só vez e foi juntar-se a eles.

— “Por que não paras relógio...” Belmiro tirava um outro bolero e fazia o gesto como se estivesse atracado a uma dama. Era o único a não chorar, mas também o único a cantar.

Choravam os homens, a mulher nua, vez por outra, flutuava na luz da varanda a vagar no quarto, quase diluída em névoa, mas nítida como uma girafa e dela não se podia duvidar de que não fosse real.

Talvez aquela aparição fosse um encantamento que vinha da estranha seresta de Belmiro, ainda ladravam todos os cães, de todos os tamanhos, de todas as raças. Talvez por isso estivessem em silêncio os gatos que costumavam arranhar à noite. Os grilos faziam pano de fundo aos cães e à seresta de Belmiro. Certamente que foram todos eles juntos os culpados pela insônia da mulher nua e talvez fosse ela a responsável pela insânia de Belmiro.

Ninguém percebeu quando o galho do Ipê ficou vazio. Vinha já a fresca manhã orvalhada quando os chorões, cansados, dormiram abraçados, arriados nas cadeiras. O sol amarelento veio devagar e logo um chuvisco fino e comprido agulhou a manhã com insistência. Nenhum ruído agora, nem de tosse, nem de ronco, e muito menos de vozes de animais de qualquer tipo. Um boi passou pela rua sem prestar atenção em nada, apenas passou cumprindo o seu destino. Depois veio uma mulher com uma trouxa na cabeça. Foi então que Belmiro se deu conta de si. O copo vazio e aqueles homens todos como em uma corda de caranguejo e ele, elo perdido, não se recordava o que tinha acontecido. Sentiu-se violentamente cansado, absolutamente exausto.

Depois de tudo isso, lá na boca da Mata, o Lobisomem, o Caipora e a Mula-Sem-Cabeça, cobras e lagartos, grilos e pirilampos e caborés-de-orelha; gaturamos e curiangos e uma revoada de borboletas brancas e amarelas, sob a fina chuva, saudaram a manhã que chegava numa grande ciranda antes que o sono os afogasse no esquecimento da imaginação e o dia seguisse seu curso normal.

O juízo Final:



Vieram todos e todas atendendo ao chamado do Senhor que, entretanto, não lhes abriu as portas, mas nem por isso se desesperaram, ali estavam livres da chuva, do pequeno dilúvio daquele dia nublado e choroso. Sem remorsos, no quentinho do cimento da escadaria enxuta, na paz de Deus dormitaram ou simplesmente esperaram a chuva passar. Ao contrário dos homens, não estavam na chuva para se molhar.

Gey Espinheira – foto de Antonio Mateus Soares

PARTE III

— OFICINAS DE TEATRO —

“Uma noite terrível”

Apresentação: Sobre o que fizemos, Projeto Convivência Arte & Criação

Petinha Barreto

A arte é uma grande aliada da educação e pode servir de base trabalhar valores éticos para desenvolver e despertar as capacidades criadoras, agindo como um veículo transformador do sujeito aprendiz em cidadão reflexivo.

Baseado na teoria de Platão, Read (2001), defende que a arte deve ser a base da educação, visto que ambas as áreas interagem diretamente no processo de formação do homem. Ele considera a Arte o fio condutor para a integração do conhecimento, não fazendo distinção entre Arte e Ciência, sendo a primeira a representação e a segunda a explicação de uma mesma realidade. (Platão, *apud* Read, 2001).

Nesse sentido, questionamos: o que é a arte? A Arte pode ser considerada como um diálogo permanente entre o homem e o mundo, por meio de linguagens que interagem entre si, transformando-se constantemente. Ela se apresenta através das diversas linguagens: música, dança, teatro, plástica e literatura.

Baseado nestas descrições sobre arte, o Projeto Convivência Arte & Criação se desenvolveu. Desde que começamos na Mata Escura, ele tem provocado impactos positivos; estes impactos têm se dado em vários níveis, e representam uma importante contribuição para a discussão dos problemas locais na busca de soluções. Utilizamos-nos de uma metodologia muito simples, com um princípio, um meio e um fim.

O início do projeto se deu através da sensibilização, os jovens iam chegando, curiosos, desconfiados, dando muita risada das coisas que falávamos e fazíamos. Para eles, tudo era muito novo, os educadores, as propostas, nossa forma de trabalhar a literatura, a dança, o teatro, a música e artes plásticas.

Diziam, eu não sei fazer nada disso, parece impossível, é tudo muito difícil, mas não quero sair do projeto. Respondíamos, quer aprender a desafiar, experimentar o impossível? Vai amarelar agora que conseguiu passar no teste através da sua redação?

No processo de desenvolvimento deste projeto, nós arte educadores, apresentamos alguns textos, a maioria de Gey Espinheira, todos eles com a preocupação de formar um cidadão consciente, capaz e com disposição de enfrentar desafios.

Em “Uma Noite Terrível”, texto de Gey Espinheira que aborda o tema violência, foi discutido de forma construtiva onde os jovens deram suas opiniões e elas se incorporam ao texto que motivou o espetáculo. Espetáculo este, que será apresentado daqui a pouco. Durante o processo das oficinas de arte fomos experimentando várias formas de comunicação. Cada texto era discutido e analisado em grupo, através da linguagem que cada arte educador propunha, sempre com o objetivo de fortalecer uma cultura voltada para a paz. Os textos apresentados foram democratizados pelo grupão que se dividiu em subgrupos que faziam suas interpretações. O mesmo texto era dramatizado, coreografado, musicado, desenhado e reescrito. Cada educador fazia o registro do que mais lhe chamava atenção. Quando partimos para selecionar o texto do espetáculo, não foi difícil, pois tínhamos por escrito, análise de todos eles e vimos que Uma Noite Terrível tinha marcado pela violência contra a mulher, a criança, principalmente pelo descaso à vida do ser humano. Aproveitamos o que os jovens escreveram demonstrando repúdio a este tipo de situação e in-

serimos suas falas dentro do texto de Gey. Teve também a interferência de Patrícia quando pediu que colocássemos um poema. Estou fazendo igual ao espetáculo, começando pelo fim.

O Teatro de Atores não Atores

Atores porque esses jovens incorporaram o projeto Convivência Arte & Criação cumprindo um papel de transformação. Não atores porque eles estão fazendo teatro pela primeira vez, logicamente não são atores. Apenas estão se comunicando através da arte. No grupo têm alguns poucos jovens que já participaram de oficinas de teatro, mas quem nunca as fez, não fica atrás. Todos estão lindos, enfrentando uma situação nova, alguns suando frio, mas estão aí. Quem não está presente, é porque está trabalhando, afinal, hoje é sexta feira, dia de *trampo*.

Tivemos pouquíssimos ensaios, é verdade. Uma coisa é certa, as cenas que serão vistas por vocês, nasceram em cada aula, apenas juntamos as peças que fez nascer o espetáculo *Uma Noite Terrível*.

Podemos chamar este espetáculo de jogral, de colcha de retalhos ou de fuxico de conhecimento ou mosaico bem colorido de idéias, porque ele foi conduzido ouvindo opiniões de vários alunos; aí eles foram ficando misturados iguais a uma feijoada, cozido, bolo de frutas, etc.

É importante falar sobre o processo, muito mais importante ainda, é ver o espetáculo com essa moçada tão inteligente e ousada.

Para finalizar, quero dizer que a arte é um produto da criatividade humana, que utilizando conhecimentos e técnicas e um estilo ou jeito pessoal, transmite uma experiência de vida ou uma visão de mundo, despertando emoção em quem usufrui.

Obrigada.

Teatro

Uma noite terrível⁴

Cravou a enxada no barro com a força da raiva e a puxou de volta com o barro preso no metal escuro de extremidade prateada pelo gasto. Com um gesto rápido de predador, enfiou a fina estaca como quem dá o golpe fatal com a lança no dragão que jaz no solo. Não olhou para o homem que a vigiava com respeito e temor. Há pouco, quando ele a empurrou, e disse que em briga de foice mulher fica de fora, ela arredondou os olhos terríveis e disse entre dentes com uma ira insuportável — Sai de lado, seu desgraçado! Ele foi fulminado por aquela sentença, pois foi de condenação seu olhar e de maldição o que exclamou. O homem recuou e deixou a mulher ocupar o seu lote, afastando-se um pouco mais e dando-se ao trabalho, com rapidez, antes que outro tomasse aquele pedaço de terra na encosta onde tantas centenas de pessoas, como garimpeiros ávidos, abriam covas para plantar os marcos de seus lotes no erguer de barracos naquela invasão que ia tomando forma favelada de lugar de morar.

Foi assim que Elvira construiu a sua morada e tornou-se vizinha do homem que tentou afastá-la, e até mesmo tornou-se conhecida e dada. Quando a disputa acabou e a vida transcorreu normal, quando toda aquela terra ficou ocupada de gente, de barracos tão próximos, tão de lado, tão de cima e de baixo, naquela encosta de morro irrequieto, de onde se podia ver o mar. Era ali Bate Coração, um novo bairro que surgiu em Salvador.

Naquela noite, de algum lugar vinha a voz de Nelson Gonçalves, no mais era quase silêncio. No barraco de dois vãos, sala e cozinha, ronronavam Elvira, seu filho menor, Gustavinho, e os três outros, Alberto, Adriano e Denilson — doze, treze e dezesseis anos. Sonos inquietos, pois se mexiam e por vezes Denilson falava desassossegado em seus pesadelos. Era um ronronar constante e variado, só a geladeira interrompia, em intervalos regulares, o som macio de sua vigília com uma trepidação ligeira. Uma lâmpada permanecia acesa na cozinha, que era também o lugar em que Elvira dormia com Gustavinho. A luz mortiça vigiava a noite que seria insuportável na escuridão absoluta.

Assim estavam todos naquela noite morna quando se deu o estrondo e os seres horrendos irromperam e lançaram fogos de seus olhos, trovões de suas bocas e raios de suas mãos. Elvira levantou-se estupefata e num gesto maternal pegou o pequeno Gustavinho e cingiu-o contra os peitos fartos e quase despídos, erguendo-se e gritando por Deus num desespero inimaginável. Denilson foi agarrado pela primeira gárgula e gritava, os outros dois, sem nada falar, olharam com olhos espantados que logo foram fechados pelo fogo que vinha das mãos dos anjos infernais que levavam Denilson para o inferno com eles, a implorar que o deixassem, que não o matassem. Mas eram anjos infernais e vingadores, não eram humanos, tinham asas pontudas, garras afiadas, e suas cabeças eram como de lagartos, sem face, sem orelhas, só boca e olhos chamejantes. Vociferavam, gritavam insultos, obscenidades em meio a trovões e raios.

Denilson se desvencilhou das garras dos anjos infernais, vingativos e exterminadores, não voou com eles, ficou, no entanto, fulminado na rua estreita e enlameada, chafurdado no barro. Depois o silêncio enorme, no vazio imenso da noite eterna, silêncio que todos os moradores vigiaram em sentinela, apavorados com os trovões e raios que há pouco os acordaram. Só as criancinhas, que choraram e que ninguém as ouviu por um certo tempo, adormeceram depois do susto. Os outros todos, guardando o respeito pelo grande silêncio que era medido pelo compasso dos soluços, dos gemidos e por vezes dos gritos lancinantes de Elvira. Todos esperaram que o amanhecer purificasse o infernal acontecimento daquela noite assustadora, aquele momento de juízo final que se abateu numa daquelas casas.

E quando veio o sol, na sua pressa de fazer logo o dia, da escuridão que tudo dissolvia o corpo de Denilson tomou forma definitiva na rua, contorcido em dor e desespero de fuga inútil. E lá dentro, Elvira afogava Gustavinho em seus seios volumosos e o embalava no seu arfar de consumição. Alberto e Adriano, cada qual torto a seu modo, estavam horrivelmente mortos. Em Adriano ficou uma das garras de um dos anjos infernais cravada no pescoço. Foi assim que os vizinhos, arredios e pasmos, contemplaram aquele dia que se seguiu à noite do Juízo Final, cuja única testemunha fora Elvira, já àquela hora emudecida e ausente.

NOTAS

- 1 (TRAKL, Georg apud HEIDEGGER, 2003, p.12)
- 2 Disciplina semestralmente ofertada nos últimos anos no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pelo professor Carlos Geraldo D'Andrea Espinheira (Gey Espinheira).
- 3 FREDIANI, Alexandre Apsan. Ferida Aberta. Edição de Gabriel BOIEIRAS. Documentário produção da tese de doutorado Hausing Frealom World Bank and Powery Alleviation Squatter settlement Upgrading in Salvador da Bahia, Brazil em Planejamento na Oxford Brookes University, 2007.
- 4 Financiado pelo Ministério da Justiça e executa pela Universidade Federal da Bahia em convênio com o Ministério Público do Estado da Bahia. (CRH-UFBA)
- 5 Financiado por programa Petrobras Cultural e executado pela Fundação Ondazul da Bahia.
- 6 Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) com recursos complementares da Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia: “Novas tecnologias de prevenção à violência”. (CRH-UFBA) 2007.
- 7 “[...]. Admitamos que todos los idealistas admiten: el carácter alucinatorio del mundo. Hagamos lo que ningún idealista há hecho: busquemos irrealidades que confirmen ese carácter”. (BORGES, 1994. p. 258.)
- 8 Tradução Fernando Pessoa.
- 9 Tradução de Godim da Fonseca
- 10 A este amável contraditor eu responderei que a adolescência não é somente um período importante da vida, mas aquele único em que se pode falar de vida em seu sentido pleno. O homem é um adolescente diminuído.
- 11 No passado, agora já distanciado em duas décadas, trabalhar desde criança em uma pedagogia familiar e uma virtude pessoal; hoje, com a proibição do trabalho infantil e adolescente, até os dezesseis anos, a vida se canaliza para o estudo e para os prazeres estéticos, em muitos casos com difíceis articulações no ambiente familiar e nos círculos de amizade.
- 12 Primeira máquina de fiação automática.
- 13 Pronunciamento na Reitoria da Universidade Federal da Bahia sobre a ACC (Atividades Curriculares em Comunidades) no lançamento do semestre de 2002 da atividade de ACC pela Pró-Reitoria de Extensão a convite do Pro-Reitor Dr. Paulo Costa Lima.
- 14 Texto adaptado ao teatro por Petinha Barreto e apresentado como trabalho final do Projeto Convivência, Arte & Criação, no dia 31 de novembro de 2007, no auditório do Centro de Recursos Humanos (CRH) da UFBA. A partir do espetáculo realizado, o autor ampliou o texto produzindo um outro intitulado “Uma mulher e tanto!” na espera de dar continuidade ao Grupo de Teatro de Mata Escura constituído pelo projeto.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

ALBERONI, Francesco. O erotismo. Tradução Élia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Esse acontecimento, que só Elvira presenciou, foi noticiado pela imprensa de modo bem simples: “Justiceiros fazem mais uma chacina no subúrbio ferroviário de Salvador”.

APOLLINAIRE, Guillaume. As façanhas de um Don Juan. São Paulo: Max Limonad, 1986.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. In Machado de Assis, obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.

AZEVEDO, Paulo Ormino de. El Pelourinho de Bahia ,cuatro décadas después. Íconos 21. Revista de Ciencias Sociales. FLACSO. Ecuador, enero 2005.

AZEVEDO, Thales de. O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclos da vida. Recife: Editora Massangana, 2004.

BACHELARD, Gastón. A Poética do Espaço. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAUDRILLARD, Jean. A transparência do mal: ensio sobre fenômenos extremos. Tradução Estela dos Santos Abreu. 2ª.ed. Campinas, SP: Papirus, 1992.

BAUDRILLARD, Jean. Da sedução. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1991.

BAUMAN, Zigmunt. Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre senso comum e emancipação. Tradução de Antônio Amaro Cirurgião. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BAUMAN, Zigmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zigmunt. Vidas desperdiçadas. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005.

BELL, Daniel. The coming of post-industrial society. New York, Basic Books, 1999.

BELL, Daniel. The cultural contradictions of capitalism. New afterword by the author; Twentieth anniversary edition. New York: Basic Books, 1996.

- BENJAMIM, Walter. *Rua de mão única*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 5^a ed. 1995, 3^a reimpressão, 2000.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *The social construction of reality*. U.S.A: Penguin Books, 1966.
- BERGSON, Henri. *Lê rire: essai sur la signification du comique*. 23^a. ed. Paris: Félix Alcan, 1924.
- BLOOM, Allan. *Amor & amizade*. Tradução J. E. Smith Caldas. São Paulo: Mandarim, 1996.
- BLOOM, Harold. *Hamlet: poema ilimitado*. Tradução José Roberto O'Shea. Texto integral de Hamlet traduzido por Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas. Volume 1*. Buenos Aires: Emecé Editores, 20^a. Ed, 1994.
- BOUDON, Raymond. *Raymond Boudon*. In. *Le Monde. A sociedade. Entrevistas do Le Monde*. Tradução Sérgio FlaKsman. São Paulo: Ática, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.
- . *Coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- . *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- . *Meditações Pascalianas*. Tradução Sérgio Micele. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRUEKNER, Pascal e FINKIELKRAUT, Alain. *A nova desordem amorosa*. Tradução... São Paulo: Brasiliense, 1977.
- CAEIRO, Alberto. *Fernando Pessoa, obra completa..* Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CAPONI, Gustavo. *Prefácio à sexta edição*. In. MONOD, Jacques. *O Acaso e a necessidade*. Tradução Bruno Palma e Pedro Paulo de Sena Madureira. 6^a.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas e a través do espelho*

e o que Alice encontrou lá e outros textos. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Fontana/Summus, 1977.

CODINA, Pedro Luis Sotolongo; DÍAZ, Carlos Jesús Delgado. La Revolución contemporánea del saber y la complejidad social: hacia unas ciencias sociales de nuevo tipo. Buenos Aires: Clacso, 2006.

DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1980.

DASTUR, Françoise. Heidegger et Trakl: le site occidental e le voyage poétique. Noesis N° 7: La philosophie du XX siècle et le défi poétique. Acessado através de <http://revel.unice.fr./noesis/document.html?id=21>

DICKENS, Charles. Um conto de duas cidades. Rio de Janeiro: Nova cultural, 1996.

DOYLE, Conan. O signo dos quatro. Tradução de Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d, séc. XX.

DURKHEIM, Émile. A divisão do trabalho social I e II. Tradução Maria Inês Mansinho e Eduardo Feitas. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

———. As formas elementares de vida religiosa. Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

EAGLETON, Terry. A Ideologia da estética. Tradução Mauro Sá regos Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

———. Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo. Tradução Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELIAS, Norbert. Perigração de Watteau à Ilha do Amor. Tradução Antonio Carlos Santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

———. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

———. Sobre o tempo. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

———. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

- ELIAS, Norbert. O processo civilizador, v. 2. Formação do Estado e Civilização. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- . O processo civilizador: v. 1. Uma história dos costumes. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- ELIAS, Norbert, SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- ELIOT, T. S. *Quatro quartetos*, Burnt Norton. Tradução Ivan Junqueira. São Paulo: ARX, 2004.
- ENCICLOPEDIA INTERNACIONAL DE LAS CIENCIAS SOCIALES. Edición Española, 1979, da Crowell Collier and Macmillan: New York, 1968.
- ESPINHEIRA, Gey. El patrimônio como domesticación de la cultura. Íconos n. 21. Quito-Ecuador: Flacso: Janeiro de 2005 [69–77].
- . El patrimônio como domesticación de la cultura. Íconos, Quito-Ecuador, n. 21, p. 69–77, jan. 2005.
- . Os limites do indivíduo. Mal-estar na racionalidade: os limites do indivíduo na medicina e na religião. Salvador: Fundação Pedro Calmon, Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia, 2005. 402 p.
- . Paz se aprende no colégio: o capitalismo, os limites dos direitos individuais e a morte do social. In: Cadernos do CEAS n. 218, Julho/Agosto de 2005. Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 2005.
- . (Org.). Sociabilidade e violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Salvador, 2004
- . Imagem da cidade feia e desumana: Salvador vista no Subúrbio Ferroviário. In: Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade. Milton Esteves Júnior e Urbi Montoya Uriarte (Orgs.). Salvador: EDUFBA, 2003.
- . As culturas do Nordeste. In Diaconia no contexto nordestino. Sérgio Andrade e Rudolf Von Sinner (Orgs.). São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003.
- . Mal-estar na baianidade: perdas e danos. In: Cadernos do CEAS n. 200, Julho/Agosto de 2002. Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 2002.
- . La organización del mundo frente a la vida como um infernal enmarañado de cosas. In: Temas de Psicología Social, n. 20, Octubre 2001. Bueno Aires: Ediciones Cinco, 2001. [19–28].

ESPINHEIRA, Gey. A cara do Brasil: em busca da identidade nacional In Cadernos do CEAS n. 186, Março/Abril de 2000. Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 2000.

———. Sedução tecnológica e subjetividade do indivíduo contemporâneo. In Cadernos do CEAS n. 190, Novembro/Dezembro de 2000. Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 2000.

———. Reencantamento do mundo: individualismo e religiosidade no Brasil. In Cadernos do CEAS n. 168, Março/Abril de 1997. Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 1997.

———. Janelas cegas — Pelourinho: a alma separou-se do olho e da mão. A Tarde, Caderno Cultural, Salvador, maio 1995.

———. Abiku: os que nascem para morrer. In Cadernos do CEAS n. 156, Março/Abril de 1995. Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 1995.

———. Branco na memória. In: Cadernos do CEAS n. 152, Julho/Agosto de 1994. Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 1994.

———. A casa e a rua. In. Cadernos do CEAS, nº 145. maio/junho 1993 Salvador: CEAS. p. 24–38.

———. Bate Coração: um estudo sociológico da urbanização periférica da cidade. In Veracidade: Revista do Centro do Planejamento Municipal, nº 3, Ano 2. Set. 92. Salvador-Bahia, 1992. [27–33].

———. Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

ESPINHEIRA, Carlos Geraldo D'Andrea/Gey Espinheira. *Comunidade do Maciel*. Salvador: Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 1971.

ESPINHEIRA, Gey; ESPINHEIRA, Tuna. Vídeo “O Olho da rua”. Texto de Gey Espinheira; Direção de Tuna Espinheira. Salvador: CETAD, 1992.

ESPINHEIRA, Gey e GOMES, Álvaro. Paz só com justiça social: pós colonialismo, multiculturalismo e autonomia dos povos: o desafio do século XXI. Salvador: IAPAZ, (Fórum Social Mundial, Nairobi), 2007.

———. A dispersão e as resistências da (na) América Latina. Salvador: IAPAZ, 2006.

- FREUD, S. O mal-estar na civilização. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FROMM, Erich. Psicanálise da sociedade contemporânea. 8ª ed. Tradução I. A. Bahia e Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FREDIANI, Alexandre Apsan. Ferida Aberta. Edição de Gabriel BOEIRAS. Documento produção da tese de doutorado *Housing Frealom World Bank and Powery Alleviation Squatter settlement Upgrading in Salvador da Bahia, Brazil* em Planejamento na Oxford Brookes University. 2006/2007.
- GALIMBERTI, Umberto. Psiche e techne: o homem na idade da técnica. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006a.
- . Las cosas del amor. Traducción de Chiara Orlandi. Barcelona: Ediciones Destino, 2006b.
- . Os vícios capitais e os novos vícios. Tradução Sérgio José Schirato. São Paulo: Paulus, 2004
- GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.
- . Modernidade e identidade. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. Modernização Reflexiva. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/UNESP, 1997.
- GOFFMAN, Eving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução Márcia Bandeira de Melo Leite Nunes. 4ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar Edt., 1982.
- HABERMAS, Jürgen. Direito e democracia: entre facticidade e validade I. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HAMILTON, José Ignacio Garcia. El autoritarismo hispanoamericano y la improductividad. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.
- HANNOUN, Michel. Nos solitudes: enquêtes sur un sentiment. Paris: Éditions du Seuil, 1991.
- HAIDEGGER, Martin. A linguagem. In A caminho da linguagem. Tradução Már-

cio Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Multitude: war and democracy in the age of empire*. New York: The Penguin Press, 2004.

———. *Multitude: war and democracy in the age of empire*. New York: The Penguin Press, 2004.

HESS, Rémi. *Sociologia da intervenção*. Tradução Carlos Fernandes Maia. Porto: Rés Editora, 1983.

HOFFMANN, E.T.A. *Contos sinistros*. Tradução Carlos Ferreira Henrique. Oscar Cesarotto: no olho do outro. São Paulo: Max Limonad, 1987.

HOGGART, R. *La culture du pauvre*. Paris: Minuit, 1973.

HOUELLEBECQ, Michel. *Extension du domaine de la lutte*. Paris: Éditions Maurice Nadeau, 1994.

———. *Partículas elementares*. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

HUXLEY, Aldous. *Contraponto*. Tradução de Êrico Veríssimo. Lisboa: Ed. Livros do Brasil Lisboa. S.d.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A Invenção de si*. Tradução Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

KAWABATA, Yasunari. *A casa das belas adormecidas*. Tradução Meiko Shimon. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

KUNDERA, Milan. *Insustentável leveza do ser*. Tradução Tereza Bulhões de Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LAFORGUE, Jules. *Moralidades lendárias: fábulas filosóficas*. Tradução Haroldo Ramanzini, Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Iluminuras, 1989.

LAINE, Christopher. *Ghetto Girls: a study in black & white*. Las Vegas: Newfact Library, 1969.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Tradução de Costa Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEWIS, Oscar. *A vida*. Tradução E. A. Terra. São Paulo: Noava Época Editorial, 1973.

- LIMA, Luiz Costa. O redemunho do horror: as margens do Occidente. São Paulo: Planeta, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. Le crépuscule du devoir. Paris: Éditions Gallimard, 1992.
- LLOSA, Mario Vargas. O paraíso na outra esquina. São Paulo: ARX, 2006.
- LOBATO, Monteiro. Literatura do Minarete. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- MANSO, Bruno Paes. O homem x: uma reportagem sobre a alma do assassino em São Paulo. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio: contribuição para uma sociologia da orgia*. Tradução Aluísio Ramos Trinta. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- . *Au creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique*. Paris: Plon, 1990.
- MANGUEL, Alberto. No Bosque do espelho. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MARAVALL, José Antonio. A cultura do barroco. Tradução Silvana Garcia. São Paulo: Edusp, 1997.
- MARX, K. ENGELS, F. A Ideologia alemã. Tradução Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- . *Le Manifeste du Parti Communiste*. Paris: Messidor/éditions sociales, 1986.
- MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida Severina. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MONOD, Jacques. O Acaso e a necessidade. Tradução Bruno Palma e Pedro Paulo de Sena Madureira. 6ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- MORSE, Richard M. A volta de McLuhanaíma: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- . *O espelho de próspero: cultura e idéias nas Américas*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- N'DIAYE, Catherine. A coquetterie, ou a paixão do pormenor. Tradução Artur Lopes Cardoso. Lisboa: Edições 70, s.d. p. 13.

NEGRI, Antonio, COCCO, Giuseppe. *Glob(AL): biopoder e luta em uma América Latina globalizada*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005.

NIN, Anais. *Vênus erótica*. Traduit de l'américain par Béatrice Commengé. Paris: Éditions Stock, 1978.

ONFRAY, Michel. *A política do rebelde: tratado de resistência e insubmissão*. Tradução Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

———. *A razão gulosa: filosofia do gosto*. Tradução Ana Maria Scherer.. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

———. *A escultura de si*. Tradução Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

———. *L'art de jouir*. Paris: Bernard Grasset, 1991.

———. *Le désir d'être un volcan: journal hédoniste*. Paris: Grasset, 1996.

POE, Edgar Allan. *O Corvo*. Tradução Fernando Pessoa. In Edgar A. Poe. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Tradução Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"*. In *Experimento com histórias de vida (Itália–Brasil)/organização e introdução Olga de Moraes Von Simson*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1988. [14–43].

READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIBEIRO, Darcy. *Gilberto Freyre: Casa Grande & Senzala*. In *Ensaio insólitos*. Porto Alegre; L&PM, 1979.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Tradução Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

ROCHLITZ, Rainer. *O desencantamento da arte: a filosofia de Walter Benjamin*. Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru, SP. EDUSC, 2003.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 2ª.ed. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- SADE. *La Philosophie dans le boudoir*. Paris: Booking International, 1994.
- SANTOS, José Eduardo Ferreira. *Travessias: a adolescência em Novos Alagados*. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Tradução Marcos Santarrita. 5^a.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- . *O declínio do homem público — as tirania da intimidade*. Tradução Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SIMMEL, Georg. *La tragédie de la culture*. Introductions de Vladimir Jankélévich; traduit de l'allemand par Sabine Cornille et Phipippe Ivernel. Paris: Editions Rivage, 1998.
- . *Filosofia do amor*. Tradução Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- . *Sociologia*. Evaristo de Moraes Filho (org). Tradução de Carlos Alberto Pavanelli, et al. São Paulo: Ática, 1983.
- . *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Korge Zahar Ed., 2006.
- SOARES, Antonio Mateus de Carvalho. *Conjuntos Habitacionais Populares e sua inserção no tecido urbano da Salvador-Ba*. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, USP. São Carlos/ SP.
- . *Deserdados do mar e segregados em terra*. Relatório Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC), Centro de Recursos Humanos (CRH) UFBA: Salvador, 2005.
- SOUZA, Liêdo Maranhão de. *O povo, o sexo e a miséria ou o homem sacana*. Recife: Guararapes, 1980.
- TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum*. Tradução Denise Bottmann e Eleonora Bottmann. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- TURNER, Jonathan H. STETS and Jan E. *The Sociology of Emotions*. Cambridge University Press, 2005.
- VALLADARES, Clarival do Prado. *Riscadores de milagres*. Rio de Janeiro: Supe-

rintendência de Difusão Cultural da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 1967.

VIAN, Boris. Escritos pornográficos. Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WACQUANT, Loïc. Corpo e alma: notas etnográfica de um aprendiz de boxe. Tradução Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

———. As prisões da miséria. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2001.

WEBER, Max. Economia e sociedade. Vol.1. Tradução de Johannes Winckelmann. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/UNEB, 1991.

WINCH, Peter. A idéia de uma ciência social. Tradução Anísio Teixeira e Vera Freitas de Castro. São Paulo: Editora Nacional, 1970.

WINCKLER, Carlos Roberto. Pornografia e sexualidade no Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

Este livro foi publicado no formato 17x24 cm.
Sua impressão foi feita no setor de Reprografia da EDUFBA.
A Impressão de capa e o acabamento foram feitos na
Gráfica Cartograf, em Salvador.
A fonte de texto é Quadrat. Os títulos, subtítulos e citações
foram compostos em Quadrat Sans.
O papel do miolo é Alcalino 75 g/m².
Tiragem 500 exemplares.

